

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

JÉSSICA PEREIRA DO NASCIMENTO

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO:
ESTUDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

UNIVERSIDADE
FEDERAL
FLUMINENSE

Niterói
2022

JÉSSICA PEREIRA DO NASCIMENTO

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO:
ESTUDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Dimensões contemporâneas da informação e do conhecimento.

Linha de Pesquisa: Fluxos e mediações sócio-técnicas da informação.

Orientadoras (a): Profa. Dra. Michely Jabala Mamede Vogel.

**Niterói
2022**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N244c Nascimento, Jéssica Pereira do
Ciência da Informação e Arquitetura da Informação :
estudo sobre contribuições da Organização do Conhecimento /
Jéssica Pereira do Nascimento ; Michely Jabala Mamede Vogel,
orientadora. Niterói, 2022.
131 p.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/>

1. Arquitetura da informação. 2. Ciência da informação.
3. Organização do conhecimento. 4. Representação do
conhecimento. 5. Produção intelectual. I. Vogel, Michely
Jabala Mamede, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

JÉSSICA PEREIRA DO NASCIMENTO

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO:
ESTUDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 19/04/2022.

Banca Examinadora:

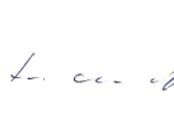


Assinado de forma digital por Michely Jabala Mamede Vogel
michelyvogel@id.uff.br:25368416857
Dados: 2022.07.14 10:39:09 -03'00'

Professora Dr.^a Michely Jabala Mamede Vogel - Orientador(a)/Presidente
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Elisangela Cristina
Aganette:0371577648
Digitally signed by Elisangela Cristina Aganette:0371577648
DN: cn=Elisangela Cristina Aganette:0371577648, ou=UFFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, c=BR
Date: 2022.07.14 16:00:41 -03'00'

Professora Dr.^a Elisangela Cristina Aganette
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Assinado de forma digital por Linair Maria Campos
lmcampos@id.uff.br:63666057772
Dados: 2022.07.14 16:00:41 -03'00'

Professora Dr.^a Linair Maria Campos
Universidade Federal Fluminense (UFF)

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”

(José de Alencar)

**DEDICO AO MEU PAI (IN MEMORIAM) QUE NÃO SAI
DE MEUS PENSAMENTOS E SEMPRE ACREDITOU NOS
ESTUDOS COMO O CAMINHO PARA ALCANÇAR ALGO
NA VIDA. AMO-TE PARA SEMPRE!**

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu melhor amigo, pelo ar que respiro, saúde e pela força que me dá ao levantar e ao deitar;

Ao meu marido, Fábio Carvalho dos Santos, pelo incentivo e companheirismo de sempre;

À minha mãe, Maria Lúcia Pereira do Nascimento, por me amar e me apoiar em todas as ações da minha vida;

Aos meus chefes navais, Vice-Almirante (RM1) José Carlos Mathias e Capitão de Fragata (T) Leniza de Faria Lima Glad, por terem me permitido essa oportunidade de aperfeiçoamento profissional;

À Profa. Dra. Michely Jabala Mamede Vogel, por sempre acreditar no meu potencial e me orientar da forma mais elucidativa que eu poderia receber; e

À minha amiga Alessa Fabíola dos Santos Ceslinski, pela amizade e contribuições durante todo o período do mestrado.

RESUMO

NASCIMENTO, Jéssica Pereira do. **Ciência da Informação e Arquitetura da Informação**: estudo sobre contribuições da Organização do Conhecimento. Orientadora: Michely Jabala Mamede Vogel. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

A Arquitetura da Informação (AI) é um campo do conhecimento da Ciência da Informação (CI) intrinsecamente ligado à Informática e às tecnologias da informação. Diante da produção científica da Arquitetura da Informação, ressalta-se a importância de se estudar a sua fundamentação teórica, que se apropria dos princípios da Organização do Conhecimento (OC), elo entre a Ciência da Informação e a Arquitetura. De cunho teórico e conceitual, este estudo trata de um aporte à compreensão da Arquitetura da Informação sob a ótica da Organização do Conhecimento, de modo que estabelece como problema da investigação a escassez de estudos da AI no âmbito da CI, principalmente no que tange à OC. Constitui-se de uma pesquisa básica, exploratória e descritiva, bibliográfica e de enfoque quali-quantitativo, na qual mapeou-se a produção científica indexada nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-Ibict), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text* (LISTA); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Scopus e *Web of Science* (WoS). Para tanto, empregou-se como método a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), conforme Kitchenham (2004), que considera três etapas: planejamento, condução e publicação dos resultados. Utiliza como recursos tecnológicos a ferramenta Parsifal, para extração dos dados da revisão, e o sistema Mendeley, gerenciador de referências bibliográficas e um facilitador para leitura e fichamento. Como resultado, foram recuperados 80 estudos primários: BDTD-Ibict (12), Brapci (22), LISTA (23), SciELO (12), Scopus (6) e WoS (4), além de (1) incluído manualmente e, após o uso de critérios de inclusão e exclusão, 10 documentos puderam ser considerados aceitos para leitura do texto completo. Conclui-se que a Organização do Conhecimento contribui no desenvolvimento da Arquitetura da Informação por meio dos Sistemas de Organização do Conhecimento, que a auxiliam no tratamento navegacional e descrição semântica dos ambientes informacionais.

Palavras-chave: arquitetura da informação; ciência da informação; organização do conhecimento; representação do conhecimento; recuperação da informação.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Jéssica Pereira do. **Ciência da Informação e Arquitetura da Informação: estudo sobre contribuições da Organização do Conhecimento**. Orientadora: Michely Jabala Mamede Vogel. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

Information Architecture (IA) is a field of knowledge of Information Science (IS) intrinsically linked to Computer Science and information technologies. Given the scientific production of Information Architecture, it is important to study its theoretical basis, which appropriates the principles of Knowledge Organization (KO), which is the link between Information Science and Architecture. Theoretical and conceptual in nature, this study deals with a contribution to the understanding of Information Architecture from the perspective of Knowledge Organization. Thus, it establishes as a research problem the scarcity of IA studies in the scope of IS, especially in relation to the KO. This is a basic, exploratory and descriptive bibliographic research with a quali-quantitative approach, in which the scientific production indexed in the following databases was mapped: *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* of *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia* (BDTD-Ibict), *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (Brapci), Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (LISTA); Scientific Electronic Library Online (SciELO), Scopus and Web of Science (WoS). To this end, we employed as method the Systematic Literature Review (SLR), according to Kitchenham (2004), which considers three stages: planning, conduction and publication of results. It uses as technological resources the Parsifal tool, for extraction of the review data, and the Mendeley system, a bibliographic reference manager and a facilitator for reading and summarizing. As a result, 80 primary studies were retrieved: BDTD-Ibict (12), Brapci (22), LISTA (23), SciELO (12), Scopus (6) and WoS (4), plus 1 included manually, and after the use of inclusion and exclusion criteria, 10 documents could be considered accepted for reading the full text. The conclusion is that Knowledge Organization contributes to the development of Information Architecture through Knowledge Organization Systems, which help in the navigational treatment and semantic description of informational environments.

Keywords: information architecture; information science; knowledge organization; knowledge representation; information retrieval.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tema de pesquisa	23
Figura 2	Subáreas da Ciência da Informação	39
Figura 3	Cronologia da Arquitetura da Informação	49
Figura 4	Os três círculos da Arquitetura da Informação	52
Figura 5	Abordagens da Organização do Conhecimento	62
Figura 6	Protocolo da Revisão Sistemática da Literatura	71
Figura 7	Fluxo da condução da Revisão Sistemática da Literatura	73
Figura 8	Estudos importados na ferramenta Parsifal	74
Figura 9	Resultados da avaliação de qualidade	87
Figura 10	Características dos três domínios	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Artigos recuperados por bases de dados	90
Gráfico 2	Artigos selecionados e aceitos por base de dados para análise	91
Gráfico 3	Quantidade de estudos após aplicação dos critérios de exclusão	92

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Artigos recuperados nas bases de dados	86
----------	--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	A Ciência da Informação e a Arquitetura da Informação no contexto teórico-conceitual e prático	38
Quadro 2	Classificação da pesquisa	69
Quadro 3	Bases de dados selecionadas e áreas do conhecimento cobertas	72
Quadro 4	Fases da Revisão Sistemática da Literatura	81
Quadro 5	Contribuições da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação	88
Quadro 6	Relação de autor aceito por vinculação institucional e país atuante	93
Quadro 7	Objetivos dos trabalhos considerados aceitos	96
Quadro 8	A Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento no contexto teórico-conceitual e prático	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Arquitetura da Informação
AIP	Arquitetura da Informação Pervasiva
AOC	Arquitetura & Organização do Conhecimento
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BIREME	Caribe de Informação em Ciências da Saúde
Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
GC	Gestão do Conhecimento
HTML	<i>Hyper Text Mark up Language</i>
IAI	<i>Information Architecture Institute</i>
IIIA	<i>Information Interaction and Information Architecture</i>
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ISKO	<i>International Society for Knowledge Organization</i>
KOS	<i>Knowledge Organization Systems</i>
MSLIS	Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
PAM	Programa Alimentar Mundial
PARC	<i>Palo Alto Research Center</i>
PPG-GOC	Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento
PMEST	Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo
RI	Representação da Informação
RC	Representação do Conhecimento

RSL	Revisão Sistemática da Literatura
RSLIS	<i>Royal School of Library and Information Science</i>
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
TBCI	Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação
TCF	Teoria da Classificação Facetada
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UP	Usado para
UX	<i>User Experience</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	25
1.2 OBJETIVOS	26
1.2.1 Objetivo geral	26
1.2.2 Objetivos específicos	27
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	27
2 REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1 CONTEXTUALIZANDO A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	30
2.1.1 Ciência da Informação: uma visão conceitual e histórica	31
2.1.2 Características e abordagens da Ciência da Informação	36
2.2 O CAMPO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO	40
2.2.1 O que é Arquitetura da Informação?	41
2.2.2 Contexto histórico	47
2.2.3 Componentes e abordagens	51
2.3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: PONTOS DE INTERSEÇÃO	57
2.3.1 Panorama conceitual e histórico	58
2.3.2 Abordagens da Organização do Conhecimento	61
3 METODOLOGIA	68
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	68
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70
3.3 RECURSOS TECNOLÓGICOS DE PESQUISA	76
3.3.1 Mendeley	76
3.3.2 Parsifal	77
3.4 A REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: PRINCÍPIOS DO MÉTODO	78
3.4.1 Antecedentes e definições	79
3.4.2 Etapas da revisão	80
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	83
Fase 1 - Planejamento	83
Fase 2 - Condução	85
Fase 3 - Publicação	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A – Planejamento da Revisão Sistemática da Literatura	116

APÊNDICE B – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da BDTD-Ibict	119
APÊNDICE C – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da Brapci	121
APÊNDICE D – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da LISTA	124
APÊNDICE E – Condução da Revisão Sistemática da Literatura Manual	127
APÊNDICE F – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da SciELO	128
APÊNDICE G – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da Scopus	130
APÊNDICE H – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da WoS	131

APRESENTAÇÃO

Caro leitor desta humilde dissertação, cabe contextualizar o que incitou esta temática e os caminhos percorridos para que o fio Arquitetura da Informação pudesse ser puxado e daí fosse iniciada uma busca por respostas às questões levantadas. Ressalto que este trabalho é apenas o início das pesquisas exploratórias; pretende-se que as lacunas ora deixadas sejam preenchidas por publicações posteriores.

O tema do projeto de pesquisa defendido para ingresso no programa diferiu do atualmente escolhido, visto que fazia parte de uma demanda profissional que, e quando não escolhido por afinidade ou interesse com a temática, a motivação da pesquisa acaba minando a sua continuidade. A princípio, o título do projeto anterior era “Perfil e competências dos bibliotecários na Marinha do Brasil: passado, presente e futuro” e sua submissão foi à Linha de Pesquisa 1: Informação, Cultura e Sociedade. Outra proposta completamente diferente desta.

Contudo, a migração para a Linha de Pesquisa 2: Fluxos e mediações sócio-técnicas da informação, ocorreu logo após a apresentação do anteprojeto. Foi um convite à outra abordagem pela orientadora, a quem tenho muita admiração e apreço. Irrecusável. Havia vontade de explorar o outro lado também, então foi um bom casamento.

Esta pesquisa, portanto, teve início quando, em 2019, à gerência da Biblioteca da Marinha do Brasil¹, foi recomendada a criação de um *site* que pudesse reunir os serviços, produtos, catálogo e demais atividades realizadas. Pesquisas posteriores sobre o assunto mostraram que aquela atividade de gerir o conteúdo do *site* fazia parte do domínio da Arquitetura da Informação. O fato de pouco se saber sobre o assunto fez com que houvesse um grande interesse pessoal inicial, principalmente pela familiaridade do assunto com a tecnologia; seria uma forma de atrelar a Ciência da Informação com a Arquitetura da Informação.

Também cabe falar daquilo que foi essencial e especial para que este estudo pudesse ser feito: o momento da qualificação. Esse período, entre a decisão por um tema a ser

¹ Biblioteca da Marinha. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/bibliotecadamarinha>.

discutido ao longo do mestrado e o momento da qualificação é recheado de dúvidas e incertezas. E a qualificação foi feita para dirimir essa insegurança que paira no ar.

Retornando à qualificação, contou-se com a presença das Professoras Doutoras Elisângela Cristina Aganette (UFMG) e Linair Maria Campos (UFF) que contribuíram imensamente com o estudo. Diante de todas as sinalizações de alterações, tanto no documento escrito quanto oralmente expostas, pode-se considerar que quase sua totalidade foi atendida, como a indicação de novas subseções do estudo, a adoção do recorte da Organização do Conhecimento para abordagem e demais indicações no conteúdo.

Estar envolvida diretamente nesse projeto de desenvolvimento do conteúdo do *site* fez suscitar qual seria o papel da Ciência da Informação e dos conhecimentos adquiridos no meio acadêmico, em uma atividade que aparentava ser de um cientista da computação. A busca por essa resposta resultou nesta pesquisa. Espera-se, com ela, que os cientistas da informação possam enxergar mais um papel que eles podem e devem desempenhar quando o assunto é Arquitetura da Informação, além de saber um pouco mais as semelhanças entre as áreas.

1 INTRODUÇÃO

A ciência avança com questionamentos e inovações. O caos documentário, a explosão da informação, a avalanche de conhecimento e a revolução tecnológica, mencionados por Souza (2007), foram eventos marcantes que culminaram no surgimento da Ciência da Informação (CI) e garantiram a sua continuidade, desde então, na Sociedade da Informação e do Conhecimento, caracterizada pelos impactos causados pelas tecnologias da informação (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

O registro do conhecimento remonta à Antiguidade com as grandes bibliotecas, como a de Nipur, na Babilônia, a de Assurbanipal e a de Alexandria. Se antes a problemática girava em torno do que fazer e como fazer para avançar com a produção tipográfica, depois emergiu a necessidade de se pôr ordem nos diferentes suportes utilizados, como a pedra, o barro, a madeira, a seda, o papiro, o pergaminho e o papel, para registro desse conhecimento. A produção crescente de documentos, a partir do século XV, com a invenção da imprensa pelo gravador e gráfico Johann Gutenberg, impulsionou e multiplicou, de maneira exponencial, a oferta de conhecimento e conseqüente desordem física do material impresso, dificultando o acesso livre à informação ora produzida (OLIVEIRA, 2011).

Essas transformações inserem dois conceitos no meio social e acadêmico: o de informação e o de conhecimento. O conceito de informação, segundo Capurro e Hjørland (2007, p. 149), “no sentido de conhecimento comunicado”, “refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico.” O conhecimento, por sua vez, refere-se ao que está intrínseco ao ser humano e envolve suas experiências e entendimentos em relação ao que o cerca. Araújo (2014a, p. 58) declara que “a necessidade, por parte dos cientistas, de acesso a informações, resultados de pesquisas, documentos, com eficiência e rapidez; e o fenômeno da explosão informacional, notadamente a explosão da informação em ciência e tecnologia” são dois problemas concretos que contextualizam, historicamente, a concepção da CI.

Diante do excesso de documentos e da necessidade de melhor criar, armazenar, organizar e recuperar esses itens, visando atender às necessidades informacionais dos usuários e permitir o acesso a essa informação, configura-se a criação da CI. Como afirma Fonseca

(2007, p. 8), “[...] a ciência da informação não veio substituir a documentação, eis que seu objetivo é estudar a gênese, transformação e utilização da informação.” O crescimento da informação científica inflama o debate em torno da informação em si, da CI e também da Documentação e da Biblioteconomia, já que sua origem se vincula a esses campos do conhecimento; não só a esses dois, mas também à Informática (PINHEIRO, 2002).

A relação da CI com a Informática que, segundo o dicionário Michaelis significa “estudo da computação e do processamento de informações que abrangem todos os aspectos relacionados ao hardware e ao software”², reafirma seu papel preponderante também nos ambientes informacionais digitais. Sua atividade além do ambiente de informação tradicional, que é o ambiente informacional digital presente na *World Wide Web*, lança mão de outras áreas e subáreas do conhecimento que têm, em seu cerne, ações e estudos também no digital.

Tendo sido criada a CI, cujas características do seu contexto histórico de criação e minúcias das suas relações interdisciplinares serão abordadas na seção 2 alusiva ao referencial teórico, tem-se o surgimento de outro campo do conhecimento científico, também intrinsecamente ligado à Informática e às tecnologias da informação: a Arquitetura da Informação (AI). Termo cunhado e oficializado pelo arquiteto Richard Saul Wurman, na década de 1970, a AI apresenta características similares às da CI, apontadas por Saracevic (1995), como a simultaneidade de objeto de estudo, em torno dos processos e fluxos da informação; contribuição na ampliação dos estudos; e melhoria dos procedimentos à volta da estruturação, representação, recuperação, acesso e uso da informação.

A relação da AI com a CI também perpassa a atuação profissional do cientista da informação no papel de arquiteto. No livro publicado por Wurman, intitulado “*Information Architects*”, o autor define o arquiteto da informação como:

Infor.ma.tion Ar.chi.tect [L. info-tectus] n. 1) o indivíduo que organiza os padrões intrínsecos aos dados, tornando o complexo claro. 2) a pessoa que cria a estrutura ou mapa informacional que permite aos outros encontrar seu caminho padrões intrínsecos aos dados, tornando o complexo claro. 3) a ocupação emergente do trabalho profissional do século 21, que visa as necessidades da época, centrada na clareza, a compreensão humana e a ciência da organização da informação (WURMAN, 1997 apud ROBREDO, 2008, p. 119).

² INFORMÁTICA. In: Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inform%C3%A1tica/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

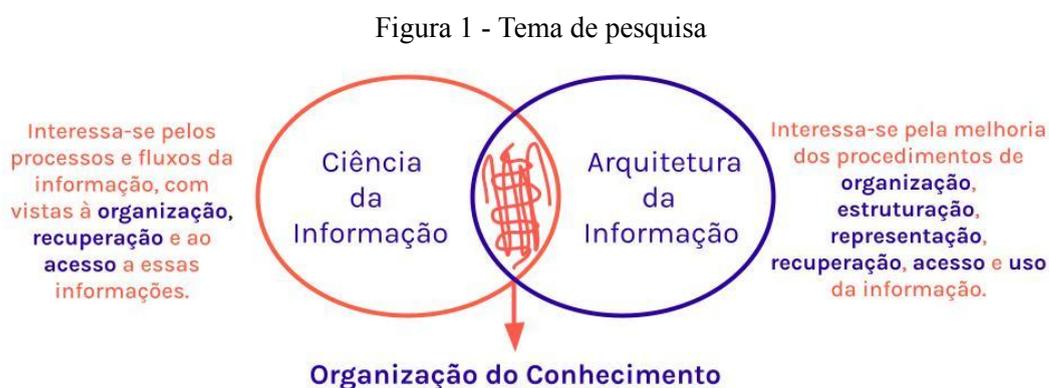
A origem da AI, portanto, não decorre desse novo ambiente digital, mas por ele se consolida, afeta e é afetada constantemente. Lima (2016, p. 50) afirma que “[...] o termo arquitetura da informação surgiu antes da internet, podendo ser utilizado no contexto de ambientes informacionais *off-line* e tradicionais como bibliotecas e empresas.” Retomando a análise histórica, a partir da década de 1970, com a empresa *Xerox PARC* e um grupo de cientistas especializados, dentre eles cientistas da informação, que receberam a incumbência de criar uma arquitetura da informação aplicada às tecnologias da empresa, é que a AI recebe seu primeiro significativo impulso (OLIVEIRA; VIDOTTI; BENTES, 2015). Esse evento mostra o papel, desde o início, dos cientistas da informação na construção da AI. Decorreram-se, a esse episódio, outros marcos históricos da AI que serão abordados também na subseção 2.2 do referencial teórico que a discutirá.

A AI tem um número bastante considerável de produção científica associada à aplicação dos seus componentes na melhoria dos ambientes informacionais digitais, embora esse dado não seja o foco deste estudo. Esses ambientes são definidos por Oliveira, Vidotti e Bentes (2015, p. 31), como uma “[...] macrocategoria com ampla tipologia, que engloba sites, bibliotecas digitais, repositórios institucionais, periódicos eletrônicos, museus digitais, sistemas de gestão eletrônica de documentos, entre outros.” Os autores concluem ainda que “[...] são componentes das ecologias informacionais complexas, compreendidas como um conjunto de espaços e ambientes (analógicos, digitais ou híbridos), tecnologias e sujeitos, todos interligados e conectados de maneira holística por meio da informação.” (OLIVEIRA; VIDOTTI; BENTES, 2015, p. 35).

Para Camargo e Vidotti (2011, p. 43), “os ambientes informacionais digitais são, geralmente, como os ambientes informacionais tradicionais, porém possuem algumas características específicas do meio digital” e acrescentam ao afirmar que “[...] também são conhecidos como sistemas, sistemas de informação, sites, websites, portais, espaços de informação, ambientes de informação, ambiente digital, software, aplicações etc.”

Considerada um campo de estudo da Ciência da Informação por Macedo (2005), Rosenfeld, Morville e Arango (2015) e Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020), a AI tem como missão fazer com que todos os processos que envolvem a informação sejam compreensíveis aos usuários que dela farão uso. Isso não a aprisiona no mundo digital, muito pelo contrário,

pois como definido pelo *Information Architecture Institute (IAI)*³ “a AI está presente em tudo à nossa volta: nos *sites* que utilizamos, *softwares* que acessamos, materiais impressos e até mesmo nos espaços físicos”, e entender seus fundamentos básicos possibilita que sua aplicação seja feita em todos os ambientes, tradicionais, digitais ou híbridos, principalmente quando considerada uma temática dentro do contexto da Organização do Conhecimento (OC), campo de estudo da CI. O tema de pesquisa transita, portanto, entre a Ciência da Informação, a Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento, conforme Figura 1.



Fonte: Elaborada pela autora.

A Figura 1 mostra que a CI interessa-se pelos processos e fluxos da informação com vistas à organização, recuperação e acesso a essas informações. A AI, por sua vez, embora bastante abordada na Ciência da Computação, considera-se um campo do conhecimento da CI, compartilhando do mesmo objeto de estudo e se interessando pela melhoria dos procedimentos de organização, estruturação, representação, recuperação, acesso e uso da informação. Estudando os campos separadamente, percebe-se a contribuição dos componentes da OC, considerada também uma subárea da CI, embora sua abrangência perpassasse outras áreas do conhecimento e esse foi o recorte escolhido por este estudo.

O conceito de organização está amplamente presente e pode ser considerado por diferentes vertentes, e isso acontece, principalmente, com a OC. Quanto ao conceito, propriamente dito, Dahlberg (1978) qualifica os conceitos em individuais e gerais, relativos

³ ABOUT the IAI. In: The Information Architecture Institute. Disponível em: <http://archive.iainstitute.org/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

aos objetos existentes, e apresenta os elementos dos conceitos, identificados pelas características.

Para Rosenfeld, Morville e Arango (2015), a AI articula com os sistemas de navegação, organização, rotulagem, busca e representação, visando uma melhor organização no ambiente informacional digital, nesse caso. Sobre a aplicação dos princípios da AI no aperfeiçoamento desses ambientes informacionais digitais, Guilherme Ataíde Dias, prefaciador do livro *Arquitetura da informação pervasiva*, afirma que

A maior parte dos trabalhos existentes sobre a Arquitetura da Informação volta-se para a construção e avaliação de ambientes informacionais digitais sob a égide da abordagem informacional. Isso não tem nenhum problema, mas esses trabalhos não são adequados para abordar os desafios que surgem quando da fusão do ciberespaço – tal qual como proposto por William Gibson – com os espaços informacionais físicos (OLIVEIRA; VIDOTTI; BENTES, 2015, p. 12).

Isto posto, é possível identificar uma relação direta da Arquitetura da Informação com a tecnologia, com a Ciência da Informação e com a Organização do Conhecimento e cabe ressaltar a criação e contribuição de diversos cientistas da informação no seu desenvolvimento enquanto campo de estudo em construção. De acordo com Camargo e Vidotti (2011, p. 27), “a maioria dos arquitetos de informação é oriunda das áreas de biblioteconomia e ciência da informação, as quais possuem atualmente linhas de pesquisa e disciplina sobre arquitetura da informação.” Além disso, provê à AI o embasamento teórico e prático para o tratamento da semântica e dos conteúdos informacionais (CAMARGO; VIDOTTI, 2011).

Diante da produção científica sobre a AI, ressalta-se a importância de se estudar a sua fundamentação teórica, que se apropria dos princípios da OC, além de estar imersa na CI. O estudo da OC potencializa as discussões envolvendo a representação do conhecimento, que influencia diretamente na recuperação da informação por parte do usuário. Seu caráter interdisciplinar, que será abordado quando da explanação da sua origem e percurso, não usufrui apenas de teorias das áreas e subáreas correlatas, mas carrega consigo muito de sua essência.

Nas cinco leis da Biblioteconomia, criadas no início do século XX pelo indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, autor fundacional da Biblioteconomia, o usuário e suas necessidades informacionais já eram o seu foco principal. A aplicação teórica e metodológica

da OC também sempre teve como objetivo final a satisfação dos usuários, não só a OC, mas as atividades da AI também convergem para o usuário.

Dentre as finalidades da OC e da AI estão facilitar o encontro, acesso e uso da informação, por meio da utilização de sistemas e procedimentos técnicos próprios do campo, com vistas a permitir que esse acesso e uso se deem de maneira clara, objetiva e compreensível, facilitando os fluxos informacionais que satisfaçam às necessidades dos usuários.

Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 4, grifo nosso) apontam ainda, como definição da AI que “[...] dentro da Ciência da Informação, assumiu para si, o desenvolvimento de ações que visassem **organizar, disponibilizar e tornar acessível** toda a informação disponível nos diferentes ambientes visando torná-la mais acessível.”

Este estudo tem como intuito, portanto, identificar os estudos sobre as bases teóricas da AI, em virtude da ausência de pesquisas, até onde pudemos perceber, que explorem seus aportes associados aos estudos da OC no seu desenvolvimento. Ao final, espera-se que esta pesquisa possa, além de ser uma referência na temática ainda pouco explorada, apoiar a fundamentação teórica-conceitual de ambos os campos. Para tanto, apresentam-se o problema e a justificativa que estabelecem a pesquisa.

1.1 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A elaboração desta pesquisa justifica-se devido à necessidade de aprofundamento teórico sobre a Arquitetura da Informação, no domínio da Ciência da Informação, e sua relação interdisciplinar com a Organização do Conhecimento. A literatura mais recente, principalmente a partir dos anos 2000, tem abordado com frequência a temática da AI sob um viés prático, utilizando seus conceitos e componentes para a construção e organização de páginas *web*, como será visto na seção 4 referente à análise e discussão dos resultados. Essa abordagem limita a área enquanto campo do conhecimento que pressupõe conceitos basilares que podem enriquecer outras áreas, além de ser uma possibilidade de verificar quais os fundamentos importados de outras áreas como a CI, sendo a OC esse ponto de interseção.

Sobre a lacuna de fundamentação da AI, Moreira e Bax (2016, p. 20, grifo do autor) ressaltam que “[...] pensar pesquisas de *information architecture* somente em ambiente *web* pode frustrar as perspectivas desta nova área, que ainda precisa adquirir maior reconhecimento dentro da própria Ciência da Informação.” Além disso, os autores apontam a necessidade de aplicação dos princípios da AI para a construção de diferentes ambientes informacionais, para que a própria CI a reconheça mais como uma subárea a ela relacionada.

Baracho (2016, p. 128) aponta que têm sido realizadas pesquisas para discussão dos conceitos e correlação da AI e da CI: “em geral, o termo tem um desenvolvimento limitado aos processos na web e outro que abrange todo o fluxo informacional desde a representação até a recuperação da informação.” Face ao exposto, sendo evidente, com base na literatura, a necessidade de se estudar a AI no âmbito da área de conhecimento da CI, chegou-se à seguinte questão de pesquisa: **quais as contribuições teóricas e/ou práticas da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação?**

1.2 OBJETIVOS

Numa tentativa de responder a questão de pesquisa estabelecida, pretende-se atender ao objetivo geral e objetivos específicos propostos nesta subseção.

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar os aportes teóricos que podem ser aplicados na Arquitetura da Informação, a partir de estudos ligados à Organização do Conhecimento, oriundos da Ciência da Informação.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar o contexto histórico da Ciência da Informação;
- Conceituar a Arquitetura da Informação, apresentando sua origem, os conceitos, áreas e subáreas a ela relacionadas; e
- Analisar as contribuições teóricas e/ou práticas da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A fim de atender às motivações elencadas, este estudo divide-se em cinco seções. A primeira seção traz notas introdutórias ao tema, que reforçam o estudo baseando-se em três conceitos-chave: Ciência da Informação, Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, e segue com a motivação da pesquisa, justificativa, problema, objetivos geral e específicos a serem alcançados e a estrutura da dissertação, que corresponde a esta subseção.

A **Seção 2** inicia o referencial teórico dos campos do conhecimento mencionados, a partir do contexto histórico, abordagens e características da Ciência da Informação, a fim de situar os outros dois conceitos; segue com a Arquitetura da Informação, segunda temática mencionada, que tem suas definições, contextualização histórica, relações interdisciplinares e perspectivas futuras analisadas; e finaliza com uma análise teórica de componentes da Organização do Conhecimento, apresentando seus aspectos teóricos e práticos e sua relação com as outras duas temáticas.

A **Seção 3** descreve o percurso metodológico traçado, para que a pesquisa pudesse ocorrer; apresenta a classificação da pesquisa; uma breve conceituação sobre o processo da Revisão Sistemática da Literatura (RSL), dividido em três etapas sugeridas por Kitchenham

(2004); e traz também uma breve explanação sobre os recursos tecnológicos utilizados para o estudo.

A **Seção 4** explicita e discute os resultados atingidos com o estudo, por meio da análise da apresentação do Planejamento, Condução e Publicação, etapas da revisão sistemática, além de uma subseção com um compilado dos resultados obtidos.

Por fim, na **Seção 5**, são exibidas as considerações finais da pesquisa, que incluem perspectivas futuras quanto à Arquitetura da Informação e à Organização do Conhecimento e as contribuições dos aportes teóricos identificados das áreas. Após essa última seção, seguem-se as referências e os apêndices gerados, contando todo o processo de planejamento e condução da RSL, em cada base de dados utilizada, atuando como complementos ao estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, dividida em três subseções, são apresentadas as definições, abordagens, o contexto histórico e as características e particularidades dos três conceitos que norteiam esta pesquisa: a Ciência da Informação, a Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento, nesta ordem de apresentação.

A explanação sobre a CI tem como objetivo principal situar tanto a AI quanto a OC, considerando dois de seus campos de estudo. Os acontecimentos antecedentes esclarecem a sua finalidade e indicam as ramificações que o seu campo de estudo possui, por meio das relações interdisciplinares com diversas áreas. A importação de conceitos e metodologias dessas áreas correlatas, que compartilham do mesmo objeto de estudo que a CI, o fluxo informacional, propriamente dito, faz com que a AI esteja em constante desenvolvimento epistemológico e prático, pensado e estudado por muitos pesquisadores. A escolha pelo exame da OC no curso da AI tem a ver com a importância dos seus estudos diante das novas tecnologias, tendo as subáreas da OC um papel muito importante diante dos desafios da *web*.

Feita a contextualização da CI, de acordo com a literatura, explica-se a AI. São explicitados os seus conceitos, componentes e sua cronologia que apresentam o conteúdo para a compreensão desta pesquisa, tendo em vista que se trata de um estudo sobre AI, cuja sugestiva subseção apresenta-se no centro da dissertação, aludindo à ideia de tema central da investigação.

Isto posto, na terceira e última subseção do referencial teórico, aborda-se o conceito da OC e seus quatro pontos de interseção com a Arquitetura da Informação, sendo eles a Organização da Informação (OI), a Representação da Informação, a Representação do Conhecimento e a Recuperação da Informação. A OC pode ser definida ora como domínio, ora como processo e foi escolhida como o domínio entre a CI e a AI que exhibe e aplica os componentes de ambos os conhecimentos, fornecendo instrumentos teóricos e práticos para o aprimoramento das duas temáticas. Além disso, associada ao ambiente informacional digital, a OC apresenta soluções semânticas para a *web* que permitem a sua evolução, objetivando sempre a satisfação do usuário a partir do atendimento às suas necessidades informacionais.

2.1 CONTEXTUALIZANDO A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Considerada um assunto complexo e multidimensional, como afirma Borko (1968, p. 2, grifo do autor, tradução nossa) e classificada na subclasse das Ciências Sociais como uma Ciência Social Aplicada, conforme Toutain (2007), a CI “[...] tem como meta fornecer um *corpus* teórico sobre informação que propiciará a melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados à acumulação e transmissão de conhecimento.” Com o intuito de atingir essa melhoria de que Borko (1968) informa, dois relevantes personagens auxiliaram no seu desenvolvimento: Paul Otlet e Vannevar Bush.

Paul Otlet, bibliógrafo e documentalista belga, forneceu, entre o final do século XIX e início do século XX, contribuições preliminares à área em ascensão, ao propor o Museu Mundaneum que, segundo Lazzarin e Oliveira (2015, p. 118), seria um projeto que daria visibilidade a uma gama enorme de documentos produzidos em nível mundial, “[...] na tentativa de reunir e universalizar todos os itens documentários que fossem possíveis de serem captados.” Seu projeto monumental já trazia questões que envolviam o acesso aos documentos, sua classificação, organização e recuperação, temas em debate desde a Antiguidade.

Há quem considere, por sua vez, Vannevar Bush como o precursor da CI (BARRETO, 2007; CRUZ, 2011), tendo provido aportes embrionários da área, que surge no período posterior à Segunda Guerra Mundial. A ação de Bush, que também será elucidada nesta subseção, evidenciou a informação científica e sugeriu tecnologias, presentes desde a gênese da CI.

Por tratar da informação, cujo conceito é abarcado por outras disciplinas, sua construção enquanto área do conhecimento reflete o seu caráter interdisciplinar. Essa característica marcante da área explica a necessidade de importação teórica e prática de outras áreas do conhecimento à construção do seu aporte teórico, como a Biblioteconomia, Documentação e Informática, sem contar as áreas relacionadas à linguagem. Assim sendo, todo esse enredamento servirá para estabelecer a trajetória da Ciência da Informação a partir

das suas definições e seu contexto histórico para, então, ser viável analisar tanto a Arquitetura da Informação quanto a Organização do Conhecimento, consideradas seus campos de estudo.

2.1.1 Ciência da Informação: uma visão conceitual e histórica

Não existe consenso quanto à data de nascimento da CI e alguns autores apontam períodos distintos em que ela foi criada (OLIVEIRA, 2011; NHACUONGUE; FERNEDA, 2015). Embora não haja um ano marcante da sua gênese, devem ser levados em consideração o contexto histórico e alguns acontecimentos que a antecederam e que foram preponderantes para o seu surgimento.

Sobre esses fatos pregressos, Oliveira (2011, p. 10) expõe que

Com a Revolução Industrial deflagrada em toda Europa e nos Estados Unidos, no final do século XIX, a quantidade de informações registradas cresceu de forma assustadora, e várias tentativas foram feitas para realizar um levantamento bibliográfico universal. [...] A biblioteca universal seria de referência dos produtos e não de reunião de acervos. Para coordenar tais atividades foi criado o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), que começou a criar ferramentas para registrar, de forma sistemática e padronizada, as referências dos documentos.

Le Coadic (1996, p. 2), tratando sobre esse período de criação da CI, argumenta que “de origem anglo-saxônica, a ciência da informação nasceu da biblioteconomia, tomando, portanto, como objeto de estudo a informação fornecida pelas bibliotecas, fossem elas públicas, universitárias, especializadas ou centros de documentação.” Araújo (2014, p. 3), por sua vez, expressa que

Nos primeiros relatos sobre o que deveria ser a Ciência da Informação havia a crítica ao bibliófilo, ao bibliotecário erudito, ao historiador atuante nos arquivos – a crítica de que tais profissionais focavam-se no “conteúdo” das obras, na instituição custodiadora, em vez de se preocuparem em promover a disseminação, a circulação e o efetivo uso das obras custodiadas. Foi nessa direção, querendo se tornar uma outra coisa que não a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia desse período, que se construiu o empreendimento da CI.

Já no Brasil, Barreto (2007) informa que o surgimento da CI se dá a partir da segunda metade dos anos 1950, motivado pelo crescimento exponencial de conteúdos após a Segunda

Guerra Mundial (1939-1945); e sua estruturação enquanto campo científico acontece com o início dos cursos de pós-graduação da área, em 1970. De acordo com Oliveira (2011), a Ciência da Informação originou-se na década de 1950 após uma onda de crescente produção bibliográfica, impulsionada pela imprensa de Gutenberg, a fim de investigar todos os processos que abrangem a informação como seu objeto de estudo, iniciando com a **criação, tratamento, armazenamento, recuperação e uso**.

Além dos antecedentes sociais já mencionados, como a revolução científica e a revolução industrial, a dois importantes personagens são confiadas as primeiras contribuições à criação da CI, conforme mencionado na contextualização desta subseção: Paul Otlet e Vannevar Bush. Suas percepções e contribuições teóricas à sociedade, que refletiam os acontecimentos ligados aos documentos (Otlet) e à informação científica (Bush), fizeram com que a eles fossem atribuídos os primeiros construtos da área.

Barreto (2007, p. 2) corrobora a relevância de Bush ao afirmar que, em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, aconteceu “[...] o marco de criação da Ciência da Informação foi a publicação do artigo ‘*As we may think*’ de Vannevar Bush [...] e a consequente reunião de 1948 da *Royal Society*, em Londres [...]” e declara que “Vannevar Bush pode ser considerado o pioneiro da ciência da informação e 1945 sua data fundadora pela publicação do seu artigo” (BARRETO, 2007, p. 20).

Bush (1945), em seu artigo publicado no periódico *The Atlantic Monthly* no ano que findou a Segunda Guerra Mundial, intitulado “*As we may think*”, mencionado pelos autores, traduzido por “Como nós pensamos”, enaltece a ciência, as inovações tecnológicas desenvolvidas e utilizadas atualmente em tempos de paz e incentiva os pesquisadores que não cessem em tornar a ciência mais acessível dando visibilidade ao conhecimento já gerado.

Cruz (2011, p. 11), em uma apresentação da história de Vannevar Bush, ressaltando que ele foi o diretor do Escritório de Pesquisa Científica e Desenvolvimento ligado à presidência dos Estados Unidos no período do pós-guerra diz, sobre o artigo publicado por Bush, que “o foco escolhido foi como os avanços da pesquisa poderiam vir a modificar a forma de se pensar e organizar o conhecimento.”

Ademais, Cruz (2011, p. 12) registra a contribuição de Bush para que todos pudessem ter acesso ao conhecimento gerado, quando imaginou uma tecnologia conhecida como

“memex”, “no qual um indivíduo poderá armazenar todos os livros, registros e comunicações os quais, uma vez indexados, poderão ser consultados de forma automática.”

O artigo apresenta-se como um direcionamento aos cientistas do pós-guerra que agora descobrem o que fazer durante esse novo período; ou seja, aquele conhecimento científico adquirido durante a guerra também pode e deve ser utilizado em tempos de paz. Quanto a esse uso, e mais precisamente no que tange ao conhecimento bibliográfico armazenado pelas bibliotecas, Bush (1945) expõe um cenário de uma biblioteca que contém um milhão de volumes e que poderia, com o uso de microfilmes, se compactar a ponto de conseguir ser armazenada e consultada, o que o autor afirma ser um problema já que entende que o acervo não é consultado em sua totalidade. Por essas e outras observações e suas iniciativas é que sua passagem foi tão relevante para o pontapé inicial da CI.

Nhacuongue e Ferneda (2015) consideram o pioneirismo de Paul Otlet com a publicação do *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique* (Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática), em 1934, por, já naquela época, levantar questões relativas ao livre acesso à informação, à organização da informação, aos usuários, à integração do conhecimento, entre outros pontos importantes e que até hoje são abordados pela área.

De acordo com os autores ora mencionados, nota-se que há uma concordância de que a Ciência da Informação nasce a partir de uma demanda da Biblioteconomia que visava atender à ampliação do seu campo de atuação, que à época precisava pensar, diante da alta produção documental, sobre a informação que deveria ser gerida, tratada, armazenada, recuperada e usada, como anteriormente apontado por Oliveira (2011).

Esse cunho prático da área, associado aos processos informacionais e atrelado ao seu desenvolvimento enquanto ciência em formação é ratificado por Le Coadic (1996, p. 56), ao afirmar que

A ciência da informação identificou e delimitou seu objeto de estudo e seus problemas fundamentais de pesquisa: estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeitos), dos processos e sistemas de construção, comunicação e uso dessa informação.

Definição similar é dada à CI por Rabello e González de Gómez (2017, p. 23), ao afirmarem que “[...] o processo de disciplinarização da ciência da informação tem se

referenciado em processos-chave ou categorias, como organização, disseminação, acesso, recuperação e uso, para citar aqueles que apresentam maior proeminência.”

A criação da Ciência da Informação enquanto área do conhecimento com contribuições da Documentação e de estudos no âmbito da Recuperação da Informação, concebeu as questões relativas ao tratamento, armazenamento, organização, disseminação, recuperação e demais pontos que envolvem a informação para sua organização e posterior acesso.

Segundo Borko (1968, p. 3, tradução nossa), a Ciência da Informação é uma “[...] disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e usabilidade ótimas.” Os dois últimos conceitos, de acessibilidade e usabilidade, formam também o escopo da Arquitetura da Informação e serão citados na subseção 2.2.

Borko (1968, p. 3, tradução nossa) ainda complementa que o cerne da CI é propor soluções aos problemas relativos à “[...] origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.” Ou seja, como o próprio nome já supõe, a ciência, que tem como objeto de estudo a informação, preocupa-se com todos os processos complexos que a envolvem, diante do ciclo informacional da criação, passando pela sua reprodução, disseminação e uso.

Barreto (2007) reforça a definição de Borko (1968) quando considera a prática envolvendo a informação a preocupação central da CI, a partir de sua ocupação com os princípios teóricos e práticos, demonstrando a sua essência perante a criação, organização e distribuição da informação. Essa inquietação evidencia a necessidade de ações que a área precisa desenvolver para resolver os problemas surgidos na sociedade contemporânea.

Assim como ocorre em outras áreas do conhecimento, muitos autores definem a CI desde a sua criação e deve ser dada devida atenção ao fato de que cada definição está inserida em um contexto social e histórico, ou seja, conforme a sociedade avança, a definição da CI, muito influenciada pelos impactos tecnológicos, sofre suas alterações ao longo do caminho. Trazendo a CI para a atualidade, Robredo (2011, p. 31) diz que “no contexto dominado pela cultura da Internet, a Ciência da Informação deve se preocupar com o comportamento dos usuários e com os meios que utilizam para satisfazer suas necessidades de informação [...]”

Para Lazzarin e Oliveira (2015, p. 117),

A Ciência da Informação traz em seu cerne interdisciplinar um arcabouço teórico e metodológico que busca estudar o comportamento da informação para fins de sua recuperação nos mais diversos ambientes e pode possibilitar caminhos satisfatórios.

Le Coadic (1996, p. 26) define a CI como a área que

Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente: a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso.

Oliveira (2011, p. 13), enuncia que “[...] a Ciência da Informação nasceu para resolver um grande problema, [...] que é o de reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento cultural, científico e tecnológico produzido em todo o mundo.” Dentre as definições de conhecimento previstas na literatura, encontram-se, em sua maioria, as associadas ao conceito de informação.

Alvares (2012, p. 24), afirma que a “informação é o conjunto de dados que permite extrair algum significado, podendo favorecer a obtenção de conhecimento”, sendo a informação considerada sob seu aspecto físico e material. Quanto ao entendimento de conhecimento, a autora afirma que “[...] está relacionado com os aspectos cognitivos que ocorrem na mente humana [...]”, ou seja, o conhecimento é uma construção mental a partir da informação absorvida. Sobre as definições de informação e conhecimento, Araújo (2014a, p. 70) declara o seguinte no âmbito da CI:

Conjugando as contribuições dos diferentes autores, é possível concluir então que o primeiro conceito de informação na Ciência da Informação é mais restrito e está vinculado à sua dimensão material, física, sendo o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva quantitativa e positivista. Nos anos seguintes, tomou corpo um conceito um pouco mais amplo voltado para a dimensão cognitiva, sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que existe materialmente) e conhecimento (aquilo que está na mente dos sujeitos).

Dados esses conceitos presentes na CI e estabelecida a sua conceituação e contextualização histórica, é adequado discorrer sobre as suas características e abordagens que, unidas ao seu corpo teórico-conceitual, permitem que a área se desenvolva e evolua.

2.1.2 Características e abordagens da Ciência da Informação

Saracevic (1996, p. 42, grifo nosso) aponta três características marcantes da CI: seu caráter **interdisciplinar**; sua relação intrínseca à **tecnologia da informação**, o que também justifica a sua associação com as problemáticas levantadas pela AI; e, como terceira característica, “[...] a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma **participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação.**”

Acerca da primeira característica, Macedo (2005, p. 57) explica que "a interdisciplinaridade caracteriza-se pelo intercâmbio de conhecimentos, pela transformação das disciplinas e pelo compartilhamento de objetivos." Barité (2008, p. 124) reforça que

Das esferas especializadas, por outro lado, há uma crescente consciência de que nenhuma disciplina tem a capacidade de resolver sozinha os problemas que estuda bem, a complexidade inerente de toda análise é aceita e, portanto, há uma tendência a promover abordagens interdisciplinares.

Saracevic (1995) afirma que a recuperação da informação pode ser considerada a principal fonte das relações interdisciplinares da Ciência da Informação. Borko (1968, p. 4, tradução nossa) ressalta o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação ao relacionar a área a diversos campos científicos, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, entre outros congêneres.

O caráter interdisciplinar da Ciência da Informação demonstra sua abertura à apropriação de conceitos, metodologias e teorias de áreas correlatas, além de estabelecer uma relação direta entre elas no que tange à informação como objeto. Para lidar com problemas complexos, como os envolvidos com a informação, é necessário fazer uso da interdisciplinaridade a fim de obter novas soluções aos desafios.

Para Oliveira, Vidotti e Bentes (2015, p. 37), as práticas de investigação na CI buscam compreender “[...] a geração, construção, disseminação, gestão, armazenamento, recuperação, arquitetura, encontrabilidade, usabilidade e acessibilidade da informação.” Os autores afirmam ainda que seu caráter inter/transdisciplinar, por conta da sua perspectiva

multifacetada, é uma “estratégia para compreensão da realidade informacional.” Capurro e Hjørland (2007) ressaltam que, dependendo do contexto de análise, a CI pode ser considerada uma ciência inter ou multidisciplinar.

A complexidade dos problemas advindos dessas áreas permite compreender a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação, que busca em outras áreas soluções às suas questões, culminando no seu desenvolvimento e fortalecimento enquanto área do conhecimento científico.

Segundo Silva e Souza (2016, p. 2),

A interdisciplinaridade é considerada, na Ciência da Informação, como um de seus fundamentos epistemológicos, com base na multiplicidade de seus aspectos históricos e teóricos e das relações interdisciplinares, a partir de três variáveis que se entrelaçam, a saber, a complexidade do objeto informacional, a formação plural de seus pesquisadores e a conseqüente convergência disciplinar com disciplinas que fazem interface com a área.

Os autores definem a interdisciplinaridade como uma “[...] axiomática comum entre disciplinas que, ao se conectarem, suscitam um novo conhecimento e uma possível nova disciplina” e que a “[...] a interdisciplinaridade, como um movimento de colaboração discutido no conhecimento científico, se constitui a partir da complexidade dos objetos e da relação entre disciplinas.” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 4).

A segunda característica, que a associa à tecnologia, é esclarecida por Saracevic (1996, p. 42) como “o imperativo tecnológico determina a CI [...]. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial.” Os avanços tecnológicos e, em grande medida, a *Internet*, permitiu que a informação em âmbito digital fosse consolidada.

Toda essa ubiquidade das tecnologias, congruente com a complexidade do fluxo informacional que acompanha o usuário onde ele está, principalmente na *web*, fez emergir campos de estudo que pudessem estudar essas demandas, como é o caso da Arquitetura da Informação. Seu uso tem sido amplamente alargado por conta da utilização dos seus fundamentos que servem para aprimorar as páginas *web* disponíveis e até desenvolvê-las. E isso demonstra sutilmente a sua função na CI. Segundo Lazzarin e Oliveira (2015, p. 121),

A Ciência da Informação forneceria os aparatos científicos relacionados aos processos de organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, acesso e uso da informação. Por outro lado, a Arquitetura da

Informação [...] é capaz de fornecer nichos metodológicos e procedimentais para o projeto e investigação das teias hipertextuais complexas.

O Quadro 1 abaixo serve para ilustrar essa relação entre a CI e a AI, no contexto teórico-conceitual e prático, com a finalidade de mostrar pontos convergentes e divergentes, antes de entrar no assunto da AI.

Quadro 1 – A Ciência da Informação e a Arquitetura da Informação no contexto teórico-conceitual e prático

	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO
Objeto de estudo	Informação Conhecimento	Informação Conhecimento Documento (SILVA, SOUZA, 2016)
Objetivo	Analisar o processo informacional.	Estruturar, representar e permitir a melhor compreensão e uso da informação.
Características	Interdisciplinaridade Multidisciplinaridade Transdisciplinaridade (SARACEVIC, 1996; OLIVEIRA; VIDOTTI; BENTES, 2015)	Interdisciplinaridade (OLIVEIRA; VIDOTTI; BENTES, 2015)
Finalidade	Tratamento, fluxo, organização e acesso à informação. Atender às necessidades informacionais dos usuários.	Organização e Representação do conhecimento para melhorar a experiência do usuário. Atender às necessidades informacionais dos usuários.
Contexto de criação	Período pós-Segunda Guerra Mundial	Organização do Conhecimento no âmbito empresarial.
Aparato	Revolução técnico-científica Científico (LAZZARIN; OLIVEIRA, 2015)	Revolução técnico-científica Metodológico e procedimental (LAZZARIN; OLIVEIRA, 2015)

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Lima-Marques e Macedo (2006).

Retomando à terceira característica da CI, que a situa como participante ativa na evolução da CI, apontada por Saracevic (1996), para caracterização dessa sociedade, Barreto (2007, p. 14) faz uma dissociação da sociedade da informação e da sociedade do conhecimento após uma reflexão sobre a história da Ciência da Informação:

A Sociedade do conhecimento contribui para que o indivíduo se realize na sua realidade vivencial. Compreende configurações éticas e culturais e dimensões políticas. A sociedade da informação, por outro lado, está

limitada a um avanço de novas técnicas devotadas para guardar, recuperar e transferir a informação.

Além das características citadas, devem ser citadas também as subáreas ou correntes teóricas da Ciência da Informação, por Araújo (2014a), que demonstram as vertentes que dão complexidade à área e dão uma visão mais ampla dos seus rumos, ilustradas na Figura 2.

Figura 2 - Subáreas da Ciência da Informação



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Araújo (2014a).

A primeira subárea, referente aos **fluxos da informação científica**, preocupa-se com a seleção e caracterização das fontes, serviços e sistemas de informação que envolvem o processo de criação da informação científica. A segunda subárea, de **representação e recuperação da informação**, traz traços da Biblioteconomia, no que tange à Organização do Conhecimento, pode-se dizer, para fins de melhorar a recuperação da informação. A relação com a OC destaca-se porque aborda tópicos como a classificação, indexação, organização e representação da informação, visando sempre melhorar a recuperação da informação.

A terceira subárea, sobre os **estudos de usuários da informação**, investiga o comportamento daqueles que configuram a prioridade e cuja satisfação é o objetivo de todos os domínios aqui representados. Araújo (2014a, p. 62) aborda ainda que “busca-se entender o

que é a informação do ponto de vista das estruturas mentais dos usuários que se relacionam (que necessitam, que buscam e que usam) a informação.”

O ponto de partida da quarta subárea, sobre a **gestão da informação e do conhecimento**, segundo Araújo (2014a, p. 63), “[...] foi a percepção da importância da informação como recurso dentro das organizações”, de acordo com as necessidades da inteligência competitiva. A penúltima subárea, de **economia política da informação**, preocupa-se com a disseminação e o acesso à informação de forma democrática por toda a sociedade, atendendo aos problemas sociais e culturais que estão envolvidos nessa “responsabilidade social” da CI, como cita Araújo (2014a).

A sexta e última subárea abrange os **estudos métricos da informação** que, para Araújo (2014a, p. 64),

[...] tem (sic) origem com a bibliometria, a aplicação de técnicas estatísticas para a contagem e estabelecimento de padrões de regularidade em itens informacionais como número de livros, de edições, de autores que publicam em periódicos, entre outros.

A noção da complexidade do objeto da Ciência da Informação, a partir de uma visão geral de suas subáreas, é significativa para compreender o papel da Arquitetura da Informação, em seu processo evolutivo, já que seu desempenho percorre, mais precisamente, nas segunda, terceira e quarta subáreas.

2.2 O CAMPO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

O avanço tecnológico, a Informática e os obstáculos advindos por esse progresso exigem a criação de engrenagens que sejam capazes de dirimir as dificuldades que surgem diante da Sociedade da Informação e do Conhecimento e que impedem o seu desenvolvimento. A informação que é criada, armazenada, processada e transmitida em diferentes suportes revolucionou o modo como as ciências e as organizações entendem, estudam e desenvolvem seus fenômenos, e a AI se encaixa nesse sentido.

Dentro do problema informacional de que trata a CI, no âmbito dos fluxos e processos de todo o ciclo da informação, da gênese ao uso, surge a AI, cujo foco está nas questões

atinentes à estruturação, desenho e representação da informação nos espaços informacionais (MACEDO, 2005). A importância dos estudos da AI é confirmada pela sua finalidade, que é facilitar que a informação confiável seja encontrável pelo usuário, a partir da utilização de aparatos epistemológicos, metodológicos e práticos oriundos de outros campos do conhecimento que também têm a informação como objeto e, por isso, constroem a AI.

Além de lidar com as demandas do objeto informacional e os processos de organização e recuperação da informação, de acordo com Silva e Souza (2016, p. 6), “[...] a arquitetura da informação emerge como temática discutida na CI, em torno da estruturação de conteúdos em ambientes digitais visando à necessidade dos usuários [...].”

O propósito, tanto da AI quanto da CI, é atender às necessidades informacionais dos seus usuários, por meio do desenho dos ambientes informacionais digitais, híbridos ou tradicionais, de bibliotecas e empresas, possibilitando que a informação de qualidade seja encontrável. Mesmo que inerentemente prática, criada para ser aplicada no contexto computacional e aprimorada no ambiente da *web*, com o uso dos seus componentes para a construção e desenvolvimento de *sites*, entende-se que a prática requer corpo teórico consolidado para que o avanço da temática seja efetivo e possível no campo científico.

Isto posto, convém entender esse caminho da AI, de sua prática, definição e essência, em uma busca por reforçar sua própria teoria com base nas diversas visões dos profissionais e áreas que contribuem com o campo, a partir da exposição das suas definições e características de seus componentes, como os sistemas de organização, navegação, rotulagem, busca e representação (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015). Por isso, esta pesquisa não propõe um conceito para a área, mas busca analisar, por meio da revisão sistemática que tem como intuito refletir o estado da arte de determinada área, as definições, o contexto histórico e as características da AI.

2.2.1 O que é Arquitetura da Informação?

O caráter interdisciplinar da AI faz com que seja um domínio que apresenta definições diversas, com baixa uniformidade dos entendimentos, que variam desde a inserção da AI no

âmbito da Ciência da Computação até a sua influência e aplicação nas demais ciências e no tópico da tecnologia, vertentes que vão variar de acordo com a realidade de cada campo e profissional que aplica os seus conhecimentos e a determinadas finalidades.

A AI é considerada um campo do conhecimento (RESMINI; ROSATI, 2011), área e metodologia (MACEDO, 2005), campo de estudo da Ciência da Informação (BISSET ALVAREZ; BRITO; VIDOTTI, 2020; ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015), uma comunidade de prática (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015) e uma disciplina científica (CAMARGO; VIDOTTI, 2011; ALVAREZ; BRITO; VIDOTTI, 2020). Davenport (1998) também a considera como um domínio da área da Tecnologia da Informação.

Nesta pesquisa, julga-se que a AI é um campo do conhecimento científico inserido no âmbito de estudo da CI, embora sofra influências de várias áreas e esteja em construção. Conforme definição proposta por Bourdieu (2004) sobre campo do conhecimento, o autor prega a necessidade de o campo em questão fortalecer suas bases teóricas e garantir seu grau de independência tornando possível seu fortalecimento conceitual como campo de estudo da Ciência da Informação. Além disso, para Bourdieu (2004, p. 20), “a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias [...]”. Segundo Macedo (2005, p. 45), o campo científico se estabelece a partir da “existência de um corpo de conhecimentos distinguível e uma comunidade científica estabelecida.”

Sobre a AI enquanto campo de conhecimento, Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 3), afirmam que

Analisando a evolução histórica da Arquitetura da Informação, pode-se perceber como a mesma se consolidou em um campo de conhecimento que surge a partir da necessidade de prática de, apresentar soluções a problemas reais; no que diz respeito ao acesso e ao uso da imensa quantidade de informações disponíveis nos mais variados ambientes informacionais; que acaba cedendo ao criterioso e imperativo olhar da análise epistemológica na busca por consolidar-se enquanto disciplina científica [...].

Robredo *et al.* (2008, p. 9) complementam que

A fundamentação teórica da arquitetura da informação vem, de fato, da fundamentação teórica da ciência da informação. Sua área de investigação é mais particular, porém os resultados que são buscados, assim como os problemas que estão sendo pesquisados, estão inseridos nos objetos nucleares de pesquisa da ciência da informação.

Sobre a discussão da AI enquanto disciplina, Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 14) afirmam que

[...] Pode-se perceber como a mesma se consolidou em um campo de conhecimento que surge a partir da necessidade prática de, apresentar soluções a problemas reais; no que diz respeito ao acesso e ao uso da imensa quantidade de informações disponíveis nos mais variados ambientes informacionais; que acaba cedendo ao criterioso e imperativo olhar da análise epistemológica na busca por consolidar-se enquanto disciplina científica.

Quanto à explicação da AI enquanto disciplina científica ainda em ascensão, Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 19), afirmam que

O núcleo central da disciplina estaria concentrado nas teorias que colocam os processos de Organização, Representação e Recuperação da Informação em ambientes informacionais, como sendo os elementos norteadores da disciplina.

O *Information Architecture Institute*, organização sem fins lucrativos criada em 2002 e finalizada em 2019, era composta por voluntários entusiastas da área e tinha como missão “tornar a informação do mundo mais clara e fácil de usar, melhorando a forma como as pessoas aprendem, praticam e ensinam a arquitetura da informação”⁴. O instituto define a AI como a “prática de decidir como organizar as partes de algo de forma a torná-las compreensíveis e afirma que a AI está presente em tudo à nossa volta: nos *sites* que utilizamos, *softwares* que acessamos, materiais impressos e até mesmo nos espaços físicos.”

Hagedorn (2000, p. 5, tradução nossa), em seu *The information architecture glossary* (Glossário de Arquitetura da Informação) apresenta a seguinte definição para a Arquitetura da Informação:

Arte e a ciência de organizar informações para ajudar as pessoas a preencherem suas informações de maneira eficaz e precisa. A arquitetura da informação envolve investigação, análise, desenho e implementação. De cima para baixo e de baixo para cima são as duas principais abordagens para desenvolver arquiteturas de informação; essas abordagens se informam e são frequentemente desenvolvidos simultaneamente.

A segunda parte da definição proposta por Hagedorn (2000), que menciona as abordagens “de cima para baixo” e “de baixo para cima”, aplicadas no ambiente

⁴ ABOUT. Disponível em: <https://www.iainstitute.org/about>. Acesso em: 16 fev. 2022.

organizacional, sendo a parte de cima oriunda da alta administração e a parte de baixo ambiente dos gerentes administrativos, pode ser mais bem explicada por Davenport (1998, p. 203). O autor declara que a primeira abordagem “[...] representa o pior do gerenciamento ‘de cima para baixo’, admitindo que alguma autoridade dentro de uma organização tenha o direito de projetar e implementar um ambiente informacional à sua própria imagem.” Assim, a Arquitetura deve atender tanto à alta administração quanto ao pessoal técnico, visando compreender de fato todos os comportamentos dos usuários dessa informação.

Dillon (2002, p. 821, tradução nossa), define a AI como “termo usado para descrever o processo de projetar, implementar e avaliar espaços de informações, que são humano e socialmente aceitáveis para as partes interessadas pretendidas.” Macedo (2005, p. 132), em sua dissertação intitulada “Arquitetura da Informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos”, propõe uma definição para a AI:

Arquitetura da Informação é uma metodologia de ‘desenho’ que se aplica a qualquer ‘ambiente informacional’, sendo este compreendido como um espaço localizado em um ‘contexto’, constituído por ‘conteúdos’ em fluxo; que serve a uma comunidade de ‘usuários’. A finalidade da Arquitetura da Informação é, portanto, viabilizar o fluxo efetivo de informações por meio do desenho de ambientes informacionais’.

A classificação como disciplina científica, conforme ressalta Macedo (2005, p. 142), “[...] deve interessar-se, de um modo geral, pela natureza dos espaços informacionais como delimitações do mundo e pela relação entre os usuários e os fluxos de informações” e, aplicada à AI, interessar-se “[...] pelos métodos e técnicas de desenho para a solução dos problemas práticos dos ambientes informacionais.” Pode ser que a AI ainda não tenha corpo teórico robusto para ser considerada uma área do conhecimento, mas julga-se um campo científico sob a perspectiva da CI.

A respeito dessa lacuna teórico-conceitual, Macedo (2005, p. 17) declara que,

Ao analisar grande parte da literatura da área, percebe-se claramente a carência de fundamentos teóricos consistentes sobre o tema, a falta de consenso terminológico e a tendência a uma visão tecnicista e restrita de seu âmbito de aplicação. [...] grande parte das publicações associarem a Arquitetura da Informação exclusivamente ao desenho de *sites* na Internet.

Embora ainda não tenha consolidado o seu campo, a AI desempenha um papel importantíssimo enquanto subárea da Ciência da Informação, contribuindo em teoria e prática

quando o assunto é a organização/representação/recuperação dos fluxos informacionais e a satisfação do usuário como objetivo final de toda a atividade.

Lima-Marques e Macedo (2006, p. 250) apresentam a AI como base para a Gestão do Conhecimento (GC) e apontam a relação de interdependência entre as áreas, ao afirmarem que “a arquitetura da informação fornece suporte às ações de gestão do conhecimento, à medida que visa a promover a acessibilidade à informação armazenada para garantir a eficácia do processo decisório nas organizações.”

Camargo e Vidotti (2011, p. 24) definem a AI como

[...] Uma área do conhecimento que oferece uma base teórica para tratar aspectos informacionais, estruturais, navegacionais, funcionais e visuais de ambientes informacionais digitais por meio de um conjunto de procedimentos metodológicos a fim de auxiliar no desenvolvimento e no aumento da usabilidade de tais ambientes e de seus conteúdos.

Camargo e Vidotti (2011, p. 3) sugerem que a Arquitetura da Informação é uma “[...] área que aborda assuntos relacionados ao tratamento de informações na construção de ambientes digitais [...]”. Complementam ainda que a AI visa tratar o aspecto funcional, estrutural, informacional, navegacional e visual dos ambientes informacionais, permitindo que os processos de gestão sejam aprimorados e que seja dado acesso à informação organizacional.

Segundo Oliveira, Vidotti e Bentes (2015, p. 45), a AI apresenta “[...] características de disciplina científica pós-moderna, com uma constituição epistemológica fluida, versátil e adaptável [...]”, além disso, os autores mostram a AI “[...] como uma práxis profissional e como um campo de estudos com foco na solução de problemas relacionados ao acesso e uso do vasto quantitativo de informações disponíveis.” Agner (2018, p. 111), apresenta o conceito da AI como “[...] a prática que se ocupa do projeto de espaços informacionais e de seus aspectos sociais, culturais e tecnológicos.”

Rosenfeld, Morville e Arango (2015, tradução nossa) definem a AI sob quatro aspectos, a saber: a concepção estrutural de ambientes de informação partilhada; combinação de organização, rotulagem, pesquisa e sistemas de navegação em sítios *web* e intranets; arte e ciência de moldar produtos de informação e experiências para apoiar a usabilidade e a capacidade de busca; e uma disciplina e comunidade de práticas emergentes centradas em trazer princípios de design e arquitetura para a paisagem digital.

Baracho (2016, p. 126) “propõe arquitetura da informação como área de conhecimento capaz de responder a grande questão de pesquisa que desafia a ciência da informação de como conseguir a informação de forma mais objetiva em menor tempo.” A autora também declara que a AI é composta por um fluxo de informações que incluem a trajetória da informação por meio da utilização de técnicas de organização e recuperação da informação e que tem “[...] a intenção de organizar o espaço informacional, em função de um determinado contexto, de um determinado meio considerando, variáveis de época, planejamento, visibilidade física, operacional e financeira com o envolvimento dos atores, pessoas envolvidas nos processos.” (BARACHO, 2016, p. 141).

Baracho (2016, p. 139) conclui que

De acordo com o estudo feito confirma-se a premissa de que arquitetura da informação na ciência da informação tem um dos entendimentos focado na arquitetura de sistema web e outro focado no âmbito mais abrangente de lidar com toda a organização e planejamento do espaço informacional incluindo todas as etapas da organização a recuperação da informação tornando-se um campo amplo de estudos da ciência da informação.

Conforme a literatura apresenta, a Arquitetura da Informação é um campo do conhecimento em constante desenvolvimento, principalmente no tange à solidez das suas bases teóricas e um fator importante para essa sua evolução é o seu caráter interdisciplinar, como abordado por Agner (2018, p. 112), que afirma que diversas áreas contribuem para o sucesso da AI, a saber:

[...] psicologia, ciência da computação, biblioteconomia, educação, ciências cognitivas, design gráfico e desenho industrial, design instrucional, sociologia, antropologia, engenharia de software, modelagem e administração de dados, semiótica, linguística, ergonomia e IHC.

Quanto às conceituações da AI, Macedo (2005) declara que a AI visa tratar da reunião, organização e apresentação da informação, focando nas necessidades informacionais dos usuários. Para o *Information Architecture Institute*⁵, que tinha como objetivo divulgar a prática e estabelecer conexões entre os envolvidos com a AI, disseminando a história e conservando a sua memória, com vistas a acompanhar o seu avanço, a AI pode ser definida como “[...] a prática de decidir como organizar as partes de algo de modo a torná-lo compreensível.”

⁵ WHAT IS IA? Disponível em: <https://www.iainstitute.org/what-is-ia>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Por seu grande desenvolvimento conceitual em áreas distintas da Ciência da Informação, como a Ciência da Computação e a Comunicação, parte da produção científica decorrente da temática de Arquitetura da Informação relaciona seus contributos somente com a organização e tratamento de ambientes informacionais digitais, o que limita seu campo e centraliza sua discussão em questões tecnológicas relacionadas à recuperação da informação, sem refletir os conceitos, fundamentos e processos existentes por detrás das estruturas informacionais, cujo papel é exercido com contribuições conceituais também advindas da Ciência da Informação, como da Organização do Conhecimento e também oriundas da Computação, em estudos sobre modelagem conceitual.

Conforme mencionado por Morville (2020), a Arquitetura da Informação, quando do lançamento da primeira edição do livro intitulado “*Information architecture for the world web*”, em 1998, foi a solução para o que os autores denominaram de uma “dor sem nome”: *sites* e *intranets* desorganizados unidos a usuários que não encontravam o que procuravam. Hjørland (2012, p. 12, tradução nossa) diz, sobre o livro, que “embora este livro esteja focado no *webdesign*, ele contém muitos tópicos tradicionais da KO [Organização do Conhecimento], tais como hierarquia, *folksonomias*, metadados, tesouro e classificação facetada.”

A desassociação conceitual da AI da sua natureza prática é complexa pois o seu amadurecimento ocorreu exatamente pela premência dos desafios impostos pela *web*, culminando no excesso de produções sobre a temática, como uma tentativa de entender e aprimorar a atividade que rendia aos profissionais qualificados envolvidos um mercado em ascensão.

2.2.2 Contexto histórico

A literatura associa a criação do termo “Arquitetura da Informação” pelo arquiteto por formação Richard Saul Wurman na década de 1970, com a publicação em 1975 do artigo, em parceria com Joel Katz, intitulado “*Beyond graphics: the Architecture of Information*” (RESMINI; ROSATI, 2011), ocasião na qual cunhou o termo relacionando dois conceitos: a

arquitetura tradicional, com a finalidade de projetar um ambiente a fim de torná-lo melhor; e a informação. De forma análoga a essa arquitetura convencional, Paiva (2012, p. 3) aponta que “é deste modo que a Arquitetura da Informação trabalha na *Internet*, delimitando primeiro o público, seus objetivos, e a maneira de atingi-los com eficácia e eficiência.”

Algumas produções científicas, no entanto, apontam outras personalidades que nomearam a “arquitetura” ou “arquitetura da informação” em momentos que antecederam as ações de Wurman. Já no final da década de 1950, por Lyle R. Jonson e Frederick P. Brook registra-se uso do termo arquitetura não associado à arquitetura tradicional, mas aplicado ao ambiente computacional. Na década de 1960, destaca-se o uso do termo pelo Grupo de Arquitetura de Máquinas do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), por Nicholas Negroponte (LEÓN, 2008, tradução nossa).

Em 1970, ressalta-se a solicitação da *Xerox Palo Research Center (PARC)* a cientistas da computação e da informação que realizassem uma arquitetura da informação na empresa, no que aparenta ser o início da aplicação prática propriamente dita da AI, sem uma reflexão teórica prévia dessa ação (BISSET ALVAREZ; BRITO; VIDOTTI, 2020). Há que se levar em conta que esses usos são oriundos de necessidades práticas sem haver, portanto, à época, uma reflexão teórica simplesmente por ser ainda inexistente. E a esse ponto pode-se compreender a relevância de Wurman, observada na literatura, para que atualmente a temática seja conhecida e estudada.

Para Lima-Marques e Macedo (2006, p. 245), “a arquitetura da informação seria uma expansão da profissão da arquitetura, porém aplicada a espaços de informação.” Voltando à Wurman e compreendendo agora a sua importância, pretende-se entender o porquê de o arquiteto cunhar o termo “arquitetura da informação”. Hagedorn (2000, p. 8, tradução nossa) diz, sobre a atuação da AI nos espaços de informação, que correspondem à “[...] soma das informações sobre uma área de interesse [...]”

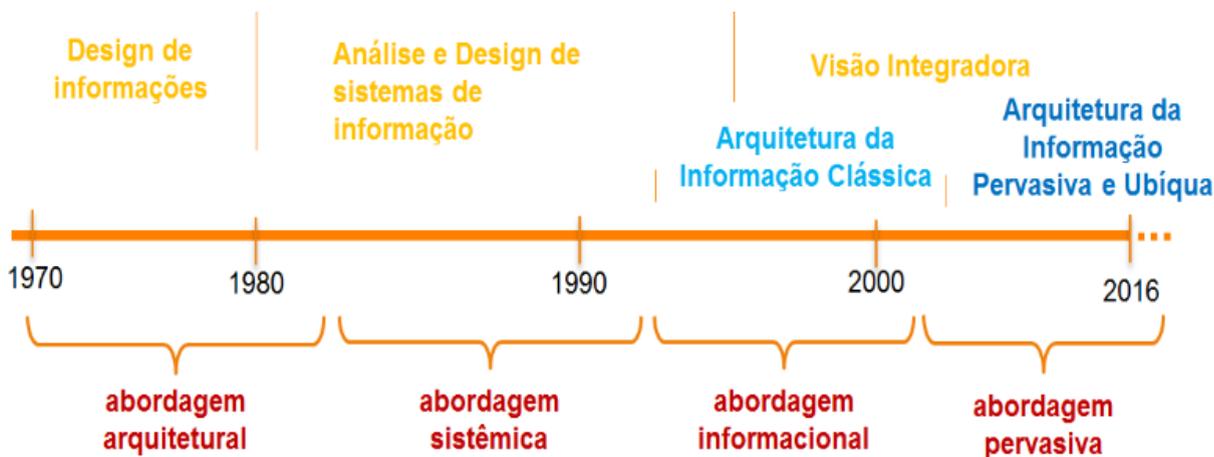
A partir da década de 1990, considerado um *best-seller* quando o assunto é Arquitetura da Informação, o livro *Information Architecture for the World Wide Web* (Arquitetura da Informação para a Rede Mundial de Computadores), de autoria dos bibliotecários e cientistas da informação Louis Rosenfeld e Peter Morville, reforça essa conexão da AI com o ambiente tecnológico. A primeira edição da obra data de 1998; a segunda edição, de mesma titulação

foi publicada em 2002; a terceira em 2006; e, atualmente, encontra-se na quarta edição, intitulada *Information Architecture: for the web and beyond*, publicada em 2015.

O teor da obra, desde a sua primeira edição, foi a aplicação para a prática profissional do arquiteto da informação dos fundamentos da AI para aperfeiçoamento e desenvolvimento de páginas *web*, em virtude da influência que a *internet* gerou na década de 1990 e foi propulsora de uma nova onda para a AI, na qual ela se inseriu no mercado como um mecanismo que gera vantagem competitiva para as organizações. De acordo com Oliveira e Luvizotto (2017, p. 6), “a referida obra é, largamente, o texto mais citado nos estudos de Arquitetura da Informação.” Segundo Lima-Marques e Macedo (2006, p. 245), “o lançamento do trabalho de Rosenfeld e Morville constituiu-se em importante marco para a área, assinalando um futuro da AI profundamente influenciado pelos conteúdos da Rede.”

Lima-Marques e Macedo (2006, p. 244), sobre Wurman, afirmam que ele “entendia os problemas de reunião, organização e apresentação da informação como análogos aos de um arquiteto ao projetar um edifício que serviria às necessidades de seus ocupantes.” A Figura 3 apresenta um resumo do avanço cronológico do termo Arquitetura da Informação, conforme suas abordagens.

Figura 3 – Cronologia da Arquitetura da Informação



Fonte: Elaborado por Bisset Alvarez (2017), adaptado de León (2008), Resmini e Rosati (2011) e Oliveira (2014).

Em uma análise dos períodos abordados e levando-se em consideração a percepção dos autores acerca da evolução da AI ao longo do tempo, tem-se León (2008) considerando a

AI sob três visões, a saber: visão do *design de informações*; da *análise e design de sistemas de informação*; e *visão integradora*. Resmini e Rosati (2011), em uma releitura de León (2008), apenas consideram desmembrada a sua visão integradora, dividindo-a em “arquitetura da informação clássica” e “arquitetura da informação pervasiva e ubíqua”, como leituras da área e perspectivas futuras.

Por último, acrescentou-se a análise de Oliveira (2014) que considera o período de avanço da AI dividido em quatro abordagens denominadas abordagem arquitetural, sistêmica, informacional e pervasiva. A primeira abordagem inicia com os estudos de Wurman e o *design* da informação, levantando questões principalmente quanto à organização de espaços informacionais. A abordagem sistêmica foca no gerenciamento da informação, de forma a gerenciar os processos da informação no uso e na tomada de decisões (LIMA, 2016). A terceira abordagem, informacional, traz o objeto desta pesquisa, por incorporar núcleos conceituais da CI e da Biblioteconomia, conforme Oliveira (2014).

Às abordagens apresentadas na Figura 3, de cronologia da AI, unem-se mais duas trajetórias do processo de construção teórico-conceitual da AI, sugeridas por Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 10, grifo do autor), como a “[...] **‘Metodológica e Tecnicista’** ou **‘Empírico-Pragmática’** e a segunda trajetória chamada de **‘Construção Epistêmica ou Epistemológica.’**” Para os autores, a primeira linha “[...] está fortemente pautada sob um enfoque prático, onde cada autor baseado em sua própria experiência oferece ferramentas, técnicas, métodos e conceitos para sustentar suas propostas [...]” e a segunda linha

[...] surge desde os primeiros anos da década de 2000; quando começam a aparecer publicações de autores preocupados com a edificação de uma estrutura teórica e formal e com a consolidação da Arquitetura da Informação enquanto campo de estudo [...]. (BISSET ALVAREZ; BRITO; VIDOTTI, 2020, p. 10).

Seguindo as duas linhas apresentadas pelos autores, sendo a primeira com um cerne mais ligado à prática (“Metodológico e Tecnicista ou Empírico-Pragmático”) e a segunda à teoria (“Epistêmica”), este trabalho visa contribuir na última trajetória, de apelo teórico, para construção do debate acerca do seu aparato histórico-conceitual enquanto campo do conhecimento em desenvolvimento.

A trajetória epistêmica surge nos anos 2000 a partir da inquietação de alguns autores em relação ao escopo teórico capaz de consolidar a Arquitetura da Informação enquanto campo de conhecimento. Esse retorno às bases da AI ainda é um assunto em voga, tanto que foi o tema do *World Information Architecture Day* (2020), dia de comemoração mundial da AI, cujo tema foi “*Past, Present and Future*”.

Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 2), defendem que a Arquitetura da Informação “[...] objetiva a estruturação e o desenvolvimento de conteúdos em ambientes informacionais digitais, para que o usuário possa recuperar informações de modo mais sucinto e padronizado” e “[...] sua legitimação através do debate, do esclarecimento e da abordagem de ideias que contribuam para o crescimento deste campo de conhecimento.” (BISSET ALVAREZ; BRITO; VIDOTTI, 2020, p. 3).

2.2.3 Componentes e abordagens

Como visto na subseção anterior, verifica-se que o desenvolvimento da AI tem sido possível por conta de uma de suas maiores características que é o seu caráter interdisciplinar, compreendido como a união de duas ou mais disciplinas. Segundo Silva e Souza (2016, p. 8),

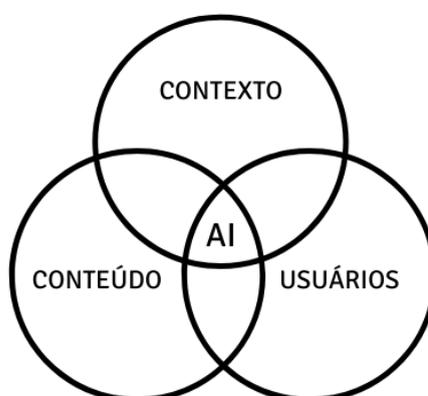
Assim a arquitetura da informação pode emergir no campo da Ciência da Informação como domínio convergente, considerando as possíveis relações interdisciplinares em torno do objeto informacional e os processos de organização e recuperação da informação que o envolvem.

Rosenfeld, Morville e Arango (2015, grifo nosso), apresentam a tríade que forma a base do modelo para praticar o *design* da AI de forma eficaz, ilustrada na Figura 4: **contexto**, **conteúdo** e **usuário**, sendo a AI o ponto de interseção. Segundo os autores, o **contexto** pode englobar a missão, os objetivos, a estratégia, a equipe, os processos e procedimentos organizacionais, a infraestrutura física e tecnológica, orçamento e cultura organizacional. O **conteúdo** inclui os documentos, aplicativos, serviços, esquemas e metadados que as pessoas precisam usar ou encontrar em seu *site*; no *site* pois os autores enfatizam, nessa publicação, a

AI empregada nos ambientes informacionais digitais, ou seja, o conteúdo é o material que compõe o *site*.

Os **usuários**, por sua vez, correspondem ao público a que se destina a AI elaborada e a satisfação desse público-alvo é o que determina o sucesso ou insucesso do trabalho realizado. O foco da AI deve ser atender às suas necessidades e comportamentos e a AI, que aparece em interseção aos três conjuntos, serve para demonstrar que sua estruturação depende das três esferas representadas a seguir, na Figura 4.

Figura 4 - Os três círculos da Arquitetura da Informação



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Rosenfeld, Morville e Arango (2015, tradução nossa).

Rosenfeld, Morville e Arango (2015, tradução nossa) apresentam a anatomia da AI como composta de cinco sistemas, considerados seus princípios básicos, sendo eles o **sistema de organização** (como caracterizamos as informações), **navegação** (como navegamos ou nos movemos por meio das informações), **rotulagem** (como representamos as informações) e **busca** (como pesquisamos as informações).

O **sistema de organização** diz respeito à forma como as informações são caracterizadas, por assunto ou cronologia, “por meio do sistema de organização um usuário poderá encontrar de maneira mais fácil a informação que necessita” (OLIVEIRA; LUVIZOTTO, 2017, p. 9), “com enfoque na organização (classificação e ordenamento dos conteúdos)” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 7). Os autores complementam que esse sistema “[...] possibilitou observar conteúdos emergentes próximos às bases teóricas da Biblioteconomia, tendo em vista a organização da informação e do conhecimento” e que “[...] é empregado a

partir da Teoria da Classificação Facetada (TCF), fundamento desenvolvido pelo bibliotecário e matemático Shiyali Ramamrita Ranganathan”, isto “[...] devido à TCF e aos esquemas e às regras de organização dos conteúdos informacionais”, devendo aqui ser incluídas as taxonomias e hierarquias.

O **sistema de navegação** trata da forma como nos movemos pelas informações, por meio de “[...] (orientação aos usuários em páginas e *hyperlinks*)” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 7, grifo do autor) e “[...] trata de uma sistematização do caminho a ser percorrido pelo usuário do sistema de informação” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 16), ajudando o usuário a se localizar e saber para onde deve ir (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015).

O **sistema de rotulagem** foca na “[...] representação de rótulos linguísticos como palavras e conceitos” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 7) e “[...] se refere à representação dos conteúdos através de símbolos linguísticos como rótulos [...]” “[...] que facilitem a comunicação com os usuários. Neste procedimento, perceberam-se elementos próximos ao processo de representação da informação” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 15). Segundo Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 133, tradução nossa), “assim como usamos palavras faladas para representar conceitos e pensamentos, usamos rótulos para representar maiores pedaços de informação em nossos ambientes de informação.”

O **sistema de busca** mostra como as informações são pesquisadas e a forma de executar uma pesquisa, a partir da “[...] procura e recuperação dos conteúdos em ambientes digitais” e “[...] remete aos mecanismos que facilitam a recuperação e o acesso efetivo aos conteúdos informacionais.” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 7).

De acordo com Camargo e Vidotti (2011), os sistemas de organização podem ser considerados também de representação, reafirmando os componentes da Arquitetura da Informação como sistemas de organização, representação, navegação, rotulagem e busca e fornecendo estruturas como metadados, tesauros, vocabulário controlado e ontologias.

Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 16) afirmam que “[...] um dos principais obstáculos encontrados na hora de construir o corpo teórico e de conhecimento da Arquitetura da Informação enquanto disciplina científica repousa no alto grau de interdisciplinaridade [...]” Embora defenda a inexistência de uma definição unívoca da interdisciplinaridade, Leis (2005, p. 5) declara que “a interdisciplinaridade pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) com lógicas diferentes” e “[...]”

pode ser entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea.” (LEIS, 2005, p. 2).

De acordo com Macedo (2005, p. 151), “cabe à Arquitetura da Informação o desenho de ambientes de informação com base na análise do contexto, dos conteúdos e do uso.” Cabe destacar duas temáticas abordadas pela AI e pela CI, que são a usabilidade e a acessibilidade. Definida por Lazarrin et. al (2012, p. 242), a usabilidade pode ser considerada como “[...] um sistema com capacidade de proporcionar facilidades de aprendizagem, utilização, memorização com pouca incidência de erros a tal ponto de permitir que o usuário interaja com as informações contidas no mesmo sem grandes dificuldades.”

Os autores dizem que a acessibilidade visa à promoção do acesso à informação, no que tange os ambientes informacionais digitais, utiliza-se de equipamentos e programas adequados, trocando experiências com a CI naquilo que concerne a soluções inclusivas aos usuários, que em algum momento possam apresentar dificuldades de acesso.

Lazzarin *et al.* (2012, p. 238) ressaltam a importância da usabilidade e da acessibilidade no âmbito da CI e da AI. Para os autores,

Um projeto de AI deve ampliar sua visão, considerando a Usabilidade e Acessibilidade dos sistemas de informação como fatores condicionantes e determinantes para a criação e estruturação de uma *interface* interativa, de boa qualidade, de fácil uso e acesso. A promoção da Usabilidade, bem como da Acessibilidade tem por característica o foco nos usuários no que se refere à prestação dos serviços de informação.

Os autores complementam que

A partir da consideração dos sistemas propostos pela AI e baseado nos princípios de usabilidade, para que um *website* possa exibir seu conteúdo de maneira satisfatória, considerando-se a diversidade dos usuários, se faz necessário considerar também aspectos de acessibilidade, com uma contínua verificação de atendimento aos objetivos organizacionais. (LAZZARIN *et al.*, 2012, p. 240).

Macedo (2005, p. 158) chegou à conclusão que “[...] as áreas de maior relacionamento interdisciplinar com a Arquitetura da Informação são: Ciência da Computação; Ciência da Informação; Usabilidade e Ergonomia.” A autora identifica ainda o caráter interdisciplinar como algo positivo até o ponto de que a disciplina necessita ter sua

própria fundamentação teórica consistente. Isso equivale à absorção e doação dos conhecimentos para fortalecimento das áreas vinculadas.

Após a publicação do livro de Morville e Rosenfeld em 1998, Bisset Alvarez, Brito e Vidotti (2020, p. 6) afirmam que

[...] já no começo do século XXI, os estudos sobre a Arquitetura da Informação mantem (sic) uma visão exclusivamente voltada para a criação de conteúdo na *web*, fato que começa a ser visto como uma limitação ao desenvolvimento do campo de conhecimento.

Segundo Agner (2018, p. 111), “o campo da arquitetura de informação atualmente é objeto de intensos debates e discussões e está sujeito à nova ecologia da informação ubíqua e transmídia.” Embora tenha nascido com uma preocupação explícita em solucionar um problema prático de organização da informação, clarificando a informação e tornando-a compreensível à sociedade, percebe-se uma mudança no anseio da AI, que aparenta estar em processo de migração do problema da estruturação da informação para a sua classificação e categorização.

Quanto a isso, Morville e Morville (2021, tradução nossa) declararam que “a linguagem e a classificação são essenciais tanto para o problema quanto para a solução, porque o gerenciamento de crises se baseia na comunicação e na colaboração. É o momento certo para a crise da arquitetura da informação.” O que eles denominaram como “arquitetura de crises”, também conhecida como “crise da arquitetura da informação” ou “gerenciamento de crises”, seria uma preocupação com os efeitos causados pela arbitrariedade de uma classificação que não corresponde à realidade. Pode ser que a arquitetura de crises pertença ao *hall* de perspectivas futuras da AI, unida à pervasividade, informação amplamente difundida e propagada, e ubiquidade, cuja informação está integrada em todos os ambientes e espaços (OLIVEIRA, 2014).

Camboim, Targino e Sousa (2016, p. 28) asseveram que “[...] é imperioso que as arquiteturas informacionais levem em consideração comportamento e motivações humanas numa perspectiva ecológica e não tão somente centralizadas nas inovações tecnológicas.” Alegam ainda que o conceito de Arquitetura da Informação Pervasiva (AIP), por Resmini e Rosati (Oliveira, 2014), pioneiros na discussão, apresenta a AI sob uma nova perspectiva para além da *web* e preocupada com todos os outros espaços de informação.

A partir da análise do Glossário de Arquitetura da Informação, de Hagedorn (2000), cuja definição de AI foi apresentada anteriormente, infere-se que a base para a construção de uma AI em ambientes informacionais híbridos é a classificação. Langridge (2006, p. 11) afirma que “o fato de que a maioria das pessoas não percebe o quanto classifica é meramente um indício da natureza fundamental do processo de classificação.” Para ele, “a classificação transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis.” O papel da classificação pode, portanto, ser verificado diante da análise da AI.

Informação correta e rápida traz eficiência organizacional e a AI aplicada às organizações é um outro aspecto de estudo. Davenport (1998, p. 51 apud BARACHO, 2016, p. 135), apresenta o ambiente informacional como composto de seis itens, a saber: “estratégia da informação, política da informação, cultura e o comportamento em relação à informação, equipe da informação, processos de administração informacional e arquitetura da informação.” A AI é posta pelo autor “[...] como um guia para estruturar e localizar a informação dentro de uma organização.” Complementando a aplicação da AI no ambiente organizacional, Baracho (2016, p. 135), assegura que “um dos objetivos da implantação da arquitetura da informação é auxiliar, por meio da gestão da informação, o processo de tomada de decisão.”

Diferente de Rosenfeld e Morville (1998; 2002; 2006) e Rosenfeld, Morville e Arango (2015) que relacionaram a AI à tecnologia e construção de *websites*, Richard Saul Wurman, norte americano, e arquiteto por formação, quando projetou o termo mundialmente, a considerava no gerenciamento das informações nas organizações (BARACHO, 2016).

Segundo Silva e Souza (2016, p. 10) apresentam, diferente da Ciência da Informação que apresenta um único objeto informacional - a informação, “[...] as discussões sobre o objeto informacional, ao menos nos domínios da arquitetura da informação, se alastrem em torno de outros objetos, sujeitos e meios (documento, usuário, Internet) através dos processos informacionais.”

Quanto aos processos informacionais, que incluem desde a criação acima mencionados, podem ser identificados aqueles que, segundo Alvares (2012, p. 116), “[...] pode-se afirmar que a classificação está presente, indiretamente, nas taxonomias, tesauro e ontologias.” No campo da Arquitetura da Informação, e também da Ciência da Informação, a classificação e a informação atuam como objetos nucleares, enquanto campos científicos

interdisciplinares. Isto posto, cumpre ressaltar o papel da OC a partir da sua contribuição conceitual à AI.

2.3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: PONTOS DE INTERSEÇÃO

Em nível macro, a Organização do Conhecimento pode ser considerada pela dimensão de construção do conhecimento científico, com os grandes filósofos, e também em relação ao conhecimento registrado. Este último, viés desta pesquisa, aponta importantes classificadores que se debruçaram sobre a temática a fim de proporem instrumentos metodológicos e técnicos que dessem conta da organização da informação gerada durante os quatro períodos marcantes que impulsionaram a criação desses instrumentos, citados por Souza (2007), que são o ‘caos’ documentário, a ‘explosão’ da informação, a ‘avalanche’ de conhecimento e a ‘revolução’ tecnológica.

Hjørland (2008) denomina essas dimensões da OC de sentido amplo e sentido restrito. O sentido amplo reflete como o conhecimento é organizado no âmbito social e como a realidade é organizada. O autor afirma ainda que a OC no aspecto amplo engloba a organização social do conhecimento e a organização intelectual ou cognitiva do conhecimento. O sentido restrito, por sua vez, é o ambiente o qual habitam a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, por seus estudos se concentrarem na classificação, descrição bibliográfica e indexação.

Para classificarem a OC como domínio, Alves e Oliveira (2016, p. 104) apresentam como definição de domínio:

Um domínio pode ser então uma área do conhecimento, um tema dentro de determinada área do conhecimento, um pesquisador ou grupo de pesquisadores, um periódico científico, uma religião, um país, uma comunidade científica e/ou discursiva, linha de pesquisa e/ou pensamento, entre outros.

Dessa forma, cabe apresentar as suas definições e seu caráter histórico para melhor compreensão da área.

2.3.1 Panorama conceitual e histórico

A Organização do Conhecimento é considerada um **domínio** da Ciência da Informação que também apresenta características interdisciplinares. Segundo Alves e Oliveira (2016, p. 103), a OC “[...] se preocupa com as questões de natureza teórico-metodológicas para contribuir na sistematização, produção, organização, disseminação, representação e recuperação da informação nos diferentes contextos científicos.”

A OC reflete sua interdisciplinaridade também na entidade que a desenvolve, quanto a novas pesquisas e difusão, a nível nacional e internacional. Sobre essa grandiosidade da OC, Hjørland (2003) ressalta, ao situá-la, que seu domínio é muito mais abrangente que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia e que, no escopo dessas áreas do conhecimento, a OC “[...] significa especialmente a organização de informações em registros bibliográficos, incluindo índices de citação, textos completos e a internet.” (HJORLAND, 2003, p. 87).

Sobre o conceito da Organização do Conhecimento, Dahlberg (2006, p. 12, tradução nossa) conta que

O nome inclui uma simples combinação de conceitos, em que já estão indicados o objeto e sua própria área de atuação, como conceitos de sujeito e predicado, ou seja, “conhecimento” no sentido de “conhecido” e “organização” no sentido de atividade de construir algo de acordo com um plano. Esses dois conceitos abrangem, portanto, a área objeto da organização do conhecimento.

Na mesma página, a autora continua explicando sobre a nomenclatura da área recém-criada e apresenta uma definição para conhecimento, que julga ser um conceito vago e que cabe distintas interpretações: “conhecimento é a certeza subjetiva e objetivamente razoavelmente bem fundamentada de alguém sobre a existência de um fato ou assunto. [...] não é transferível, só pode ser elaborado pela própria reflexão pessoal de alguém.” Embora diga que o conhecimento não é transferível, afirma que o é desde que seja comunicado com o uso de uma linguagem, além de palavras e escritos e daí vem o conceito de Representação do Conhecimento, que será abordado mais à frente, por conta da necessidade de que esse

conhecimento que é subjetivo seja transferido por meio das palavras a ele atribuídas ou representadas.

Brascher e Café (2008, p. 5) definem a Organização do Conhecimento:

Delineamos a OC como o processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representações do conhecimento. Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema nocional.

Brascher e Café (2008) discutem, em um artigo apresentado no IX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), a problemática envolvendo a utilização dos conceitos de Organização da Informação, Organização do Conhecimento, Representação da Informação e Representação do Conhecimento, pois "[...] assim como a informação e o conhecimento, a OI e a OC também se interrelacionam, mas são dois processos distintos." (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 8).

Segundo Baracho (2016, p. 131),

O conhecimento deve ser organizado para ser utilizado por pessoas ou por máquinas, sendo o ponto principal a organização do conhecimento que requer a modelagem e apresentação do conhecimento em diferentes formatos e reutilização do conhecimento que reside nos sistemas existentes.

Baracho (2016, p. 130) apresenta a categorização, classificação e indexação como formas de organizar o conhecimento. A **categorização** “define as principais categorias presentes no documento”; a **classificação** requer o processo de “[...] definição dos agrupamentos por determinadas semelhanças”; e a **indexação** “é a etapa da tradução da representação em uma linguagem que será utilizada pelo sistema de informação.”

Antes de discorrer sobre o contexto histórico da OC, Barité (2008, p. 122) declara que, por conta da complexidade de ambos os conceitos, é importante definir o que é informação e o que é conhecimento. Essa caracterização auxiliará no entendimento entre Organização da Informação e Organização do Conhecimento. O autor descreve que “a informação é objetiva e não tem valor por si só, pois precisa ser interpretada e é “a matéria-prima do conhecimento.”

O contexto de criação da Organização do Conhecimento se dá com a criação da *International Society for Knowledge Organization (ISKO)*⁶ por Ingetraut Dahlberg, notável cientista da informação, em 1989. Embora o conceito já tivesse sido utilizado pelo bibliotecário americano Henry Evelyn Bliss em dois de seus livros publicados, foi com Dahlberg e a consolidação da ISKO que se iniciaram os estudos da OC (DAHLBERG, 2006, tradução nossa).

A ISKO é a principal entidade da área de OC e possui como missão “[...] incentivar o desenvolvimento de trabalhos conceituais sobre a organização do conhecimento em todas as suas formas, para qualquer propósito, como por exemplo, banco de dados, bibliotecas, dicionários e Internet.” A ISKO Internacional e a ISKO Brasil possuem representantes da Ciência da Informação, Filosofia, Linguística, Ciência da Computação e demais áreas envolvidas com a temática. Para atingir seus objetivos, a instituição afirma, em seu *site*, que trabalha:

- a) Promover a pesquisa, o desenvolvimento e as aplicações de sistemas de organização do conhecimento que promovam as abordagens filosófica, psicológica e semântica para ordenar o conhecimento;
- b) Fornecer os meios de comunicação e rede de contatos sobre organização do conhecimento para seus membros; e
- c) Funcionar como um elo de ligação entre todas as instituições e sociedades nacionais, trabalhando com problemas relacionados com a organização conceitual e o processamento do conhecimento.

Ter uma sociedade científica responsável por coordenar e promover ações de divulgação do domínio, eventos, contribuir com a produção científica, ser um espaço que promove o encontro e relacionamento de autores do assunto reflete a grandiosidade da OC no âmbito da CI, que é apenas uma de suas vertentes.

O Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação (TBCI)⁷ apresenta o termo *organização do conhecimento* como o Usado para (UP) *organização da informação*; composto pela **catalogação**, **classificação**, **elaboração de resumos** e **indexação** como termos

⁶ ISKO. Disponível em: <https://isko.org.br/isko-internacional/>. Acesso em: 12 jan. 2022

⁷ ORGANIZAÇÃO do conhecimento. In: Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/tbci/vocab/index.php>.

específicos; e **normas e protocolos, OpenURL, padrões de metadados, processamento técnico, protocolos de interoperabilidade, representação da informação, sistemas de organização do conhecimento e tecnologias da informação e comunicação** como seus termos relacionados.

2.3.2 Abordagens da Organização do Conhecimento

Para Dahlberg (2006, p. 12, tradução nossa), o objeto da organização do conhecimento abrange quatro níveis em relação aos seus referentes no mundo, de forma a organizá-los e representá-los, e são eles:

- Elementos de conhecimento, pelos quais entendemos as características de conceitos que podem ser obtidas predicando as propriedades ou fazendo declarações sobre referentes [...]
- Unidades de conhecimento, que equiparamos a conceitos [...];
- Unidades de conhecimento maiores, que são combinações de conceitos [...];
- Sistemas de conhecimento, que são entidades compostas por unidades de conhecimento dispostas em uma estrutura coesa e adequadamente planejada.

Além disso, a autora também cita os subcampos e conceitos da OC, com base no índice da bibliografia sobre Organização do Conhecimento publicada na maioria dos números anteriores da revista *Knowledge Organization* até o ano de 1998:

- Grupo 0 no formulário, que contém apenas os tipos de documentos da área (bibliografias, anais de congressos, etc.);
- Grupo 1 sobre considerações gerais e teóricas;
- Grupo 2 sobre conceitos e classes de conceitos (tipos e sistemas) e sua elaboração;
- Grupo 3 sobre métodos e atividades de classificação e indexação;
- Grupo 4 sobre sistemas universais;
- Grupo 5 sobre sistemas relacionados a objetos (taxonomias);
- Grupo 6 sobre sistemas relacionados ao assunto;
- Grupo 7 sobre conceitos de outros campos relacionados externamente ao campo;
- Grupo 8 sobre métodos de campo aplicados a formulários de documentos e conteúdos de disciplinas; e
- Grupo 9 sobre o chamado ambiente do campo e sua organização espacial e social, bem como questões de educação, direito, questões econômicas, uso de serviços, padronização, etc.

Percebe-se a complexidade da OC em relação aos seus conceitos e subcampos relacionados. Além dos elencados, Hjørland (2008) cita as abordagens da OC que ratificam sua ampla gama de temáticas.

Figura 5 - Abordagens da Organização do Conhecimento



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Hjørland (2008).

A **abordagem tradicional** é tradicional ao retratar as principais figuras da história da OC, como Melvil Dewey (1851-1931), com a criação da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Henry Bliss (1870-1955), relevante estudioso da classificação, que considerava que a classificação do conhecimento científico deveria considerar a ordem natural do conhecimento no mundo.

A **abordagem analítico-facetada** tem Ranganathan como fundador e sua publicação *Colon Classification* (Classificação de Dois Pontos), considerada um avanço na classificação por permitir que todos os sujeitos podem ser analisados nas cinco categorias que elencou: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST).

A abordagem denominada **a tradição da recuperação da informação** é definida por Hjørland (2008, p. 98), como

A tradição de RI tem sido geralmente baseada em suposições positivistas: que uma reavaliação ótima pode ser determinada por testes de recuperação sem considerar diferentes visões ou "paradigmas" e com... considerando o texto corpora como uma fusão de diferentes visões, cada uma colocando significados diferentes em termos de termos.

A quarta **abordagem, orientada aos usuários**, que também pode ser observada como uma abordagem da CI, é caracterizada como a atividade fim da Organização do Conhecimento, que é atender às necessidades de informação dos usuários. Hjørland (2008, p. 99) distingue essa abordagem em alguns significados da OC:

- Organização do conhecimento de fácil utilização
- Organização do conhecimento orientado ao mercado
- Organização do conhecimento baseada no estudo empírico dos usuários.
- Organização do conhecimento feita pelos usuários (por exemplo, a tendência recente das folksonomias).

As **abordagens bibliométricas**, presentes também na Ciência da Informação, baseiam-se em estudos bibliométricos que ajudam a analisar a cobertura dos dados de determinado tema. E, por último, tem-se a **abordagem analítica de domínio** que Hjørland (2008, p. 103) define como sendo

Análise de domínio é um ponto de vista sociológico-epistemológico. A indexação de um determinado documento deve refletir as necessidades de um determinado grupo de usuários ou um determinado propósito ideal. Em outras palavras, qualquer descrição ou representação de um determinado documento é mais ou menos adequada para o cumprimento de certas tarefas.

As abordagens anteriormente mencionadas servem apenas para alargar os horizontes quando se pensa em Organização do Conhecimento. A área, criada oficialmente por Dahlberg, é ampla e apresenta também conceitos correlatos que a explicam mais amplamente. Além das abordagens da OC, podem ser considerados, para o tratamento de conteúdos informacionais, a

Organização da Informação, a Representação da Informação, a Representação do Conhecimento e a Recuperação da Informação.

a) Organização da Informação:

Para Brascher e Café (2008, p. 5), “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”, sendo a Organização da Informação, portanto, “[...] um processo que envolve a descrição física e de conteúdo de objetos informacionais e que tem como produto a representação da informação, entendida pelas autoras como “[...] um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.”

Segundo Baracho (2016, p. 138), “o objetivo da organização da informação é dar suporte ao fluxo de tratamento e recuperação de objetos informacionais estruturados, semi-estruturados e não-estruturados.” Para Paiva (2012), a organização da informação tem como meta a recuperação da informação.

Dessa forma, a organização da informação contida nos documentos era o próximo passo e também continha uma finalidade que é a de torná-la disponível para alguém, até porque a organização não refere-se somente à apresentação puramente estética, mas sim útil.

b) Representação da Informação:

Um dos significados da palavra representar, de acordo com o dicionário Michaelis, “fazer as vezes de; apresentar-se no lugar de”⁸ demonstra o seu uso dentro do âmbito biblioteconômico, conforme declara Toutain (2007, p. 104) que “[...] as atividades de organização do conhecimento e representação da informação estão essencialmente direcionadas a duas funções básicas: a de acesso a documentos em bibliotecas e a de recuperação do conteúdo intelectual dos documentos pelos catálogos [...]” Isto posto aponta para o desenvolvimento de esquemas de classificação bibliográfica e demais instrumentos que permitissem a representação do conteúdo informacional para promover o acesso. Para Baracho (2016, p. 132), “a representação da informação pode ser considerada como a

⁸ REPRESENTAR. *In*: Michaelis online. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/representar>. Acesso em: 09 julho 2022.

principal etapa da organização da informação pela relevância da representação para a recuperação da informação.”

Segundo Brascher e Café (2008, p. 5),

A representação da informação, compreendida como o conjunto de atributos que representa determinado objeto informacional e que é obtido pelos processos de descrição física e de conteúdo, e a representação do conhecimento, que se constitui numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo.

Baracho (2016, p. 129) classifica a representação da informação nos sistemas de informação de duas formas: “a primeira por meio da estruturação da linguagem utilizando técnicas e métodos de classificação e a segunda pelo processamento da linguagem natural.” Desse modo, tem-se que a finalidade da representação da informação é a recuperação da informação, como será observado na subseção abaixo.

c) **Representação do Conhecimento:**

Para Maculan (2020), o contexto é essencial para a construção das representações do conhecimento de determinado domínio do conhecimento. A linguagem natural e suas ambiguidades, quando não contextualizadas, dificultam e muito a recuperação da informação.

A representação do conhecimento é feita por meio de diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento (SOC) que são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 8).

Os *Knowledge Organization Systems* (KOS) ou Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) são baseados em técnicas que podem ser utilizadas por meio de catálogos, sistemas de classificação bibliográfica, taxonomias, tesouros, estrutura de diretórios *web*, enciclopédia, dicionário, esquemas de metadados e ontologias (BARACHO, 2016), também conhecidas como estruturas do conhecimento. Sobre os sistemas a autora diz que “o KOS envolve métodos de organização da informação para a gestão do conhecimento incluindo modelos de classificação e categorização que organiza o conteúdo em vários níveis.” (BARACHO, 2016, p. 130). Abaixo serão destacadas as estruturas mais aproveitadas no contexto digital, sob influência da AI.

As taxonomias, termos aplicados inicialmente à área da Biologia, referem-se a estruturas hierárquicas e sistemáticas. De acordo com Barité (2008, p. 128, tradução nossa), “a transferência do termo "taxonomia" para as áreas de Inteligência Artificial, Ciência da Informação e Informática repousa na noção central de hierarquia porque em todos os casos as estruturas resultantes são suportadas por níveis de termos superordenado e subordinado.”

Na literatura dessas áreas, Gilchrist (2003 apud BARITÉ, 2008, p. 128, tradução nossa) identificou cinco significados diferentes do termo “taxonomia”:

- 1) Como sinônimo de “diretório de busca” ou “diretório da web”;
- 2) Para designar estruturas hierárquicas que suportam processos de indexação automática;
- 3) Taxonomias criadas através de categorização automática;
- 4) Como “filtros front-end”, isto é, como estruturas de apoio para a formulação da busca de informação ou da Navegação na Internet ou Intranet (por exemplo, www.wordmap.co.uk); e
- 5) Taxonomia corporativos, como formas híbridas entre tesauros e ontologias para apoiar a busca e recuperação de informações, que se tornaram comuns em sites institucionais.

Outro SOC é a ontologia que é concebida por Barité (2008, p. 128) como “[...] estrutura funcional, contendo entidades ou elementos que estão relacionados entre si, para realizar determinados fins ou para atender a determinados objetivos, em um ambiente geralmente eletrônico.” A determinação dessas relações entre as entidades é sempre com o objetivo de atender e satisfazer às necessidades dos usuários.

Ainda no ambiente digital, outras estruturas conceituais, recentemente em voga, são as folksonomias que Barité (2008) explica como uma metodologia de atribuição pelos usuários de rótulos visando a categorização dos conteúdos e consequente recuperação da informação, processo semelhante ao da indexação.

d) Recuperação da Informação

De acordo com Lancaster (2004), o objetivo da recuperação da informação é conseguir recuperar os itens desejados após o processo de busca, principalmente identificando as obras que tratam de determinado assunto. Como visto na subseção anterior, a utilização dos SOC, independente do espaço de informação, finda na recuperação da informação.

Hjørland (2008) considera a Recuperação da Informação como uma das abordagens da OC, embora também sejam consideradas áreas distintas, e afirma que ambas têm o mesmo propósito que é o de permitir que os usuários possam encontrar informações relevantes.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, pretendeu-se seguir estágios, planejados e estruturados, para o alcance dos objetivos propostos. Serão apresentados a classificação da pesquisa, os princípios do método da RSL, a utilização de recursos tecnológicos que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados para o seu desenvolvimento.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa básica, exploratória, descritiva e bibliográfica. No que concerne à natureza, classifica-se como uma **pesquisa básica** que, para Gerhardt e Silveira (2009, p. 34), “[...] objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

Quanto aos objetivos, trata-se de uma **pesquisa exploratória e descritiva**. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a finalidade da pesquisa exploratória é gerar mais informações sobre o tema, possibilitando a construção de definições e facilitando sua delimitação. Auxilia na fixação dos objetivos e na percepção de um novo tipo de enfoque para o problema. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 296), as pesquisas descritivas “[...] objetivam descrever as características de uma população, ou identificar relações entre variáveis.”

Quanto aos procedimentos, caracteriza-se como uma **pesquisa bibliográfica**. Silva (2014) afirma que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de estudos já realizados e publicados, que são importantes para o surgimento de novos caminhos, utilizando-se de fontes bibliográficas.

No que se refere à abordagem, trata-se de um estudo com enfoque **quali-quantitativo**. O enfoque quantitativo baseia-se na descrição, previsão e explicação a partir de dados observáveis ou mensuráveis; já a abordagem qualitativa supõe que haja interpretação dos dados coletados (MARCONI; LAKATOS, 2017). Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 247),

a abordagem quantitativa “[...] tem como campo de práticas e objetivos trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis [...]”. Já a abordagem qualitativa “[...] adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.” Os autores concluem que o estudo quantitativo pode resultar em questões que devam ser analisadas qualitativamente e vice-versa.

A estruturação da classificação da pesquisa utilizada pode ser melhor visualizada no Quadro 2.

Quadro 2 – Classificação da pesquisa

Metodologia	
Fundamentos	Classificação
Quanto à natureza	Pesquisa básica
Quanto aos objetivos	Pesquisa exploratória e descritiva
Quanto aos procedimentos	Pesquisa bibliográfica
Quanto à abordagem	Enfoque quali-quantitativo
Quanto ao delineamento	Revisão sistemática da literatura

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao delineamento do estudo, será realizada uma Revisão Sistemática da Literatura que, segundo Sampaio e Mancini (2007, p. 84), é um tipo de investigação que “[...] disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada.” Os autores consideram ainda que a revisão sistemática da literatura deve considerar três etapas, quais sejam: a definição do objetivo, identificação na literatura e seleção dos estudos que serão analisados.

A RSL, portanto, dará conta de levantar, nas bases de dados selecionadas, a produção científica em acesso aberto sobre AI que apresenta sua fundamentação teórica relacionada com a CI, não apenas se detendo à aplicação prática dos princípios da área aos ambientes informacionais digitais, mas também levando em consideração o seu papel fundamental na Organização do Conhecimento, a fim de tornar a informação mais compreensível e encontrável ao usuário.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos aqui apresentados têm como objetivo delinear um caminho metodológico para alcançar os objetivos específicos e foram subdivididos em 3 fases, de acordo com as etapas da RSL:

Fase 1 - Planejamento

A etapa do planejamento, como já mencionado anteriormente, constitui o momento de definir objetivos a serem alcançados, a questão de pesquisa e a estratégia de busca adotada para recuperar os estudos primários e os protocolos da RSL e partir para a análise (KITCHENHAM, 2004; KITCHENHAM; CHARTES, 2007). A atividade mais importante dessa primeira etapa é o preenchimento do **protocolo da revisão** cuja função é registrar todo o processo de pesquisa.

O protocolo inicia com as definições dos objetivos, PICOC (*Population, Intervension, Comparison, Outcome e Context*), questão(es) de pesquisa, palavras-chave e sinônimos, a estratégia de busca adotada, as bases de dados escolhidas e os critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos estudos primários. Todas as diretrizes do protocolo estão especificadas no apêndice A e, além disso, a Figura 6 abaixo ilustra os componentes do protocolo apresentados na ferramenta Parsifal.

Figura 6 - Protocolo da Revisão Sistemática da Literatura

Protocol
Objectives
PICOC
Research Questions
Keywords and Synonyms
Search String
Sources
Selection Criteria

Fonte: Parsifal.

Além do preenchimento do protocolo, é ainda no planejamento que são definidos os aspectos observados para a seleção da qualidade dos documentos recuperados e classificados como aceitos e as questões que farão parte do formulário de extração de dados serão estabelecidas, embora seja na próxima etapa (condução) que os dados sejam extraídos e analisados efetivamente.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram selecionadas as seguinte bases de dados: a BDTD-Ibict⁹, a Brapci¹⁰, *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (LISTA)*¹¹, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*¹², Scopus¹³ e *Web of Science (WoS)*¹⁴. Exceto a Brapci, todas as bases de dados escolhidas estão disponíveis no Portal de

⁹ BDTD-Ibict. Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/>.

¹⁰ BRAPCI. Disponível em: <https://brapci.inf.br/>

¹¹ LISTA. Disponível em: <http://encurtador.com.br/bnJWY>.

¹² SciELO. Disponível em: <https://scielo.org/>.

¹³ Scopus. Disponível em: <https://www.scopus.com/>.

¹⁴ *Web of Science*. Disponível em: <apps.webofknowledge.com>.

Periódicos da Capes¹⁵, sendo duas delas classificadas como da área da Ciência da Informação e quatro com cobertura multidisciplinar, conforme o Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 - Bases de dados selecionadas e áreas do conhecimento cobertas

Bases de dados	Área do conhecimento
BDTD-Ibict	Multidisciplinar
Brapci	Ciência da Informação
LISTA	Ciência da Informação
SciELO	Multidisciplinar
Scopus	Multidisciplinar
<i>WoS</i>	Multidisciplinar

Fonte: Elaborado pela autora.

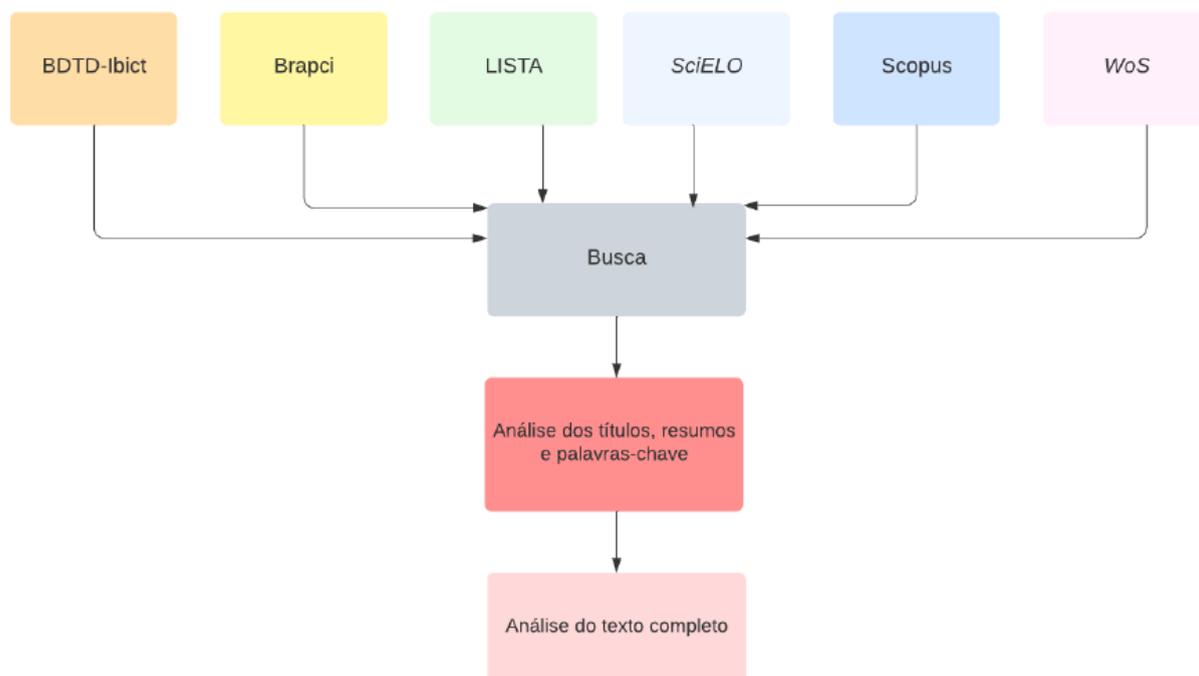
Fase 2 - Condução

A condução, segunda etapa da RSL, prevê seis subetapas¹⁶, abaixo elencadas, que vão desde a busca pelos documentos até a seleção e aplicação de filtro para identificar os estudos que se adequam à pesquisa. A Figura 7 ilustra o fluxo da condução da RSL.

¹⁵ O Portal de Periódicos da CAPES tem como missão promover o fortalecimento dos programas de pós-graduação no Brasil por meio do acesso *online* à informação científica de alto nível, por meio de convênio entre o serviço e a universidade. PORTAL de Periódicos da Capes. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2021.

¹⁶ Os títulos das subetapas apresentados foram extraídos da ferramenta Parsifal.

Figura 7 - Fluxo da condução da Revisão Sistemática da Literatura



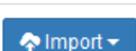
Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Carvalho (2008).

- 1) *Search*: que contempla a inclusão da estratégia de busca adotada, denominada *Base String*:

("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información") AND ("ciência da informação" OR "information science" OR "ciencia de la información") AND ("organização do conhecimento" OR "knowledge organization" OR "organización del conocimiento")

- 1) *Import Studies*: subetapa destinada à importação dos estudos recuperados nas bases selecionadas na Parsifal. Incluiu-se o termo "Manual" para reunir os trabalhos que, por algum motivo, não foram recuperados com a *string* de busca adotada mesmo cumprindo os critérios de seleção. O trabalho inserido foi recuperado na pesquisa exploratória realizada antes da RSL iniciar, a fim de levantar na literatura os estudos sobre a AI.

Figura 8 - Estudos importados na ferramenta Parsifal

Import Studies		
Source	Imported Studies	
BDTD-Ibict	12	
BRAPCI	22	
LISTA	23	
Manual	1	
SciELO	12	
Scopus	6	
Web of Science	4	

Fonte: Parsifal.

- 2) *Study Selection*: lista todos os estudos, importados na subetapa anterior, e permite classificá-los conforme os critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos na etapa do Planejamento.

Fase 3 - Publicação

A etapa de Publicação da RSL, que contempla todos os passos que foram definidos lá na etapa do Planejamento, está ilustrada nos apêndices, de A a G, mostrando os processos de planejamento e condução.

A BDTD, do Ibict, integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. A Brapci é o produto de informação do projeto de pesquisa “opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente.

Acerca da escolha das bases de dados, cabe explicar o escopo de cada uma, de acordo com informações retiradas do Portal de Periódicos da Capes¹⁷: a LISTA é um banco de dados de pesquisa gratuito para estudos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A LISTA fornece indexação e resumo para centenas de periódicos, livros e relatórios de pesquisa importantes.

A base SciELO, que realiza busca integrada de artigos, é o resultado de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME).

O Scopus combina exclusivamente um banco de dados de resumos e citações abrangente e com curadoria especializada com dados enriquecidos e literatura acadêmica vinculada em uma ampla variedade de disciplinas. A *Web of Science* é uma plataforma multidisciplinar que indexa periódicos e os mais diversos documentos, contando com, aproximadamente, 171 milhões de registros.

Após a definição das bases, o próximo passo foi estabelecer a estratégia de busca. Por conta das especificidades dos campos de busca das bases de dados escolhidas, adaptou-se a estratégia de busca para cada caso. Assim, ficou estabelecida a seguinte estratégia de busca:

("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información") AND ("ciência da informação" OR "information science" OR "ciencia de la información") AND ("organização do conhecimento" OR "knowledge organization" OR "organización del conocimiento")

Definiram-se critérios de inclusão e exclusão, a fim de que os artigos fossem selecionados ou rejeitados para leitura do texto completo e análise. A avaliação da qualidade dos estudos primários recuperados foi estabelecida pela escolha das bases de dados relevantes para a área de conhecimento da CI e os dados foram extraídos na ferramenta Parsifal, sendo importados todos os artigos pela extensão BibTeX, verificados os duplicados e selecionados os aceitos e rejeitados, conforme os critérios estabelecidos e ilustrados no apêndice A.

¹⁷ BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.

Lista de bases. Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/lista-a-z-bases.htm>

l. Acesso em: 21 jan. 2022.

3.3 RECURSOS TECNOLÓGICOS DE PESQUISA

Atualmente existe uma gama de recursos tecnológicos que podem ser utilizados para auxiliar o pesquisador na condução da pesquisa científica. Aplicados na fase de coleta de dados, leitura, extração dos dados e análise dos resultados, os sistemas conferem mais agilidade ao processo que envolve o estudo e favorecem a construção do conhecimento daqueles que o utilizam. Desse modo, foram utilizados para esta pesquisa o gerenciador de referências *Mendeley*¹⁸ e a ferramenta de sistematização dos dados da revisão sistemática, a *Parsifal*¹⁹.

3.3.1 Mendeley

O primeiro recurso tecnológico utilizado nesta pesquisa foi o *software* gratuito Mendeley, gerenciador de referências bibliográficas e rede social acadêmica, utilizado por pesquisadores científicos. Criado em 2008, o Mendeley auxilia na organização da pesquisa, desde a busca por artigos até a sua leitura e anotação. Além disso, possui ferramentas que permitem a citação e criação de referências bibliográficas.

O *software* apresenta as seguintes características, presentes em sua página principal: gerenciamento automático de bibliografias; colaboração com outros pesquisadores; importação de artigos de outros sistemas; localização de artigos relevantes à pesquisa com base na leitura atual; acesso a artigos online; e possibilidade de leitura dos artigos em qualquer aplicativo.

Para utilizar o *software*, pode ser feito o *download* no computador ou o acesso *online* pelo *site*. Como vantagens, apresenta a sincronização dos arquivos nele inseridos com a

¹⁸ Mendeley. Disponível em: https://www.mendeley.com/?interaction_required=true

¹⁹ Parsifal. Disponível em: <https://parsif.al/>.

versão *web*, permitindo que sejam acessados de qualquer lugar e qualquer dispositivo também; armazenamento dos arquivos, com espaço de memória disponível também no ambiente *web*; possibilidade de realizar anotações durante a leitura dos documentos; facilidade de acesso e obtenção de todos os metadados do artigo; compartilhamento de informações, a partir da sincronização dos arquivos; criação de grupos de pesquisadores que pesquisam sobre um determinado assunto; inserção de citações e referências de acordo com as normas vigentes; e seleção de trabalhos considerados como favoritos.

Yamakawa *et al.* (2014, p. 174), em estudo comparativo de três gerenciadores bibliográficos – *Zotero*, *EndNote* e *Mendeley* – apontam vantagens e desvantagens entre eles. O *Mendeley*, neste estudo, foi escolhido por permitir sincronização dos arquivos e acesso igual na versão *web*, sem perdas dos estudos já levantados e verificados.

Seu uso foi maior observado após a realização das buscas nas bases de dados que resultaram em **10** estudos primários, cujos textos completos foram baixados e importados no *Mendeley*. Assim que os critérios de seleção - inclusão e exclusão - foram aplicados, os selecionados como aceitos foram lidos e fichados utilizando-se os recursos oferecidos pelo *Mendeley*, que permite a inserção de notas e observações a cada leitura realizada.

A utilização desse recurso possibilitou a elaboração de fichamentos dos textos selecionados e permitiu que a subetapa de Avaliação de Qualidade pudesse ser mais bem realizada, a partir da análise de cada estudo primário recuperado.

3.3.2 Parsifal

A ferramenta *Parsifal*, segundo recurso tecnológico utilizado, foi desenvolvida no contexto da Engenharia de *Software* para apoiar pesquisadores no que tange às revisões sistemáticas. Três foram os critérios principais para a escolha da ferramenta para realizar a RSL: ser *online*, gratuita e atender a todos os estágios de uma RSL, previstos na literatura. A escolhida, portanto, foi a ferramenta *Parsifal*, usada em trabalhos científicos e pesquisas em geral, cujas etapas estão previstas conforme Kitchenham (2004). De acordo com a descrição presente em sua página da *internet*, a ferramenta foi “[...] desenvolvida para apoiar

pesquisadores na realização de revisões sistemáticas da literatura no contexto da Engenharia de *Software*.”

Ter em um único sistema o protocolo de pesquisa estabelecido e etapas da RSL, contendo todos os passos previstos na literatura e necessários para que a sistematização da pesquisa ocorra a contento, possibilita que os pesquisadores conduzam a pesquisa de modo mais confiável e reduzindo os riscos de falhas, além de auxiliar a documentar e facilitar todo o processo.

3.4 A REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: PRINCÍPIOS DO MÉTODO

A fim de que os objetivos previstos fossem alcançados, foi selecionado o método de Revisão Sistemática da Literatura para fornecer os subsídios necessários à coleta dos dados e análise dos resultados. As RSL são utilizadas, portanto, para permitir que as pesquisas científicas sejam conduzidas de forma não tendenciosa e que resultem na recuperação confiável dos estudos primários com a aplicação de critérios rigorosos e previamente estabelecidos (NUNES, 2015).

Kitchenham e Charters (2007, p. 14, tradução nossa) declaram que o objetivo de uma RSL, que o difere das revisões tradicionais, “[...] é encontrar o maior número possível de estudos primários relacionados com a questão da pesquisa, utilizando uma estratégia de busca imparcial.” Todo esse processo é em prol do rigor científico, a fim de que os dados extraídos do estudo possam, principalmente, ser empregados como base para estudos futuros, podendo ser, então, conferida, auditada e continuada, como afirma Nunes (2015). Para Travassos e Biolchini (2007, p. 5),

As revisões sistemáticas têm por objetivo construir uma síntese de pesquisa existente que seja justa (não tendenciosa), rigorosa (de acordo com o procedimento definido), aberta (assegurando que o procedimento de revisão esteja visível para outros pesquisadores); e objetiva (assegurando que o procedimento de revisão seja reproduzível por outros pesquisadores).

Segundo Kitchenham (2004, p. 6, tradução nossa), a RSL “[...] é um meio de identificar, avaliar e interpretar todas as pesquisas disponíveis relevantes para uma questão de

pesquisa específica, ou área de tópico, ou fenômeno de interesse”, identificando lacunas nas pesquisas que propiciam novas investigações. Para Tranfield *et al.* (2003, p. 208, tradução nossa),

O objetivo de conduzir uma revisão da literatura é frequentemente permitir ao pesquisador mapear e avaliar o território intelectual existente e especificar uma questão de pesquisa para desenvolver o corpo existente de conhecimento adicional.

3.4.1 Antecedentes e definições

Revisão Sistemática da Literatura, Revisão Sistemática (KITCHENHAM; CHARTES, 2007) ou Síntese de Pesquisa (TRAVASSOS; BIOLCHINI, 2007) difere da revisão tradicional pois possui etapas que utilizam critérios rigorosos necessários para que o resultado encontrado possa ser confiável. Seu principal objetivo é permitir ao investigador, após seguir todos os passos, ter acesso às informações que realmente farão serão objeto de sua pesquisa.

Em meio à produção desenfreada de informação, esse método tem origem nas ciências médicas e agora expande sua atuação em várias áreas do conhecimento, como na Engenharia de *Software* e na própria Ciência da Informação (CERRAO; CASTRO; JESUS, 2018), ou seja, em todos os campos científicos que requerem informação de qualidade para dar continuidade às pesquisas, a fim de “[...] fornecer aos profissionais e responsáveis políticos com uma base confiável para formular decisões e realizar ações” (TRANFIELD *et al.*, 2003).

O Instituto Cochrane²⁰, entidade sem fins lucrativos que reúne pesquisadores de todo o mundo dedicados a “produzir revisões sistemáticas de alta qualidade, relevantes e atualizadas, e outras sínteses de evidência para ajudar na tomada de decisões em saúde”, apresenta como missão “possibilitar a tomada de decisões em saúde baseadas em evidências através da produção de revisões sistemáticas de alta qualidade, relevantes e acessíveis, e de outros tipos de sínteses de evidências”. Para o Instituto, atualmente as pessoas têm maior acesso às informações, e abordam especificamente em relação à área da saúde, mas poucos sabem avaliar se essa informação é exata e imparcial e as revisões sistemáticas permitem que as

²⁰ Quem somos. In: INSTITUTO Cochrane. Disponível em: <https://www.cochrane.org/pt/about-us>. Acesso em: 19 fev. 2022.

informações a esse público sejam oferecidas de forma “acessível e confiável para apoiar a tomada de decisões.”

A crescente produção científica também pode ser observada na CI. A utilização da RSL na área auxilia a análise do que tem sido produzido de acordo com cada temática e a grande oferta de ferramentas que favorecem a extração e análise dos dados obtidos é uma oportunidade aos profissionais da informação que também buscam por informação confiável, de qualidade, cujos processos passaram por uma metodologia rigorosa e objetiva.

A gênese do método, portanto, pelos profissionais da saúde se deu em virtude do aumento da informação científica disponível, que culminou na dificuldade de identificação da produção que fosse realmente relevante para as pesquisas vindouras. Travassos e Biolchini (2007) manifestam que os estudos baseados em RSL têm sido ampliados no que diz respeito às políticas de saúde, Ciências Sociais e também na área da Educação. Kitchenham e Chartes (2007, p. vi, tradução nossa), conceituam a RSL como:

Uma forma de estudo secundário que utiliza uma metodologia bem definida para identificar, analisar e interpretar todas as evidências disponíveis relacionadas a uma questão específica de pesquisa de uma forma imparcial e (até certo ponto) repetível.

Os autores complementam que a RSL “é um meio de identificar, avaliar e interpretar todas as pesquisas disponíveis relevantes para uma questão de pesquisa em particular, ou área temática, ou fenômeno de interesse” (KITCHENHAM; CHARTES, 2007, p. 3, tradução nossa).

3.4.2 Etapas da revisão

Kitchenham (2004) apresenta três etapas da revisão sistemática, que serão consideradas para a condução desta pesquisa: o planejamento, que constitui o momento de definir objetivos a serem alcançados pela revisão, a questão de pesquisa, as fontes utilizadas para se coletar os dados, e a estratégia de busca adotada para recuperar os estudos primários e o estabelecimento dos protocolos da RSL; a etapa da condução/execução, que envolve as seguintes subetapas: identificação da pesquisa, seleção dos estudos primários, avaliação do estudo, extração dos dados e análise dos resultados; e relatório dos resultados, que documenta

a análise dos resultados obtidos até então. Tranfield *et al.* (2003) estabelecem as etapas e fases da RSL, conforme Quadro 4.

Quadro 4 - Fases da RSL

	Etapas:		
	Planejando a revisão	Conduzindo uma revisão	Relatório e divulgação
Fases	1. Identificação para a necessidade de uma revisão	1. Identificação da investigação	1. Relatório e recomendações
	2. Preparação de uma proposta de revisão	2. Seleção de estudos	2. Colocando as evidências em prática
	3. Desenvolvimento de um protocolo de revisão	3. Avaliação da qualidade do estudo	
		4. Extração de dados e monitoração do progresso	
		5. Síntese de dados	

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Tranfield *et al.* (2003).

A primeira etapa, do planejamento, engloba três subfases que correspondem a identificação para a necessidade da revisão, ou seja, o porquê de no estudo ter que ser realizada uma RSL. Como aponta Nunes (2015), a RSL não deve ser usada em qualquer pesquisa; devendo ter uma razão, que deverá ser explicitada no planejamento da revisão, que a justifique. Estudos que a autora chama de “curtos”, não devem ser objeto da revisão. O planejamento também envolve a preparação da revisão, como o preenchimento do protocolo que, nada mais é, que o registro de todos os passos dados durante a pesquisa. É nele que são expostos os critérios de seleção das bases de dados buscadas e palavras-chave da pesquisa, da estratégia de busca, da questão a ser respondida e os critérios de seleção e exclusão que serão definidos para anunciar os estudos primários que serão e os que não serão utilizados para análise dos dados.

Sampaio e Mancini (2007, p. 86, grifo do autor) descrevem o processo de RSL da seguinte forma:

- a) Definir a **pergunta científica**, especificando população e intervenção de interesse;
- b) Identificar as **bases de dados** a serem consultadas; definir palavras-chave e **estratégias de busca**;
- c) **Estabelecer critérios** para a seleção dos artigos a partir da busca;
- d) **Conduzir busca** nas bases de dados escolhidas e com base na(s) estratégia(s) definida(s) (pelo menos dois examinadores independentes);
- e) **Comparar** as buscas dos examinadores e **definir** a seleção inicial de artigos;
- f) **Aplicar os critérios** na seleção dos artigos e justificar possíveis exclusões;
- g) **Analisar criticamente** e avaliar todos os estudos incluídos na revisão; e
- h) **Apresentar uma conclusão, informando** a evidência sobre os efeitos da intervenção.

O Instituto Cochrane reconhece que a RSL possui sete etapas, conforme Alderson, Green e Higgins (2004, p. 14):

- a) Formulação do problema;
- b) Localização e seleção dos estudos;
- c) Avaliação da qualidade dos estudos;
- d) Coleta de dados;
- e) Análise e apresentação dos resultados;
- f) Interpretação dos resultados; e
- g) Aprimoramento e atualização da revisão.

Com base nas literaturas apontadas, seguiram-se as etapas estabelecidas por Kitchenham (2007), cuja ferramenta Parsifal está embasada: planejamento, condução e publicação dos resultados obtidos. A seção a seguir analisará e discutirá os resultados atingidos com o estudo, a partir da apresentação de cada etapa, além de abranger uma subseção com os resultados finais obtidos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados refletem o conteúdo encontrado na literatura, produto da aplicação do método de RSL na produção científica de CI. Retomando aos objetivos deste trabalho, a observação para os dados coletados foi, sem dúvidas, o reconhecimento, na literatura, dos aportes teóricos da OC no desenvolvimento da AI, tanto historicamente quanto sua aplicação.

Embora considerada por alguns autores uma área, a Arquitetura da Informação não foi mapeada nem consta na Tabela de Áreas do Conhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)²¹, atualizada em 2017, a título de informação.

Para desfecho desta pesquisa, os resultados serão apresentados e discutidos por meio das etapas e subetapas da RSL, indicadas por Kitchenham (2004), Kitchenham e Chartes (2007), Travassos e Biolchini (2007) e Nunes (2015) e pelo Instituto Cochrane, de acordo com Alderson, Green e Higgins (2004).

Os resultados estão apresentados conforme as fases propostas na Seção de Metodologia desta dissertação:

Fase 1 - Planejamento

A primeira subetapa da Revisão Sistemática da Literatura, que contempla o planejamento, prevê o estabelecimento do protocolo com a definição dos objetivos; do PICOC ou PICO, que estabelece a População, a Intervenção, a Comparação, o Resultado e Contexto da RSL; a questão de pesquisa; as palavras-chave e sinônimos; estratégias de busca; e fontes de informação. Além disso, a definição dos critérios de inclusão e de exclusão também faz parte da etapa do planejamento. Como **critério de inclusão**, considerou-se o seguinte:

²¹ TABELA de áreas do conhecimento da Capes. Disponível em:
https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf

- a) (CI.1) Serão consideradas as publicações que mencionam os conceitos Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, sejam nas línguas inglesa, portuguesa ou espanhola, no título, resumo e/ou palavras-chave.

Quanto aos **critérios de exclusão**, definiram-se os seguintes:

- a) CE.1. Acesso restrito ou objeto digital indisponível (CE.1);
- b) CE.2. Aplicação prática dos princípios da Arquitetura da Informação na construção de *sites* e desenvolvimento de portais, tendo em vista que se refere a trabalhos que não discutam a teoria da AI e enfatizam apenas a sua aplicação prática nos ambientes de informação digitais;
- c) CE.3. Estudos secundários (revisões não sistemáticas e sistemáticas e metanálise), visto que os estudos secundários remetem aos estudos primários, o que inflaria os resultados, caso estes fossem considerados também;
- d) CE.4. Publicações que não mencionam os conceitos Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, sejam nas línguas inglesa, portuguesa ou espanhola, no título, resumo e/ou palavras-chave; e
- e) CE.5. Estudos sobre Arquitetura tradicional.

A subetapa correspondente à Avaliação de Qualidade permite a criação de uma lista de verificação que contempla perguntas, respostas pré-estabelecidas (Sim = 1 ponto, Parcialmente = 0,5 ponto e Não = 0 ponto) cuja pontuação possibilita que os trabalhos sejam classificados entre si, conforme o escopo do estudo. Para cada trabalho classificado como **aceito**, foram estabelecidas as seguintes questões:

- a) O estudo considera a AI como campo do conhecimento da CI?
- a) O objetivo do estudo está claramente descrito?
- b) O estudo define a AI?
- c) O estudo define a OC?
- d) O(A) autor(a) relaciona a AI com a OC?
- e) O estudo apresenta resultados?
- f) O estudo aponta perspectivas futuras da AI?
- g) O estudo foi citado por autores?

Já o formulário de extração de dados, que será utilizado após a leitura técnica dos estudos aceitos, propicia uma melhor análise dos resultados obtidos, por garantir que os aspectos mais importantes previamente elencados e que comporão os resultados da pesquisa sejam extraídos de todos os textos lidos, a fim de que todos passem pelos mesmos crivos. Foram considerados os seguintes dados para extração:

- a) Autores do estudo;
- b) Data de publicação;
- c) País de publicação;
- d) Objetivo do estudo;
- e) Definição de AI;
- f) Definição de OC;
- g) Resultados;
- h) Contribuições da OC na AI; e
- i) Autores citados.

Fase 2 - Condução

Após a aplicação da estratégia de busca nas bases de dados selecionadas, e inserções manuais, foram recuperados **80** documentos, todos eles identificados nos apêndices sobre a condução da pesquisa, dos apêndices B ao H. Do total recuperado, a ferramenta detectou ainda **3** duplicados, restando um total de **77** documentos para o segundo passo da análise. Retirados os duplicados, foram lidos os títulos, resumos e palavras-chave de cada estudo a fim de aplicar os critérios de inclusão e exclusão, até se chegar apenas aos textos aceitos para leitura na íntegra.

Na BDTD-Ibict realizou-se uma busca avançada com a seguinte estratégia de busca: "*Título:arquitetura da informação E Todos os campos:ciência da informação E Todos os campos:organização do conhecimento*)", garantindo a abrangência dos três conceitos. Ao todo, foram recuperados **12** documentos, dentre os quais **2** foram considerados aceitos e **10** foram considerados rejeitados.

A Brapci resultou em **22** registros para a pesquisa básica *ciencia da informacao AND arquitetura da informacao AND organizacao do conhecimento*, sendo **3** estudos considerados aceitos e **19** rejeitados.

Na *LISTA*, a partir da estratégia de busca ("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información") AND ("ciência da informação" OR "information science" OR "ciencia de la información") AND ("organização do conhecimento" OR "knowledge organization" OR "organización del conocimiento") na busca avançada, todos foram selecionados como rejeitados, do total de **23** estudos recuperados. Manualmente foi inserido apenas **1** trabalho, recuperado na etapa da busca exploratória que antecedeu à RSL.

Na base de dados SciELO realizou-se uma pesquisa básica com a estratégia de busca ("arquitetura da informação" OR "arquitetura de informação" OR "information architecture") AND ("information science" OR "ciência da informação") em *todos os índices*, foram recuperados **12** itens e todos classificados como rejeitados.

Na Scopus foi realizada uma busca básica TITLE-ABS-KEY ("information architecture" AND "information science" AND "knowledge organization") AND (LIMIT-TO (LANGUAGE , "English")), limitada a todos os textos em acesso aberto, foram recuperados **6** resultados. Dentre eles, **1** foi considerado como aceito, **3** foram considerados rejeitados e **2** duplicados.

Na *WoS* foi realizada uma pesquisa básica com os termos "information architecture" (Tópico) and "knowledge organization" (Tópico), resultando em apenas **4** estudos recuperados. Dos **4**, **3** foram classificados como aceitos e **1** duplicado. Cabe pontuar que os filtros selecionados nas pesquisas e demais especificações para que a busca seguisse os critérios estabelecidos para seleção dos trabalhos, estão citados nos apêndices das conduções de cada base de dados. A Tabela 1 apresenta a quantidade dos artigos recuperados por base de dados, conforme as abordagens adotadas.

Tabela 1 – Artigos recuperados nas bases de dados

Base	Estudos primários	Duplicatas	Rejeitados	Aceitos
BDTD-Ibict	12	0	10	2
Brapci	22	0	19	3

LISTA	23	0	23	0
Manual	1	0	0	1
SciELO	12	0	12	0
Scopus	6	2	3	1
WoS	4	1	0	3

Fonte: Elaborado pela autora.

A Tabela 1 traz a quantidade de artigos recuperados após o processo de busca nas bases de dados, compreendendo a análise de todos os títulos, resumos e palavras-chave dos 80 estudos recuperados e leitura do texto completo dos 10 considerados aceitos, ou seja, que passaram por critérios de inclusão e exclusão, e foram analisados na íntegra.

3) *Quality Assessment* (Avaliação de Qualidade):

Essa subetapa da RSL, cujo objetivo é resultar em uma lista de verificação de qualidade para avaliação dos estudos individuais, segundo Kitchenham e Chartes (2007), foi também aplicada aos estudos primários recuperados e pode ser ilustrada na Figura 9 a seguir.

Figura 9 - Resultados da avaliação de qualidade

Title	Quality Score
Organização da informação para dar suporte à arquitetura orientada a serviços: reuso da informação nas organizações	7.5
Semantic retail: towards a cross-context information architecture	7.0
Company taxonomy development: the case of an international emergencyresponse organization	5.0
Knowledge organization = information organization?	8.0
Um modelo de arquitetura da informação orientado a serviços	6.0
Organização da informação em repositórios digitais	5.5
Sobre arquitetura da informação	6.0
Ambiguidade e o contexto na representação de informações em domínios de especialidade	4.5
Arquitetura de publicação de dados abertos conectados governamentais da Universidade de Brasília	5.5
Knowledge organization landscape: a content analysis of introductorycourses	5.0

Fonte: Parsifal.

Os parâmetros observados para atribuição da pontuação podem ser verificados na subseção 4.1, destinada à etapa de Planejamento.

4) *Data Extraction* (Extração de Dados):

O Quadro 5 abaixo, baseado na literatura aceita recuperada, é uma pretensa sumarização das contribuições da Organização do Conhecimento no desdobramento da Arquitetura da Informação, mencionadas pelos autores.

Quadro 5 - Contribuições da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação

	Autores	Contribuições da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação
1	BRÄSCHER, M.;MONTEIRO, F. S. (2010)	Os SOC são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles. Englobam sistemas de classificação, cabeçalhos de assunto, arquivos de autoridade, tesouros, taxonomias e ontologias. Além de elementos da Organização da Informação e utilização de esquemas e estruturas de OI, como catalogação, classificação, classificação e indexação.
2	HJORLAND, B. (2012)	Embora a IA seja mais sobre a organização de assuntos e conceitos na web, enquanto a KO tem sido tradicionalmente mais (mas não exclusivamente) relacionada a bibliotecas e bancos de dados bibliográficos.
3	LUND, Haakon; ORNAGER, Susanne. (2016)	Utilização de ferramentas de SOC, principalmente as taxonomias, para assegurar o bom funcionamento de uma AI. Para a organização da informação, frequentemente vemos taxonomias aplicadas na arquitetura de informação do site (projeto estrutural), serviços de informação online, organização de conteúdo da intranet e sistemas de gerenciamento de conteúdo corporativo.

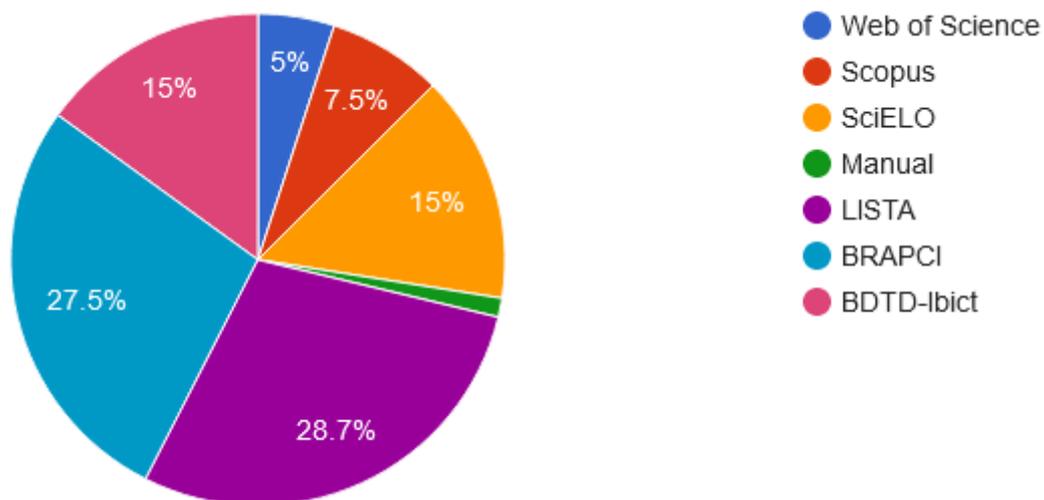
4	MACULAN, B. C. M. D. S. (2020)	Foi apresentada uma visão geral sobre as questões que permeiam as pesquisas que desenvolvo e oriento na linha de pesquisa Arquitetura & Organização do Conhecimento do PPG-GOC. As temáticas envolvem as teorias do Conceito, da Classificação e da Terminologia, incluindo os princípios da Linguística e da Lógica, perpassando as soluções computacionais que podem dar suporte à automatização ou semiautomatização dos processos de tratamento da informação para apoiar a recuperação do recurso informacional disponibilizado.
5	PATTUELLI, M. C. (2010)	A temática da AI tem sido abordada nos cursos de pós-graduação na área de OC, principalmente com a evolução da CI e da dimensão digital.
6	RESMINI, Andrea; ROSATI, Luca. (2008)	Aplicação dos princípios da OC não apenas para conteúdos, mas também para bens, serviços e caminhos (wayfinding), que pode ser definido como "orientação espacial"
7	RIOS FILHO, P. A. C. (2014)	A AI pode ser considerada como uma forma de organização da informação com seus próprios conceitos, técnicas e métodos, portanto pode ser aplicada com o objetivo de contribuir com a gestão da informação no âmbito das organizações sociais.
8	ROBREDO, J. (2008)	"Ensino da representação e da organização da informação e do conhecimento, onde se enquadra naturalmente a modelagem de dados e informações em ambiente Web - e consequentemente a arquitetura da informação -, tendência que deverá se generalizar com velocidade crescente com a expansão da Web semântica."
9	VICTORINO, M. C.; MARTINS, L.; HOLANDA, M.; FONSECA, R. (2020)	Descrição semântica dos dados para promover a interoperabilidade efetiva; AI composta pelos SOC.
10	VICTORINO, M. C. (2011)	O produto de trabalho mais importante resultante do processo de modelagem da informação é a Arquitetura da Informação, que é materializada por meio do repositório informacional corporativo, composto por objetos informacionais, metadados e os SOC, mais especificamente, tesouros, taxonomias e ontologias. Os SOC são utilizados para a modelagem do domínio em que os objetos informacionais estão inseridos.

Fonte: Elaborado pela autora.

5) *Data Analysis* (Análise de Dados):

A subetapa de análise dos dados elucidada, por meio de gráficos, os resultados condensados das subetapas anteriores da fase da condução. Os Gráficos 1, 2 e 3 mostram os dados recuperados.

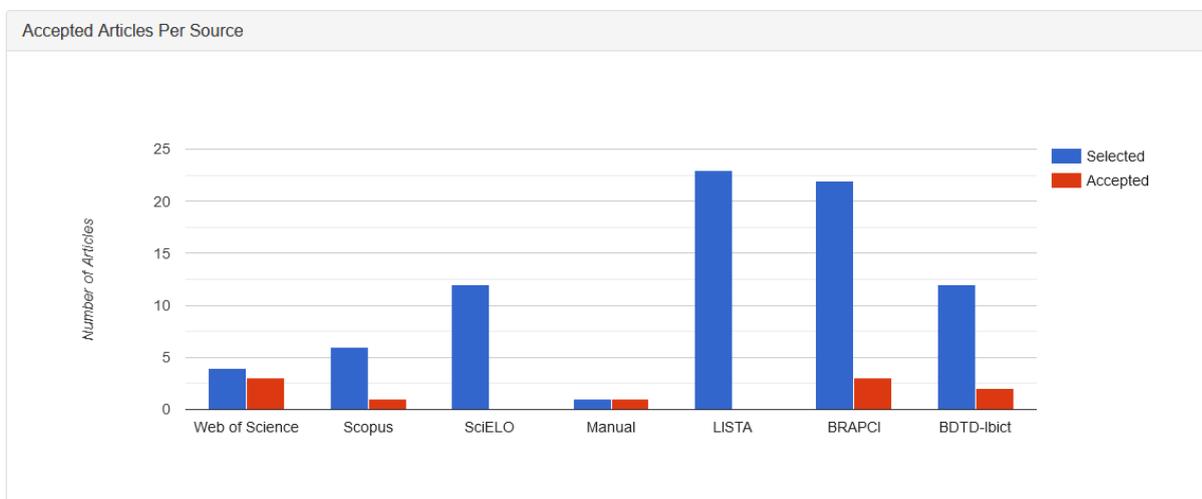
Gráfico 1 - Artigos recuperados por bases de dados



Fonte: Parsifal.

O Gráfico 1 aponta os artigos recuperados por bases de dados, tendo sido recuperados na BDTD-Ibict (15%), Brapci (27,5%), LISTA (28,7%), Manual (1,3%), com a inserção do artigo que não foi recuperado pelas bases de dados mas que foi levantado após a análise exploratória, SciELO (15%), Scopus (7,5%), *WoS* (5%). O Gráfico 2 abaixo apresenta a quantidade de artigos selecionados e aceitos por base de dados para análise, sendo em azul a quantidade de itens selecionados e em vermelho a quantidade desses itens que foi considerada como aceitos.

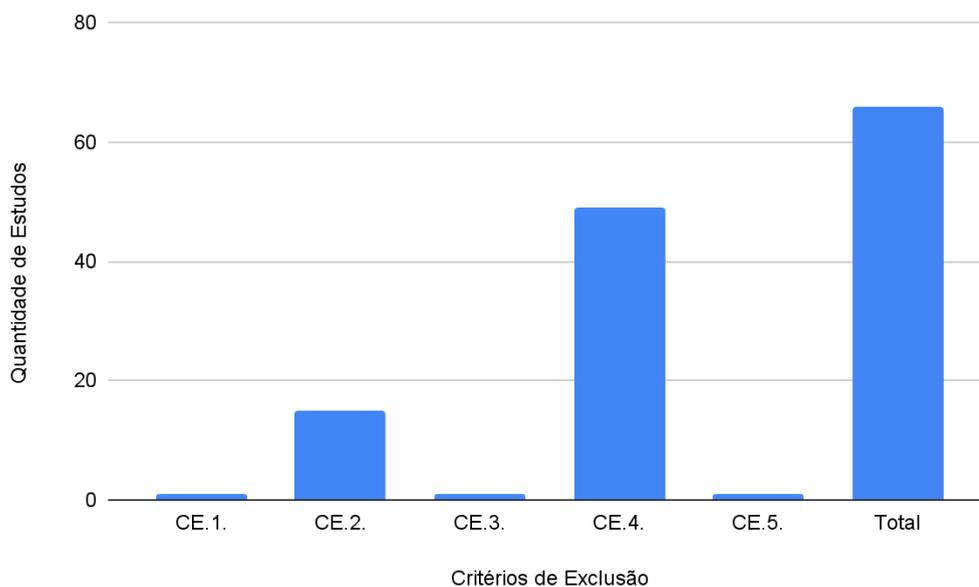
Gráfico 2 - Artigos selecionados e aceitos por base de dados para análise



Fonte: Parsifal.

O Gráfico 3 a seguir exibe a quantidade de estudos após aplicação dos critérios de exclusão. Mostra também que houve uma predominância dos estudos recuperados e que foram rejeitados por atenderem ao quarto critério de exclusão (49), que exclui aqueles que não mencionam os conceitos Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, mesmo constando os conceitos na estratégia de busca adotada.

Gráfico 3 - Quantidade de estudos após aplicação dos critérios de exclusão



Fonte: Elaborado pela autora.

Em segundo lugar, está o segundo critério de exclusão que aborda a aplicação prática da AI no desenvolvimento de *sites* e portais, representado por 15 documentos. A prática da AI é muito presente na literatura, principalmente a partir da publicação do livro do urso polar, como já mencionado na subseção 2.2, cujo enfoque era a AI para a *web*.

Fase 3 - Publicação

A etapa de Publicação da RSL, que contempla todos os passos que foram definidos na etapa de Planejamento, está ilustrada nos apêndices, de A a G, de acordo com os processos de planejamento e condução, e inclui a discussão acerca dos resultados obtidos.

Sobre a cronologia da AI, representada na Figura 3, Lima (2016) sugere que o início dos estudos sobre OI e representação da informação se deu entre as décadas de 1980 e 1990, seguidos das pesquisas sobre os desenhos e análise de sistemas, até o ano de 1995 e, a partir dele até 1998, estudos sobre o uso da AI aplicado à estrutura de *sites*. Sobre essa linha do tempo, a autora aponta que:

A consolidação da área enquanto disciplina ocorreu no ano de 2000, com a realização da primeira conferência anual sobre arquitetura da informação, organizada pela American Society of Information Science and Technology (Asist), em Boston, Estados Unidos da América.

O Quadro 6 abaixo, que cita os autores selecionados como aceitos e apresenta sua vinculação institucional e o país de vínculo, com vistas a ter uma noção macro de quem é o pesquisador que realiza o estudo e onde ele o faz.

Quadro 6 - Relação de autor aceito por vinculação institucional e país atuante

	Autor(es)	Vinculação institucional	País
1	BRÄSCHER, M.; MONTEIRO, F. S. (2010)	- Marisa Brascher Basilio Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) - Fernanda de Souza Monteiro (Universidade de Brasília - UnB)	Brasil Brasil
2	HJORLAND, B. (2012)	- Birger Hjørland (<i>Royal School of Library and Information Science - RSLIS</i>)	Dinamarca
3	LUND, Haakon; ORNAGER, Susanne. (2016)	- Haakon Lund (Universidade de Copenhagen) - Susanne Ornager (Universidade de Copenhagen)	Dinamarca Dinamarca
4	MACULAN, B. C. M. D. S. (2020)	- Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)	Brasil
5	PATTUELLI, M. C. (2010)	- Maria Cristina Pattuelli (<i>School of Information and Library Science - Pratt Institute, New York</i>)	EUA
6	RESMINI, Andrea; ROSATI, Luca. (2008)	- Andrea Resmini (Halmstad University) - Luca Rosati (Co-fundador da Architecta - Società italiana di Architettura dell'Informazione)	Suécia Itália
7	RIOS FILHO, P. A. C. (2014)	- Paulo Argolo da Cruz Rios Filho (Universidade de Brasília - UnB)	Brasil
8	ROBREDO, J. (2008)	- Jaime Robredo (Universidade de Brasília - UnB)	Brasil

9	VICTORINO, M. C.; MARTINS, L.; HOLANDA, M.; FONSECA, R. (2020)	- Márcio de Carvalho Victorino (Universidade de Brasília - UnB) - Luiz Martins (Universidade de Brasília - UnB) - Maristela Holanda (Universidade de Brasília - UnB) - Rodrigo Fonseca (Universidade de Brasília - UnB)	Brasil Brasil Brasil Brasil
10	VICTORINO, M. C. (2011)	- Márcio de Carvalho Victorino (Universidade de Brasília - UnB)	Brasil

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 17 autores correspondentes aos 10 estudos aceitos, observa-se no Quadro 6 a predominância de 10 autores vinculados ao Brasil, oriundos de três instituições: UFSC, UFMG e Unb. A UFSC oferece ao curso de graduação em Ciência da Informação, em sua grade curricular, a disciplina de Arquitetura da Informação e Usabilidade, com conteúdo programático voltado para introdução à Experiência do Usuário (*User Experience - UX*), Arquitetura da Informação e Usabilidade.²²

A UnB conta com 8 pesquisadores dentre os selecionados como aceitos e esse número expressivo pode ser explicado pelo Centro de Pesquisa em Arquitetura da Informação (CPAI), que é um centro multidisciplinar e interinstitucional, atuando em pesquisa, desenvolvimento e inovação em tecnologia e ciência da informação, com ênfase em arquitetura da informação. A disciplina de AI oferecida na UFMG apresenta os aspectos teórico-conceituais da temática, origem, definições, histórico, tendências e principais referências. Além disso, explica as disciplinas relacionadas à arquitetura, a questão da representação como fundamento para o projeto.

A UFMG possui o Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (PPG-GOC) que oferta aos alunos da pós-graduação disciplina de Arquitetura da Informação que pertence ao conjunto de disciplinas optativas sinalizadas como “Arquitetura & Organização do Conhecimento = AOC”. As disciplinas AOC, que podem ser escolhidas pelos pós-graduandos, contemplam a Arquitetura da Informação; Sistemas de Organização do Conhecimento; Comunicação Científica: Gênese e Desenvolvimento;

²² PLANO de ensino semestre 2021-1. Disponível em: <https://dptcin.paginas.ufsc.br/files/2021/05/CIN7501-ARQUITETURA-DA-INFORMA%C3%87%C3%83O-E-USABILIDADE.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

Bibliotecas Digitais; Avaliação de Necessidades de Usuários; Representação Ontológica em Sistemas Formais; Tópicos Especiais em AOC: Organização da Informação e do Conhecimento; e Tópicos Especiais em AOC: Representação Temática da Informação.²³

A RSLIS, na Dinamarca, que resultou em 3 pesquisadores, possui o *Department of Information Interaction and Information Architecture (IIIA)* (Departamento de Interação da Informação e Arquitetura da Informação)²⁴ e a Universidade de Copenhague possui o Departamento de Comunicação que concentra a seção de pesquisa intitulada “Comportamento da informação e design de interação” que inclui estudos na no âmbito da AI.²⁵

Os EUA com 2 pesquisadores têm no Instituto Pratt, mais antigo programa de Biblioteconomia e Ciência da Informação, em funcionamento desde 1890, a oferta do Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação (MSLIS), além de ter “Organização do Conhecimento” como disciplina obrigatória e “Arquitetura da Informação e Design de Interação”²⁶. Representando a Suécia e a Itália, que tiveram cada uma 1 resultado, estão dois pesquisadores que juntos somam 1.651 citações desde 2001, Rosati²⁷ e Resmini²⁸ desde 2006, sendo dois respeitados e atuantes pesquisadores no domínio da AI.

Todos os exemplos do Quadro 3 apresentam algo em comum, como a disciplina de AI, de forma eletiva ou obrigatória da grade curricular de cada instituição, ou um grupo de pesquisa do campo temático; e ambos reforçam a produção científica sobre a AI, visto que as disciplinas ofertadas, além de mostrar um conteúdo da área da CI, também incita que outros estudos sejam desenvolvidos.

Com base na análise da Quadro 3, conclui-se que as temáticas de Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento estão intrinsecamente relacionadas e, com isso, é

²³ DISCIPLINAS AOC. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/disciplinas/disciplinas-aoi/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

²⁴ ROYAL School of Library and Information Science. Disponível em: <http://research-acumen.eu/partners/royal-school-of-library-and-information-science>. Acesso em: 19 fev. 2022.

²⁵ INSTITUTE for Kommunikation. Disponível em: <https://komm.ku.dk>. Acesso em: 19 fev. 2022.

²⁶ LIBRARY and Information Science, Ms. Disponível em: https://catalog.pratt.edu/graduate/information/library-information-science/?_ga=2.176074785.2052526256.1645319860-376992040.1645319860. Acesso em: 19 fev. 2022.

²⁷ LUCA Rosati. Disponível: <https://scholar.google.com.br/citations?user=8AnbRZQAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>. Acesso em: 19 fev; 2022.

²⁸ ANDREA Resmini. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=Sv1A6kkAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 19 fev. 2022.

possível compreender os processos de OC sob a ótica da AI, conforme proposto no Quadro 2, à medida que o modelo sintetiza as ações comuns às duas áreas.

O Quadro 7 abaixo relaciona os dez estudos primários caracterizados selecionados como aceitos e os objetivos de cada pesquisa, informação essa que foi verificada na leitura completa de cada documento, até pelo fato de tentar entender o que o(a) autor(a) estava querendo retratar e fazer as alusões necessárias com a AI e a OC.

Quadro 7 - Objetivos dos trabalhos considerados aceitos

	Autor	Objetivo do trabalho
1	BRÄSCHER, M.; MONTEIRO, F. S. (2010)	Apresentar a definição dos termos associados, Organização da Informação e Organização do Conhecimento. Descrever os modelos de Arquitetura da Informação e exemplos de organização de vários repositórios.
2	HJORLAND, B. (2012)	Determinar relações entre os termos Organização Informacional (IO), Organização da Informação (OI), Arquitetura da Informação (AI) e Organização do Conhecimento.
3	LUND, Haakon; ORNAGER, Susanne. (2016)	Explorar teoricamente e empiricamente a compreensão e implementação de uma taxonomia da informação na organização das Nações Unidas Programa Mundial de Alimentação (PMA), analisando o comportamento da informação dos usuários e estabelecendo um conjunto mínimo de metadados cruzados de silo (taxonomia).
4	MACULAN, B. C. M. D. S. (2020)	Retratar alguns elementos da ambiguidade da linguagem natural que levam a problemas na recuperação da informação e discutir sobre o contexto como componente para a minimização desses problemas, que deve ser considerado na construção de abstrações e modelos da realidade, sobretudo no desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) para uso computacional.
5	PATTUELLI, M. C. (2010)	Obter uma compreensão de qual conteúdo é abordado nos cursos de organização do conhecimento de nível introdutório nas escolas de LIS. O objetivo geral é ajudar a entender se a

		educação introdutória da organização do conhecimento está respondendo às áreas de especialização em evolução exigidas dos profissionais da informação de hoje.
6	RESMINI, Andrea; ROSATI, Luca. (2008)	Delinear um modelo unificado de arquitetura da informação capaz de percorrer os diferentes contextos que encontramos diariamente, do digital aos espaços físicos, fornecendo uma estrutura conceitual para o projeto de continuidade cognitiva e informacional entre ambientes que permitem aos usuários não mudarem constantemente entre diversos padrões.
7	RIOS FILHO, P. A. C. (2014)	Propor um modelo de arquitetura da informação orientado a serviços para organizações sociais.
8	ROBREDO, J. (2008)	Relacionar a AI com a organização da informação e do conhecimento e abordar a necessidade de mudanças curriculares que contemplem os avanços tecnológicos nos currículos dos programas de pós-graduação em ciência da informação.
9	VICTORINO, M. C.; MARTINS, L.; HOLANDA, M.; FONSECA, R. (2020)	Apresentar uma arquitetura baseada em sistemas de organização da informação e do conhecimento, para dar suporte à publicação de dados abertos conectados.
10	VICTORINO, M. C. (2011)	Desenvolver um processo de modelagem da informação para ser empregado, em conjunto com as metodologias de modelagem de processos e as metodologias de engenharia de software utilizadas para a modelagem e o desenvolvimento de sistemas de informação, nas organizações providas de arquitetura orientada a serviços.

Fonte: Elaborado pela autora.

(1). Brascher e Monteiro, em uma apresentação de *slides*, conceituam a Organização do Conhecimento e mostram a Arquitetura da Informação como um suporte à Organização da Informação por meio da aplicação dos seus preceitos nos repositórios digitais, com vistas ao aprimoramento do *site*. Destaca-se que o estudo foi recuperado, mesmo com a associação prática da AI.

(2). Hjørland (2012) é um dos poucos textos que apontam a relação da AI e OC. O autor vai além e propõe a Organização da Informação e a Organização Informacional, estabelecendo vínculo entre os quatro termos. Corroborando essa conexão, o autor afirma que

Uma análise dos problemas teóricos envolvidos demonstra que todos os campos: KO, IO, OI e AI se preocupam principalmente com assuntos, conceitos e relações semânticas entre conceitos. O conhecimento teórico básico é, portanto, o mesmo nos campos abrangidos pelos quatro termos, embora a IA seja mais sobre a organização de assuntos e conceitos na web, enquanto a KO tem sido tradicionalmente mais (mas não exclusivamente) relacionada a bibliotecas e bancos de dados bibliográficos.

(3). Lund e Ornager (2016), mesmo que tenham sido considerados aceitos pela leitura do título, resumo e palavras-chave, analisando o conteúdo na íntegra do artigo, os autores mencionam a AI sob a perspectiva prática, compreendida no critério de exclusão de número 2. Definem a AI como “a arquitetura da informação é aqui considerada como a estrutura da intranet, incluindo o uso de metadados, estrutura de navegação, facilidades de busca, organização de repositórios de documentos/sistema de gerenciamento e layout da página” e têm como objetivo a análise da AI da intranet do Programa Alimentar Mundial (PAM).

(4). Sobre Maculan (2020), embora seu artigo tenha sido recuperado por atender ao CI.1, o texto não trata sobre AI; o conceito apenas aparece por constar no nome da linha de pesquisa em lide: “Arquitetura e Organização do Conhecimento”, do PPG-GOC.

(5). Pattuelli (2010) cita, após uma análise do conteúdo disciplinar dos cursos de OC ministrados em programas de Biblioteconomia e Ciência da Informação dos EUA e Canadá, a arquitetura da informação

(6). Resmini e Rosati (2008, p. 5, tradução nossa), consideram a AI como disciplina da OC, o que confirma a associação entre os campos, ao afirmarem que

A arquitetura da informação (AI) disciplina emergente do campo da organização do conhecimento que mescla conceitos e abordagens de várias disciplinas diferentes (biblioteconomia e ciência da informação, teoria da classificação, lógica e filosofia, experiência do usuário, web design, psicologia e ergonomia, design industrial) e seu objetivo principal é o projeto estrutural de ambientes de informações compartilhadas.

(7). Rios Filho (2014) descreve a AI como uma forma de organização da informação com seus próprios conceitos, técnicas e métodos, podendo ser aplicada com o objetivo de

contribuir com a gestão da informação no âmbito das organizações sociais. Associa-se ao conceito de OC quando menciona a abordagem terminológica.

(8). Robredo (2008, p. 130) destaca que

A representação e organização da informação e do conhecimento, *alma mater*, cerne e ponto de partida de todo o fluxo, círculo ou espiral informacional - o resto é decorrência -, com seus recursos de indexação (léxicos, vocabulários, tesouros, metadados), de classificação (taxonomias), de análise e representação dos conteúdos (do discurso, dos textos), e com suas afinidades com a linguística, muito pode ajudar ao desenvolvimento, com rigor científico, de ontologias, mapas temáticos e conceituais de que tanto precisa a *Web* semântica para alcançar sua plenitude.

O autor complementa ainda que

A inclusão da arquitetura da informação, com todas as suas características de Web design e usabilidade, mas também como propiciadora e facilitadora da passagem da informação para o conhecimento e a compreensão, em harmonia com a pedra angular da ciência da informação, qual seja a representação e organização da informação e do conhecimento, abre e alarga os horizontes num futuro imediato (ROBREDO, 2008, p. 131).

(9). Victorino, Martins, Holanda e Fonseca (2020) propõem uma Arquitetura da Informação pertencente à Arquitetura de Publicação e formada pelos Sistemas de Organização do Conhecimento. O elo com a OC é dado à AI pelo trato semântico dos dados.

(10). Victorino (2011), embora na avaliação de qualidade tenha recebido um *score* alto, passado pelo crivo dos pontos observados que poderiam quantificar a qualidade do estudo, seu foco não é abordar a AI, nem relacioná-la com a OC, mas sim tratar da arquitetura orientada a serviços, uma das vertentes da AI.

O Quadro 8 abaixo é uma proposta de estabelecer os pontos de interseção entre a Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento, no contexto teórico-conceitual e prático.

Quadro 8 – A Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento no contexto teórico-conceitual e prático

	ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
Objeto de estudo	Informação Conhecimento Documento	Informação Conhecimento
Objetivo	Estruturar, representar e desenhar a informação	Organizar, representar, recuperar e disseminar a informação
Características	Interdisciplinaridade	Interdisciplinaridade
Finalidade	Representar e estruturar a informação e o conhecimento para melhorar a experiência do usuário e atender às suas necessidades informacionais dos usuários.	Organização e Representação do conhecimento para melhorar a experiência do usuário e atender às necessidades informacionais dos usuários.
Contexto de criação	Organização do Conhecimento no âmbito empresarial. Revolução técnico-científica	Revolução técnico-científica. Explosão informacional.
Aparato	Metodológico (LAZZARIN; OLIVEIRA, 2015)	Teórico, metodológico e prático.

Fonte: Elaborado pela autora adaptado de Lima-Marques e Macedo (2006).

Em 2008, Jaime Robredo já apontava a premência da reformulação dos programas de pós-graduação, a fim de se adequarem às novas realidades tecnológicas impostas aos profissionais da informação.

A presença de estudos relacionando a AI e a OC é recente. Pattuelli (2010), um dos autores recuperados e considerado como aceito na RSL, afirmou, após uma análise do conteúdo disciplinar dos cursos de OC ministrados em programas de Biblioteconomia e Ciência da Informação dos EUA e Canadá, que “novos tópicos de diferentes tradições e práticas também entraram no currículo [...] como arquitetura da informação e web semântica [...]”, refletindo o campo da OC como um campo em evolução.

O papel do arquiteto da informação é tornar claro o complexo. A utilização dos SOC no âmbito da Arquitetura da Informação possibilita as portas abertas para a web semântica e suas potencialidades, por meio dos metadados, taxonomias e ontologias (ROBREDO, 2008).

A OC atua nas estruturas e relações semânticas do conhecimento disponível e pode-se dizer que também contribui no desenvolvimento teórico-conceitual e prático da AI, fortalecendo suas bases conceituais. Existe uma demanda teórica da atualidade e o estado da

arte indica uma lacuna na literatura com a presença de linhas distintas de pesquisa, nas quais a AI atua em diversas ações, como projetar, desenhar, organizar, utilizar, recuperar, conectar, compreender e facilitar.

Na literatura, principalmente a partir dos anos 2000, ressalta-se o cerne da AI restrito à aplicação de seus princípios enquanto prática para estruturar os ambientes informacionais digitais existentes, mas sabe-se que essa é só uma parte de sua atuação. Essa produção, que a relaciona com a organização e tratamento de ambientes digitais informacionais, utilizando seus componentes como o sistema de organização, navegação, rotulagem, busca e representação para melhoria de *sites* de intranet e *internet*, limita seu campo e centraliza sua discussão em questões tecnológicas relacionadas à recuperação da informação, sem refletir os aspectos semânticos que também colaboram para uma recuperação eficaz; aspectos esses oriundos da OC, que é esse grande conceito guarda-chuva.

A CI e a AI compartilham dos mesmos objetos de estudo que são os processos e procedimentos que governam todo o fluxo da informação, além de se preocuparem para que a informação esteja acessível ao usuário; preocupação essa que também é compartilhada com a OC.

Esta pesquisa teve o intuito de aprofundar conceitualmente essa relação interdisciplinar, a partir do estabelecimento de pontos convergentes e divergentes entre esses campos do conhecimento, tendo a OC como ponto de interseção entre ambas. A intenção era contribuir, portanto, de modo positivo para estudos vindouros da AI e OC, como sugeriu Barité (2008), em seu artigo intitulado “Organização do conhecimento e arquitetura da informação: tendências e tensões”. Como tendências, o autor mostra a abordagem interdisciplinar como uma solução aos problemas complexos inerentes aos campos, necessária para que os obstáculos sejam ultrapassados; tendência à digitalização e acesso aberto ao conhecimento científico; tendência na utilização de termos como “vocabulários estruturados” na sinalização de estruturas do conhecimento mais abrangentes que os tesouros e vocabulários controlados com fins de facilitar a recuperação da informação. E como uma tensão levantada, menciona a complexidade das definições de conhecimento e informação.

Todos os pontos discutidos fazem relação entre a AI e a OC, sendo o usuário o ponto central entre elas, afirmando que “sem usuário não há Ciência da Informação, excluindo o

usuário, não há organização do conhecimento que seja legítima e útil” (BARITÉ, 2008, p. 133, tradução nossa), sendo que antes havia atestado que

Por trás de toda arquitetura de informação está o usuário, suas necessidades, seus problemas, seus caprichos; e, portanto, toda arquitetura de informação deve fornecer hoje espaços interativos para usar, reutilizar, comunicar e discutir conhecimento em formação. (BARITÉ, 2008, p. 126, tradução nossa).

Ainda em seu artigo, o autor aborda o papel dos profissionais que têm essa expertise e que devem contribuir para a melhoria constante dessas estruturas. Quanto a isso, reforça o seguinte:

Os profissionais da Ciência da Informação devem adotar e assumir uma atitude especial em relação a fenômenos -complexos, plásticos, intrincados, incessantes- do mundo da informação: o da abertura mental, sem preconceitos ou preconceitos, para facilitar a compreensão de sua rica realidade, compreender a dinâmica de seus processos, a interação cada vez mais produtiva entre computação intelectual e cognitiva e ferramentas lógicas que replicam os processos de pesquisar, associar, conhecer e produzir (BARITÉ, 2008, p. 132, tradução nossa).

Percebe-se que há, primeiramente, uma dificuldade conceitual sobre o que é a OC. O entendimento de que as subáreas Classificação, Indexação, Recuperação da Informação, Representação da Informação, Representação do Conhecimento, os SOC, fazem parte de uma grande área que é a OC.

Como apontado por Barité (2008), que cita a mudança de nomenclatura da Revista Classificação Internacional para Organização do Conhecimento, em 1974, por necessidade de ampliação dos horizontes epistemológicos desse campo temático que estava emergindo, semelhante pode ser considerado no que tange à AI e à insuficiência de sua produção científica no âmbito da CI.

As disciplinas vislumbram, nos conhecimentos científicos de cada uma, o embasamento e a possível solução para os problemas surgidos nos seus objetos de estudo, o que reforça a necessidade da interdisciplinaridade. A abordagem interdisciplinar, portanto, é capaz de influenciar, contribuir e aproximar as disciplinas relacionadas, enriquecendo o conhecimento científico.

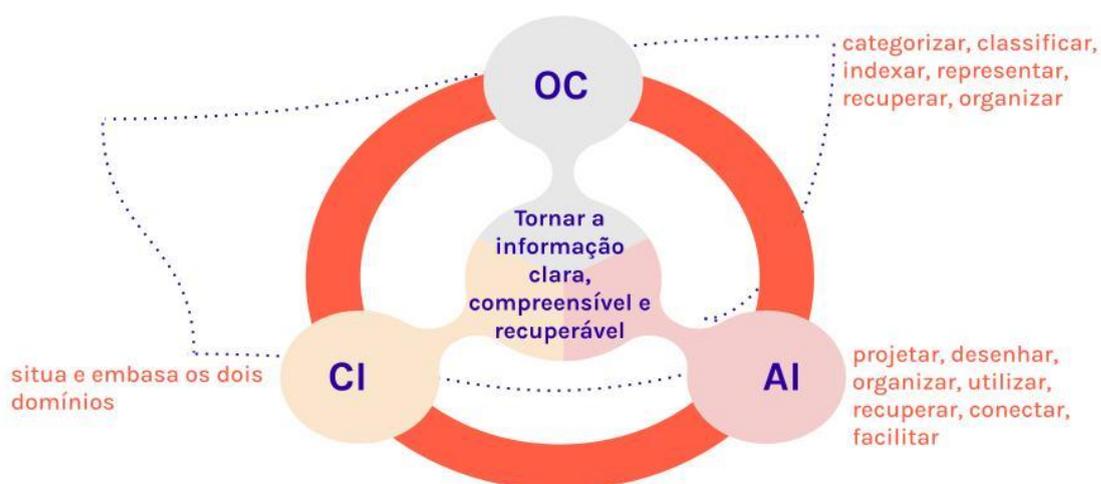
Segundo Café, Lacruz e Barros (2011, p. 295), “a aplicabilidade dos SOC permeia diferentes áreas do conhecimento, como a Gestão do Conhecimento, Ciência da Computação, Arquitetura da Informação e Ciência da Informação.

Resultado da RSL, 49 dos 66 selecionados como rejeitados focavam na utilização do conceito da AI ao avanço prático nos ambientes informacionais digitais, pelo fato de não mencionarem a OC mas mencionarem as subáreas que pertencem a ela. Ou seja, aparenta-se que o conceito OC não foi levado em consideração no estudo, por não constar nem no título, resumo e palavras-chave.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar com as considerações propriamente ditas, deve-se relembrar os domínios que englobam este estudo, conforme apresentados na Figura 10. Temos, portanto, a Ciência da Informação que, dentre outras inúmeras ações, situa e embasa a Arquitetura da Informação e a Organização do Conhecimento; a Arquitetura da Informação que objetiva projetar, desenhar, organizar, utilizar, recuperar, conectar e facilitar a informação; e a Organização do Conhecimento que visa categorizar, classificar, indexar, representar, recuperar e organizar a informação, todos os domínios com o intuito de torná-la clara, compreensível e recuperável ao usuário.

Figura 10 - Características dos três domínios



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar parte da literatura sobre Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, por meio da RSL, percebe-se a carência de fundamentos teóricos consistentes sobre o tema. A tendência a uma visão reducionista e técnica da AI, com um grande número de publicações associando-a à Usabilidade, *UX*, *UX Writing*, experiência do usuário destinada à escrita de conteúdos digitais, apresenta a temática como se tivesse seu foco voltado para o

desenho de *sites* na *web*, sendo que, quando da sua criação, a *web* ainda não era uma realidade.

Estudos práticos são importantes na formação de uma área e devem ser apresentados como relatos de experiência e aplicação da teoria, de modo a facilitar a vida dos profissionais que buscam aprimorar seus conhecimentos. Inclusive, o mercado de trabalho tem demandado por arquitetos da informação, profissionais com habilidades e competências na produção, armazenamento, disseminação, desenho e estrutura da informação; além de saberes relativos à experiência de navegação, que trabalhem visando obter o melhor resultado de usabilidade.

No entanto, a AI, em sua busca por consolidação enquanto área do conhecimento, necessita apresentar os fundamentos de suas bases teóricas, ao incentivar estudos sobre os aspectos epistemológicos, científicos e práticos da AI para seu desenvolvimento enquanto ciência. Afinal, um tema com essa gama de aporte teórico, conceitos, componentes, relação interdisciplinar, que demonstra sua relevância perante as demais áreas do conhecimento, neste caso, principalmente no que tange à evolução dos estudos da CI no ambiente informacional digital, não pode se resumir a uma atividade prática.

A realidade da *internet* atualmente impacta diretamente o futuro da AI e apresenta novas perspectivas de estudo e de atividade prática da área, como por exemplo pensar a humanização de processos envolvendo a inteligência artificial, como forma de evitar que as escolhas de estruturas e esquemas de organização não sejam imparciais. Isso inclui as interfaces conversacionais, utilizadas como assistentes virtuais em portais, que auxiliam nos serviços oferecidos pelas empresas e também são uma forma de prática da AI.

O uso de linguagem inclusiva, simplicidade nas informações, evitando termos desconhecidos e jargões, e fortalecimento de uma AI invisível, que esteja presente no âmago dos sistemas mas que não seja aparente, reflete a necessidade de reforço de estudos com a área que a mune desse conhecimento: a Organização do Conhecimento. Sua invisibilidade e funcionalidade são suficientes para que o usuário consiga resolver o seu problema informacional. Esses foram alguns pontos abordados no *World Information Architecture Day*, evento ocorrido em 2020, que apresentou algumas novas perspectivas da AI para o Brasil e para o mundo.

Quanto às perspectivas futuras da AI, espera-se, primeiramente, que os cientistas da informação, sejam bibliotecários, arquivistas, museólogos, cientistas da computação, etc.

sejam apresentados à temática, de preferência ainda na graduação, para que os estudos da área sejam reforçados ao ponto de que as relações com outros campos do conhecimento, como a realizada neste estudo com a OC, sejam recorrentes.

Uma baixa produção contemplando a discussão teórica pode ser um fenômeno das temáticas mais recentes de estudos, refletindo em um processo de amadurecimento do campo que está se consolidando, como é o caso da Arquitetura da Informação. Até que ponto a AI é um tema de pesquisa da academia? Será que os estudos já existentes darão conta dos seus avanços teóricos e práticos?

Aparentemente, a institucionalização acadêmica auxilia no desenvolvimento de novas pesquisas, como pode ser observado nos vínculos institucionais dos estudos primários levantados, UnB, UFMG e *School of Information and Library Science - Pratt Institute, New York*, como exemplos, que oferecem disciplina de AI no âmbito da CI aos cursos de graduação ou pós-graduação. Esse fenômeno suscita uma crescente produção de estudos teóricos de determinada área, indubitavelmente.

Por ser um campo em consolidação, que precisa de uma evolução equilibrada entre teoria e prática, devem ser observados os fundamentos e componentes da Arquitetura da Informação, a fim de viabilizar estudos futuros. Percebe-se, ao longo da dissertação, uma potencial vertente da AI que é a descrição semântica dos ambientes informacionais, principalmente digitais, fornecida pelos fundamentos da Organização do Conhecimento. Contribuição mais significativa para a AI, a descrição e análise semânticas, com o uso dos SOC - tesouros, taxonomias e ontologias - englobam questões que vão além da simples atribuição de relacionamentos entre conceitos, faz do ambiente o qual a AI está inserida cada vez mais compreensível ao usuário, atingindo ao seu propósito e promovendo a interoperabilidade efetiva.

Diante disso, os estudos vindouros da Arquitetura da Informação também poderão esclarecer o que está por detrás do campo. A oferta desse conhecimento durante a graduação e pós-graduação ensinará ainda mais a produção científica da área, retornando-a cada vez mais ao campo da Ciência da Informação. Fazem-se necessárias investigações de sua correlação e contribuição às demais áreas do conhecimento, além das contribuições recebidas, como no caso da Organização do Conhecimento e dos Sistemas de Organização do Conhecimento que

a compõem e desenvolvem, a fim de amadurecer essa área do conhecimento em ascensão, já consolidada do ponto de vista prático e em progresso do ponto de vista teórico.

REFERÊNCIAS

- AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura de informação**: trabalhando com o usuário. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2018.
- ALDERSON, Phil; GREEN, Sally; HIGGINS, Julian (ed.). **Cochrane Reviewers' Handbook**. 2004. Versão 4.2.2. Disponível em: https://www.iecs.org.ar/cochrane/guias/Handbook_4-2-2.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.
- ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012.
- ALVES, B. H.; OLIVEIRA, E. F. T. de. O desenvolvimento do domínio da "Organização do Conhecimento" no contexto da Ciência da Informação a partir da ISKO-Brasil. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/5985>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57–79, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 01-30, dez. 2013. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n1p01>. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- BARACHO, Renata Abrantes. Organização e recuperação da informação: pilares da arquitetura da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119624>. Acesso em: 09 jan. 2022.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento y arquitectura de la información: tendencias y tensiones. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 119-135, 2008. DOI: 10.26512/rici.v1.n1.2008.962. Acesso em: 28 jan. 2022.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Glossário sobre a Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.datagramazero.org.br/fev07/Ind_com.htm. Acesso em: 20 jan. 2022.
- TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. (Sala de aula, v. 5). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BISSET ALVAREZ, Edgar. **Sistemas de recomendação para bibliotecas universitárias**: um aporte teórico da arquitetura da informação. 2017. 182 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

BISSET ALVAREZ, Edgar; BRITO, Jean Fernandes; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti. Arquitetura da informação enquanto disciplina científica: um debate ainda aberto. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1409>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Os-usos-sociais-da-ci%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/809/17.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 ago. 2021.

BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1995. Disponível em: http://org.noemalab.eu/sections/stuff/download/as_we_may_think.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; LACRUZ, María del Carmen Agustín; BARROS, Camila Monteiro de. Organização do conhecimento: análise conceitual. *In*: CONGRESO DEL SOCIEDAD INTERNACIONAL PARA LA ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO. CAPÍTULO ESPAÑOL, 10., 2011, Ferrol. **Actas [...]**. Ferrol: ISKO Capítulo Español, Universidade da Corunã, 2012. Disponível em: https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/11615/CC_132_art_18.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 fev. 2022.

CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. **Arquitetura da informação**: uma abordagem prática para o tratamento de conteúdo e interface em ambientes informacionais digitais. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CAMBOIM, L. G.; TARGINO, M. das G.; SOUSA, M. R. F. de. Gestão da Informação em ambientes híbridos: condições de apoio da Arquitetura da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 26, n. 3, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/29852>. Acesso em: 25 jun. 2021.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CERRAO, Natalia Gallo; CASTRO, Fabiano Ferreira de; JESUS, Ananda Fernanda de. O método de revisão sistemática da literatura (RS) na área da Ciência da Informação no Brasil: análise de dados de pesquisa. **Informação & Tecnologia**, v. 5, n. 1, p. 105-116, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/itec/article/view/38083>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CRUZ, C. H. B. Vannevar Bush: uma apresentação. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-13, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/4cfGFz5ss7W8p56ZLtFQg7j/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science?. **Know. Org.**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2006-1-11.pdf?download_full_pdf=1. Acesso em: 10 jan. 2022.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 27 jan. 2022.

DAVENPORT, Thomas H. Arquitetura da informação. *In*: DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998. Disponível em: <https://ppgic.files.wordpress.com/2018/07/davenport-t-h-2002.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DILLON, A. Information architecture in JASIST: just where did we come from? **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n. 10, p. 821 -823, 2002. Disponível em: <https://repository.arizona.edu/handle/10150/105433>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, H. E.; CAMPOS, M. L. de A. **A organização do conhecimento na web**: contribuições de Shiyali Ramamrita Ranganathan e Ingetraut Dahlberg. Niterói: IACS/UFF, 2019. (Grupo de pesquisa Estudos Ônticos e Ontológicos em Contextos Informacionais: representação, recuperação e métricas) (Cadernos Acadêmicos, n. 1).

HAGEDORN, Kat. **Information architecture glossary**. USA: Argus Associate, 2000. Disponível em: https://argus-acia.com/white_papers/ia_glossary.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

HJORLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowl. Org.**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Hjorland2003.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

HJORLAND, Birger. What is knowledge organization (KO)? **Knowl. Org.**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko35200823c.pdf. Acesso em: 12 jan. 2022.

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews**. Keele: Keele University, 2004. Disponível em: <https://www.inf.ufsc.br/~aldo.vw/kitchenham.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

KITCHENHAM, Barbara; CHARTES, Stuart. **Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering**. Keele; Durham: Keele University; University of Durham, 2007. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.117.471>. Acesso em: 21 out. 2021.

LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

LAZZARIN, F. A. R.; OLIVEIRA, H. P. C. DE. Ciência da Informação e Arquitetura da Informação como referenciais para as Teias Hipertextuais Complexas. **Folha de Rosto**, v. 1, n. 1, p. 113-123, 21 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/13>. Acesso em: 9 jan. 2022.

LAZZARIN, F. A. R. *et al.* Da informação à compreensão: reflexões sobre arquitetura da informação, usabilidade e acessibilidade no campo da ciência da informação. **Biblionline**, n. esp., 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100247>. Acesso em: 09 jan. 2022.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Caderno de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 6, n. 73, ago. 2005, p. 3–22. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LEÓN, Rodrigo Ronda. Arquitectura de Información: análisis histórico-conceptual. **No solo usabilidade Journal**, n. 7, abr. 2008. Disponível em: http://www.nosolousabilidad.com/articulos/historia_arquitectura_informacion.htm. Acesso em: 26 jun. 2021.

LIMA, G.A. Arquitetura da Informação. *In*: MIRANDA, Roberto Campos da Rocha.

(Org.). **Arquitetura da Informação na Câmara dos Deputados**. Brasília: Centro de Documentação e Informação; Edições Câmara, 2016, p. 47-62. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/30199>. Acesso em: 14 fev. 2022.

LIMA-MARQUES, Mamede; MACEDO, Flávia Lacerda de Oliveira. **Arquitetura da informação: base para a gestão do conhecimento**. In: TARAPANOFF, Kira. (Ed.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: Ibict, 2006.

MACEDO, Flávia Lacerda Oliveira de. **Arquitetura da informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos**. 2005. 190f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35858>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/sep, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

MOREIRA, Flávia Moraes; BAX, Marcello Peixoto. O papel da arquitetura da informação na produção de sentidos pela abordagem *sense-making*. **RACIn**, João Pessoa, v. 4, n.1, p. 6-25, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80984>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MORVILLE, Peter; ROSENFELD, Louis. **Information Architecture for the World Wide Web**. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

MORVILLE, Claire; MORVILLE, Peter. **Crisis information architecture**. Semantic studios, 2021. Disponível em: <https://semanticstudios.com/crisis-information-architecture/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

MORVILLE, Peter. **Peter Morville on emancipating information architecture**. 2020. Disponível em: <https://theinformed.life/2020/10/25/episode-47-peter-morville/>

NHACUONGUE, J. A.; FERNEDA, E. O campo da ciência da informação: contribuições, desafios e perspectivas. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 3-18, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35884>. Acesso em: 25 jan. 2022.

NUNES, Fátima L. S. **Como fazer Revisão Sistemática**. São Paulo: EACH/USP, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wgaw97mTKWM&t=6014s>. Acesso em: 2 fev. 2022.

OLIVEIRA, H. P. C.; LUVIZOTTO, C. K. **Arquitetura da informação e o paradigma sócio-cognitivo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105530>. Acesso em: 29 jan. 2022.

OLIVEIRA, Henry P. C. de; VIDOTTI, Silvana A. B. G.; BENTES, Virgínia. **Arquitetura da informação pervasiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6cn9c/pdf/oliveira-9788579836671.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

OLIVEIRA, Marlene de. **Ciência da informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PAIVA, Rodrigo Oliveira de. Uma anatomia da Arquitetura da Informação. **Múltiplos olhares em Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, out. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/79348>. Acesso em: 9 jan. 2022.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. *In: O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 61-86. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/17>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RABELLO, Rodrigo; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Agentes, intermediações e institucionalidades: apontamentos acerca de um mosaico interpretativo no campo informacional. *In: RABELLO, Rodrigo; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1068>. Acesso em: 29 jan. 2022.

RESMINI, Andrea; ROSATI, Lucas. A brief history of information architecture. **Journal of Information Architecture**, Copenhagen, v. 3, n. 2, p. 33-46, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263963056_A_Brief_History_of_Information_Architecture. Acesso em: 25 out. 2021.

ROBREDO, Jaime. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2011. DOI 10.18617/liinc.v7i1.401. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3287>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ROBREDO, Jaime. Sobre arquitetura da informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 115-137, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1209>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ROBREDO, Jaime *et al.* Reflexões sobre os fundamentos da Arquitetura da Informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA*, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SENAC, 2008. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/1030/Reflex%C3%B5es.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter; ARANGO, Jorge. **Information architecture: for the web to beyond**. 4. ed. Sebastopol, Califórnia: O'Reilly Media, 2015.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>. Acesso em: 2 maio 2021.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_7810a51cca_0000015436.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinary nature of information science. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/05/pdf_aac5068b8b_0016893.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de pesquisa: conceitos gerais**. Guarapuava, PR: Unicentro, 2014.

SILVA, Z. C. G.; SOUZA, E. D. A produção interdisciplinar na Ciência da Informação: fundamentos teórico-metodológicos da arquitetura da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2016. p. 59-95.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. *In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007. (Sala de aula, v. 5). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. (Sala de aula, v. 5). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

TRANFIELD, D. *et al.* Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge means of systematic review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003. Disponível em: <https://www.cebma.org/wp-content/uploads/Tranfield-et-al-Towards-a-Methodology-for-Developing-Evidence-Informed-Management.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

TRAVASSOS, G.; BIOLCHINI, Jorge. Revisões sistemáticas aplicadas a engenharia de software. *In: XXI SBES-Brazilian Symposium on Software Engineering*. 2007. Disponível em: https://www.cin.ufpe.br/~in1037/leitura/sbes2007_revisaosistemica.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

YAMAKAWA, Kazumi *et al.* Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 167-176, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/YCXRcdqjP6gGccddwgzwnCK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2022.

APÊNDICE A – Planejamento da Revisão Sistemática da Literatura

Objetivos:

Geral: identificar os aportes teóricos da Arquitetura da Informação, a partir de estudos ligados à Organização do Conhecimento, oriundos da Ciência da Informação.

Específicos: conceituar a Arquitetura da Informação, apresentando sua origem, os conceitos, áreas e subáreas a ela relacionadas;

Apresentar o contexto histórico da Ciência da Informação; e

Analisar as contribuições teóricas e/ou práticas da Organização do Conhecimento na Arquitetura da Informação, por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL).

Protocolo (PICOC)²⁹:

População (*Population*): Ciência da Informação.

Intervenção (*Intervension*): Arquitetura da Informação.

Comparação (*Comparison*): análise exploratória realizada no *Google Scholar*³⁰, na BDTD-Ibict e no TBCI para estabelecer as palavras-chave da pesquisa, a partir de busca simples nas bases e outros estudos de RSL em Arquitetura da Informação.

Resultado (*Outcome*): Organização do Conhecimento.

Contexto (*Context*): Estudos primários.

Fontes de busca

A seleção das bases de dados foi feita a partir de uma revisão tradicional a partir de pesquisa no *Google Scholar*, verificando na produção científica da Ciência da Informação as bases que eram mais relevantes para a área, com abrangência nacional e internacional. Com base nessa pesquisa exploratória inicial, definiu-se como fontes de de busca as seguintes bases de dados:

- 1) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-Ibict);
- 2) Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci);
- 3) *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (LISTA)*;
- 4) Manual;
- 5) *Scopus*;
- 6) *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*; e
- 7) *Web of Science*.

Idiomas: português, inglês ou espanhol.

²⁹ PICOC, segundo Kitchenham e Charters (2007).

³⁰ *Google Scholar*. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

Palavras-chave:

Português: Arquitetura da informação. Ciência da informação. Organização do conhecimento.

Inglês: *Information architecture. Information science. Knowledge organization.*

Espanhol: *Arquitectura de la información. Ciencia de la información. Organización del conocimiento.*

Questão de Pesquisa:

Quais as contribuições da Organização do Conhecimento no desenvolvimento da Arquitetura da Informação?

Expressão de busca:

("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información") AND ("ciência da informação" OR "information science" OR "ciencia de la información") AND ("organização do conhecimento" OR "knowledge organization" OR "organización del conocimiento")

Critérios para a seleção dos estudos primários:**Critérios de Inclusão (CI)**

CI.1 Publicações que mencionam os conceitos Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, sejam nas línguas inglesa, portuguesa ou espanhola, no título, resumo e/ou palavras-chave.

Critérios de Exclusão (CE)

CE.1. Acesso restrito ou objeto digital indisponível;

CE.2. Aplicação prática dos princípios da Arquitetura da Informação na construção de *sites* e desenvolvimento de portais;

CE.3. Estudos secundários (revisões não sistemáticas e sistemáticas e metanálise);

CE.4. Publicações que não mencionam os conceitos Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento, sejam nas línguas inglesa, portuguesa ou espanhola, no título, resumo e/ou palavras-chave; e

CE.5. Estudos sobre Arquitetura tradicional.

Estratégia de seleção de dados (Nunes, 2015)

As estratégias de busca com as palavras-chave nos três idiomas selecionados serão submetidas às máquinas de busca. Após a leitura do título, resumo e palavras-chave e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o trabalho será selecionado se confirmada a sua relevância. Após definidos os trabalhos definitivamente incluídos, estes serão lidos na íntegra

e serão feitas anotações de cada um deles, destacando a avaliação e os parâmetros considerados, quando for o caso. As seguintes informações serão extraídas de cada artigo incluído: definições da OC e da AI; aporte teórico da OC, ou SOC, em associação à AI (teoria e prática); e autores que abordam a OC na AI.

APÊNDICE B – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da BDTD-Ibict

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Data da busca: 27/12/2021

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca avançada da base: "(Título:arquitetura da informação E Todos os campos:ciência da informação E Todos os campos:organização do conhecimento)"

Idioma: português

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 2004 a 2019.

Filtro: sem filtro

Resultado: 12 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de. Arquitetura da informação para biblioteca digital personalizável . 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2004.	Rejeitado	CE.4
2	CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de. Metodologia de desenvolvimento de ambientes informacionais digitais a partir dos princípios da arquitetura da informação . 2010. 289 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.	Rejeitado	CE.4
3	INAFUKO, Laura Akie Saito. Arquitetura da informação para biblioteca digital colaborativa: uma proposta de um sistema de interação . 2013. 129 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013.	Rejeitado	CE.4
4	NASCIMENTO, Isabela da Rocha. Arquitetura da informação em ambientes informacionais digitais: avaliação de websites de organizações de saúde . 2019. 123f. - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Fortaleza (CE), 2019.	Rejeitado	CE.2
5	PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho. Sistema de recuperação de informação visual em desenhos técnicos de engenharia e arquitetura: modelo conceitual, esquema de classificação e protótipo . 2007. 255f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.	Rejeitado	CE.4
6	RIOS FILHO, Paulo Argolo da Cruz. Um modelo de arquitetura da informação orientado a serviços . 2014. 192 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.	Aceito	CI.1
7	SANTOS, Rômulo Ferreira dos. Arquitetura da informação que permite a integração entre informações organizacionais, processos de negócio e sistemas de informação . 2013. xix, 173 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.	Rejeitado	CE.4
8	SILVA, Adriana da. Um modelo dinâmico de arquitetura da informação organizacional baseado em sistemas flexíveis . 2008. 112 f. Dissertação	Rejeitado	CE.4

	(Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.		
9	SILVA, Eilson Leite da. OntoAI : uma ontologia para modelar o domínio da arquitetura da informação para Web. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.	Rejeitado	CE.2
10	SILVA, Zayr Cláudio Gomes da. Produção interdisciplinar na ciência da informação : abordagem nos domínios da Arquitetura da Informação. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.	Rejeitado	CE.4
11	STEINMETZ, Edeuzane de Fátima Pereira da Silva. Processo de organização da informação para a aprendizagem sob a ótica da arquitetura da informação . 2013. 96 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.	Rejeitado	CE.4
12	VICTORINO, Marcio de Carvalho. Organização da informação para dar suporte à arquitetura orientada a serviços : reuso da informação nas organizações. 2011. 276 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.	Aceito	CI.1

APÊNDICE C – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da Brapci

Fonte: *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci)*

Data da busca: 27/12/2021

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca simples da base: ciencia da informacao AND arquitetura da informacao AND organizacao do conhecimento

Idioma: português

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 1972 até 2021

Filtro: nenhum

Resultado: 22 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	AQUINO, Mirian de Albuquerque; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Contribuições da arquitetura da informação para o website “A Cor da Cultura”. Informação & Sociedade: Estudos , n. 1, v. 22, 2012. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92190 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
2	ARAÚJO, Izabel Antonina. Acesso Aberto e visibilidade à produção intelectual da UFMG: organização e difusão dos acervos da Escola de Arquitetura. Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas , n. 1, v. 4, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17067 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
3	BERTI JUNIOR, Decio Wey; SOERGEL, Dagobert; LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Semiautomatização de relações em tesouros: uma proposta para o refinamento de relacionamentos semânticos a partir do tesouro Agrovoc. Informação & Informação , n. 3, v. 22, p. 377-404, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33506 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
4	BRÄSCHER, Marisa; MONTEIRO, Fernanda de Souza. Organização da informação em repositórios digitais. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 29, v. 15, 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38351 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Aceito	CI.1
5	DALFOVO, Oscar; SCHMITT, Sidnei; RABOCH, Henrique. Aplicação em data mining utilizando a teoria dos conjuntos aproximativos para geração do capital intelectual nas organizações. Informação & Sociedade: Estudos , n. 1, v. 20, 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92820 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
6	ITABORAHY, Anderson Luis Cambraia; MACHADO, Renato Plácido Mathias; ALVARES, Lillian Maria Araújo de Resende. Modelo de maturidade em Gestão do Conhecimento: uma visão diacrônica. Em Questão , n. online, n. 3, v. 27, p. 350-374, 2021. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160579 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4

7	LEMOS, Daniela Lucas da Silva; SOUZA, Renato Rocha. Modelos de anotação para representação de documentos: uma proposta ontológica para o domínio de anotação multimídia. Informação & Tecnologia , n. 2, v. 4, p. 102-123, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/101606 . Acesso em: 12-fev.-2022.	Rejeitado	CE.4
8	MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Ambiguidade e o contexto na representação de informações em domínios de especialidade. Perspectivas em Ciência da Informação , n. Especial, v. 25, p. 98-124, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135745 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Aceito	CI.1
9	MENDONÇA, Fabrício Martins; ZAIDAN, Fernando Hadad. Ontologias para organização da informação em processos de transformação digital. Em Questão , n. 1, v. 25, p. 295-320, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/107096 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
10	NUNES, Denise Bacellar; SIMEÃO, Elmira; PEREIRA, Ondina. A prática da pesquisa documental em Psicologia. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação , n. 1, v. 13 No 1, p. 339-359, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136078 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
11	OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; SOUZA, Ráisa Mendes Fernandes. Arquitetura da Informação Pervasiva. Informação em Pauta , n. Especial, v. 4 n. especial, p. 65-83, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/125435 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
12	PINTO, Virgínia Bentes; RABELO, Camila Regina de Oliveira; GIRÃO, Igor Peixoto Torres; RAULINO NETO, Francisco Hilton Rodrigues. A percepção dos profissionais e dos estudantes de Biblioteconomia acerca da praxis do arquiteto da informação. Revista Folha de Rosto , n. 2, v. 1, p. 17-28, 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39742 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
13	PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho. Representação e gestão do conhecimento: Aplicações em Cidades Inteligentes – Smart Cities. Perspectivas em Ciência da Informação , n. Especial, v. 25, p. 252-279, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135742 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
14	PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho. Organização e recuperação da informação pilares da arquitetura da informação. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação , n. 1, v. 9, 2016. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119624 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
15	PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho; TEIXEIRA, Livia Marangon Duffles; PEREIRA JUNIOR, Mário Lucio. Ontologias como suporte à modelagem da informação na arquitetura, engenharia e construção. Ciência da Informação , n. 1, v. 46, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19537 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
16	ROCHA, Carin Cunha; PINTO, Virgínia Bentes; DAVID, Priscila Barros. Arquitetura da informação: revisão integrativa em bases de dados de ciência da informação. Informação & Informação , n. 2, v. 25, p. 49-73, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142015 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
17	SILVA, Narjara Bárbara Xavier; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira. A dimensão tecnológica da Gestão do Conhecimento e a contribuição da Arquitetura da Informação: uma análise da plataforma Podio. Perspectivas em Gestão & Conhecimento , n. 2, v. 5, p. 186-200, 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/51212 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
18	SOUZA, Marcos de; SOUZA, Renato Rocha. Produção científica brasileira e as instituições de fomento a pesquisa. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação , n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104324 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4

19	STEIMER, Isadora dos Santos Garrido; LUZ, Charley dos Santos. Taxonomia para Comércio Eletrônico: diferentes perspectivas em front e back end. Ciência da Informação em Revista , n. 3, v. 2, p. 3-14, 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36268 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
20	TEIXEIRA, Livia Marangon Duffles; ÁVILA, Ismael; SOUSA, Carlos Alberto de; BARBOSA, João Luiz Silva; ALVEZ, Elizete José. Interoperabilidade semântica na gestão de ativos do setor elétrico. Biblionline , n. 4, v. 15, p. 116-128, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/148522 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
21	TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Estratégias para disseminação do Conhecimento Organizacional: o papel da arquitetura da informação. Informação & Informação , n. 3, v. 17, p. 165-180, 2012. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33156 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
22	VICTORINO, Márcio de Carvalho; MARTINS, Luiz; HOLANDA, Maristela; FONSECA, Rodrigo. Arquitetura de publicação de dados abertos conectados governamentais da Universidade de Brasília. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , v. 25, p. 1-25, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/139686 . Acesso em: 12 fev. 2022.	Aceito	CI.1

APÊNDICE D – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da LISTA

Fonte: *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (LISTA)*

Data da busca: 01/02/2022.

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca avançada da base: ("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información") AND ("ciência da informação" OR "information science" OR "ciencia de la información") AND ("organização do conhecimento" OR "knowledge organization" OR "organización del conocimiento")

Idioma: inglês e espanhol

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 2004 até 2017.

Filtro: texto completo, revistas acadêmicas (Tipos de documentos), e seleção dos idiomas.

Resultado: 23 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	AHARONY, N. The Use of a Wiki as an Instructional Tool: A Qualitative Investigation. Journal of Web Librarianship , [s. l.], v. 3, n. 1, p. 35–53, 2009. DOI 10.1080/19322900802660334. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=37185939&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
2	BATLEY, S. The I in information architecture: the challenge of content management", Aslib Proceedings , v. 59 n. 2, p. 139-151. DOI https://doi-org.ez24.periodicos.capes.gov.br/10.1108/00012530710736654 . Disponível em: https://www-emerald.ez24.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/00012530710736654/full/html . Acesso em: 01 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
3	BERNSTEIN, J. H. Nonknowledge: The Bibliographical Organization of Ignorance, Stupidity, Error, and Unreason: Part Two. Knowledge Organization , [s. l.], v. 36, n. 4, p. 249–260, 2009. DOI 10.5771/0943-7444-2009-4-249. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=47660332&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
4	BONDARENKO, O.; JANSSEN, R. Connecting visual cues to semantic judgments in the context of the office environment. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 60, n. 5, p. 933–952, 2009. DOI 10.1002/asi.21044. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=37819144&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
5	CHALMETA, R.; GRANGEL, R. Methodology for the implementation of knowledge management systems. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 59, n. 5, p. 742–755, 2008. DOI 10.1002/asi.20785. Disponível em:	Rejeitado	CE.4

	https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=30081005&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.		
6	CRYSTAL, A.; GREENBERG, J. Usability of metadata creation application for resource authors. Library and Information Science Research , v. 27, n. 2, p. 177–189, 2005. DOI: 10.1016/j.lisr.2005.01.012. Disponível em: https://www.sciencedirect.com.ez24.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S074081880500006X . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
7	DESOUZA, K. C.; AWAZU, Y. Maintaining knowledge management systems: A strategic imperative. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 56, n. 7, p. 765–768, 2005. DOI 10.1002/asi.20149. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=17073856&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
8	DOMINICH, S.; KIEZER, T. A measure theoretic approach to information retrieval. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 58, n. 8, p. 1108–1122, 2007. DOI 10.1002/asi.20586. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=25200747&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
9	FRÂNCO, V.; SABO, C.-N. Implementation of a UDC-Based Multilingual Thesaurus in a Library Catalogue: The Case of BiblioPhil. Knowledge Organization , [s. l.], v. 37, n. 3, p. 209–215, 2010. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=52351398&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
10	HARMON, G. Empowering Accelerated Personal, Professional and Scholarly Discovery Among Information Seekers: an Educational Vision. Journal of Education for Library & Information Science , [s. l.], v. 54, n. 1, p. 81–93, 2013. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=87349615&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
11	HARPER, R. Knowledge Management through the Lens of Library and Information Science: A Study of Job Advertisements. Library Trends , [s. l.], v. 61, n. 3, p. 703–734, 2013. DOI 10.1353/lib.2013.0009. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=87854728&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
12	JIANN-CHERNG SHIEH; HUANG-WEI LIN. The Study of Web Findability Based on Its Breadth and Depth. Journal of Educational Media & Library Sciences , [s. l.], v. 50, n. 2, p. 255–288, 2012. DOI 10.6120/JoEMLS.2012.502/0484.RS.CM. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=86000617&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
13	KNEIP, J. Library Webmasters in Medium-Sized Academic Libraries. Journal of Web Librarianship , [s. l.], v. 1, n. 3, p. 3–23, 2007. DOI 10.1300/J502v01n03_02. Disponível em: https://search-ebshost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=28600727&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4

14	LAI, J.-Y. How reward, computer self-efficacy, and perceived power security affect knowledge management systems success: An empirical investigation in high-tech companies. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 60, n. 2, p. 332–347, 2009. DOI 10.1002/asi.20982. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=36165567&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
15	LARREINA, Í. A. Caso de estudio: técnicas de arquitectura de información aplicadas al desarrollo del sitio web de Ibai Intranets. El Profesional de la Información , [s. l.], v. 13, n. 3, p. 220–226, 2004. DOI 10.1080/13866710412331291946. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=13596463&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
16	LIN, F.; HSUEH, C. Knowledge map creation and maintenance for virtual communities of practice. Information Processing & Management , v. 42, n. 2, p. 551–568, 2006. DOI:10.1016/j.ipm.2005.03.026.	Rejeitado	CE.4
17	MOCHÓN, G., MÉNDEZ, E.M.; BUENO DE LA FUENTE, G. 27 pawns ready for action: a multi-indicator methodology and evaluation of thesaurus management tools from a LOD perspective, Library Hi Tech , v. 35, n. 1, pp. 99-119, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1108/LHT-11-2016-0123 .	Rejeitado	CE.4
18	OKIKE, Chikezie; KIRAN, J. Fernandes. Impact of information use architecture on load and usability. Information Processing and Management , v. 48, n. 5, p. 995–1016, 2012. DOI https://doi.org/10.1016/j.ipm.2012.04.003 . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
19	PAHOR, M.; ŠKERLAVAJ, M.; DIMOVSKI, V. Evidence for the network perspective on organizational learning. Journal of the American Society for Information Science & Technology , [s. l.], v. 59, n. 12, p. 1985–1994, 2008. DOI 10.1002/asi.20912. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=34361049&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
20	RAO, S. The role of libraries in eHealth service delivery in Australia. Australian Library Journal , [s. l.], v. 58, n. 1, p. 63–72, 2009. DOI 10.1080/00049670.2009.10735836. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=36660494&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
21	SLATER, R.; COX, C. N. Reference Desk Notes: An Online Knowledge Management System. Internet Reference Services Quarterly , [s. l.], v. 11, n. 3, p. 69–83, 2006. DOI 10.1300/J136v11n03_05. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=23540385&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.4
22	TRAMULLAS, J. Diseño y arquitectura de información para el web, 2001-2004. Un análisis bibliográfico selectivo. El Profesional de la Información , [s. l.], v. 13, n. 3, p. 202–209, 2004. DOI 10.1080/13866710412331291926. Disponível em: https://search-ebSCOhost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=13596244&lang=pt-br&site=ehost-live . Acesso em: 2 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
23	WILLIAMSON, Nancy J. Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization The 12th International ISKO Conference, Mysore, India. Knowledge Organization . 2015, v. 42, n. 1, p. 50-55. DOI: 10.5771/0943-7444-2015-1-51.	Rejeitado	CE.3

APÊNDICE E – Condução da Revisão Sistemática da Literatura Manual

Fonte: Inserção manual

Data da busca: 01/02/2022.

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca avançada da base: ("arquitetura da informação" OR "information architecture" OR "arquitectura de la información")

Idioma: português

Período: sem restrição, conforme Protocolo.

Filtro: texto completo e revistas acadêmicas.

Resultado: 1 documento

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	ROBREDO, Jaime. Sobre arquitetura da informação. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI) , Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 115-137, jul./dez. 2008. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1209 . Acesso em: 15 jun. 2021.	Aceito	CI.1

APÊNDICE F – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da SciELO

Fonte: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*

Data da busca: 28/12/2021

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca simples da base: ("arquitetura da informação") OR ("information architecture") OR ("arquitectura de la información") AND ("organização do conhecimento") OR ("knowledge organization") OR ("organización del conocimiento")

Idioma: português, inglês e espanhol

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 2010 até 2021

Filtro: todos os índices

Resultado: 12 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	BISSET ALVAREZ, Edgar; VIDOTTI, Silvana Ap. B. G.; PASTOR-SANCHÉZ, Juan Antonio. (2021). Arquitetura da Informação Pervasiva: um modelo para Bibliotecas Universitárias. Revista Interamericana de Bibliotecología , v.44, n. 2, eIn3. DOI https://doi.org/10.17533/udea.rib.v44n2eIn3 .	Rejeitado	CE.4
2	CORDA, M. C.; VIÑAS, M. Arquitectura de sitios web de bibliotecas universitarias: el sistema de bibliotecas de la universidad nacional de la plata, argentina. Palabra Clave (Argentina) , v. 3, n. 1, p. 52-64, 2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/62443 . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
3	CRUZ-MUNDET, José Ramón; DÍEZ-CARRERA, Carmen. Sistema de Información de Archivo Abierto (OAIS): luces y sombras de un modelo de referencia. Investigación Bibliotecológica: Archivonomía, Bibliotecología e Información , v. 30, n. 70, set./dez. 2016, p. 221-247. DOI http://dx.doi.org/10.1016/j.ibbai.2016.10.010 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Rejeitado	CE.4
4	GONZALEZ GARCIA, Dahily <i>et al.</i> Arquitectura de la información para la gestión en Centro Coordinador de Urgencias y Emergencias Médicas. Rev Ciencias Médicas , Pinar del Río, v. 22, n. 2, p. 103-110, abr. 2018. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1561-31942018000200013&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 31 jan. 2022.	Rejeitado	CE.2
5	GONZALEZ SUAREZ, Beatriz; NUNO MORAL, María Victoria. Tendencias actuales de arquitectura de información en colecciones cartográficas digitales españolas. Investig. bibl , Ciudad de México, v. 29, n. 67, p. 141-166, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2015000300141&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 1 fev. 2022.	Rejeitado	CE.2
6	JACOME MORENO, Cristóbal Andrés. Fábrica de imágenes arquitectónicas: El caso de México en 1968. An. Inst. Investig. Estét , Ciudad de México, v. 32, n. 96, p. 77-107, agosto 2010. Disponible en http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-12762010	Rejeitado	CE.5

	000100004&lng=es&nrm=iso>=. accedido en 01 feb. 2022. https://doi.org/10.22201/iie.18703062e.2010.96.2308 .		
7	MARTIN FOMBELLIDA, Ana Belén <i>et al.</i> ¿La información sobre automedicación disponible en internet reúne criterios de calidad?. Rev. cuba. inf. cienc. salud , La Habana, v. 27, n. 1, p. 19-34, mar. 2016. Disponible em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2307-21132016000100003&lng=es&nrm=iso . Acceso em: 01 feb. 2022.	Rejeitado	CE.4
8	MARTINEZ TRUJILLO, Nelcy; TORRES ESPERON, Maricela. El espacio virtual de identidad en las redes de enfermería. Rev Cubana Enfermer , Ciudad de la Habana, v. 30, n. 4, dic. 2014. Disponible en http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192014000400007&lng=es&nrm=iso . accedido en 01 feb. 2022.	Rejeitado	CE.2
9	RODRIGUEZ CASTILLA, Liuris; GONZALEZ HERNANDEZ, Delly Lien and PEREZ GONZALEZ, Yudeisy. De la arquitectura de información a la experiencia de usuario: Su interrelación en el desarrollo de software de la Universidad de las Ciencias Informáticas. E-Ciencias de la Información , 2017, v. 7, n.1, p. 155-176. http://dx.doi.org/10.15517/eci.v7i1.24317 .	Rejeitado	CE.2
10	SANCHEZ DIAZ, Marlery; RAMIREZ CESPEDES, Zulia; SORIANO SUAREZ, Yusimí. Rediseño del sitio web del Centro Nacional de Biopreparados de acuerdo con las tendencias actuales en homólogos. Rev. cuba. inf. cienc. salud , La Habana, v. 30, n. 3, e1365, set. 2019. Disponible em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2307-21132019000300004&lng=es&nrm=iso . Acceso em: 31 jan. 2022.	Rejeitado	CE.2
11	SILVA, Edilene Maria; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de y MONTEIRO, Samuel Alves. Arquitetura da informação em repositórios institucionais: desafios e perspectivas. Investig. bibl , 2018, v. 32, n. 76, p.45-61. DOI https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2018.76.57975 .	Rejeitado	CE.2
12	VIQUEZ, Cindy Elena. Tesouro Especializado en Ciencias del Movimiento Humano (TECMH). E-Ciencias de la Información , San Pedro de Montes de Oca, v. 8, n. 2, p. 1-18, dez. 2018. DOI http://dx.doi.org/10.15517/eci.v8i2.30009 . Disponible em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1659-4142201800200001&lng=en&nrm=iso . Acceso em: 24 jan. 2022.	Rejeitado	CE.4

APÊNDICE G – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da Scopus

Fonte: Scopus

Data da busca: 27/12/2021

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento.

String copiada do motor de busca da base: TITLE-ABS-KEY ("information architecture" AND "information science" AND "knowledge organization") AND (LIMIT-TO (LANGUAGE , "English"))

Idioma: inglês

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 2005 até 2019

Filtro: view at publisher

Resultado: 6 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	GREENBERG, J.; MÉNDEZ, E. Knitting the Semantic Web . London: Routledge, 2013.	Rejeitado	CE.1
2	HJORLAND, Birger. Knowledge Organization = Information Organization? <i>In: Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference 2012</i> , Mysore, India, ed. A. Neelameghan and K.S. Raghavan. (Advances in Knowledge Organization, v. 13)	Aceito	CI.1
3	LUND, H.; ØRNAGER, S. Company taxonomy development: the case of an international emergency response organization. Aslib Journal of Information Management , v. 68, n. 2, p. 193-211, 2016. DOI https://doi.org/10.1108/AJIM-09-2015-0140 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Rejeitado	CE.4
4	PATTUELLI, M. C. Knowledge organization landscape: a content analysis of introductory courses. Journal of Information Science , v. 36, n. 6, p. 812–822, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0165551510388118 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Aceito	CI.1
5	RAFFERTY, P. Disrupting the metanarrative: a little history of image indexing and retrieval. Knowledge Organization , v. 46, n. 1, p. 4–15, 2019. DOI https://doi.org/10.5771/0943-7444-2019-1-4 .	Rejeitado	CE.4
6	RESMINI, Andrea; ROSATI, Luca. Semantic Retail: towards a Cross-Context Information Architecture. Knowledge Organization , v. 35, n. 1, p. 5-15, 2008. DOI doi.org/10.5771/0943-7444-2008-1-5 . Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2008-1-5.pdf?download_full_pdf=1 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Rejeitado	Duplicado

APÊNDICE H – Condução da Revisão Sistemática da Literatura da *WoS*

Fonte: *Web of Science (WoS)*

Data da busca: 27/12/2021

Palavras-chave utilizadas na busca: Arquitetura da Informação e Organização do Conhecimento

String copiada do motor de busca avançada da base: "information architecture" (Tópico) and "knowledge organization" (Tópico)

Idioma: inglês

Período: sem restrição, conforme Protocolo, e resultados incluem documentos de 1945 até 2021

Filtro: tópico

Resultado: 4 documentos

Lista de documentos encontrados:

	Referências	Seleção	Observação
1	HJORLAND, Birger. Knowledge Organization = Information Organization?" <i>In: Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference 2012, Mysore, India</i> , ed. A. Neelameghan and K.S. Raghavan. (Advances in Knowledge Organization, v. 13)	Rejeitado	Duplicado
2	LUND, H.; ØRNAGER, S. Company taxonomy development: the case of an international emergency response organization. Aslib Journal of Information Management , v. 68, n. 2, p. 193-211, 2016. DOI https://doi.org/10.1108/AJIM-09-2015-0140 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Aceito	CI.1.
3	PATTUELLI, M. C. Knowledge organization landscape: a content analysis of introductory courses. Journal of Information Science , v. 36, n. 6, p. 812–822, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0165551510388118 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Aceito	CI.1.
4	RESMINI, Andrea; ROSATI, Luca. Semantic Retail: towards a Cross-Context Information Architecture. Knowledge Organization , v. 35, n. 1, p. 5-15, 2008. DOI doi.org/10.5771/0943-7444-2008-1-5 . Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2008-1-5.pdf?download_full_pdf=1 . Acesso em: 31 jan. 2022.	Aceito	CI.1.